

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

RAFAEL FRANÇA GONÇALVES DOS SANTOS

AS APARÊNCIAS ENGANAM? O FAZER-SE TRAVESTI EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES-RJ (2010-2011)

CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

2012

RAFAEL FRANÇA GONÇALVES DOS SANTOS

AS APARÊNCIAS ENGANAM? O FAZER-SE TRAVESTI EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES-RJ (2010-2011)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marinete dos Santos Silva.

CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

2012

Dissertação intitulada *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2011)*, elaborada por Rafael França Gonçalves dos Santos e apresentada publicamente perante a Banca Examinadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Mestrado em Sociologia Política, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

Aprovada em 27 de junho de 2012.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marinete dos Santos Silva (orientadora)

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Prof. Dr. Carlos Eugênio Soares de Lemos

Universidade Federal Fluminense – Polo Universitário Campos dos Goytacazes

Prof.^a Dr.^a Luciane Soares da Silva

Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro

Prof. Dr. Vitor Moraes Peixoto

Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro



AGRADECIMENTOS

As primeiras palavras de agradecimento soam como uma pequena tentativa de demonstrar o reconhecimento à dedicação, luta e esforço incansáveis de uma mulher e um homem que me ensinaram ser possível conquistar os sonhos mais distantes e que a educação é um dos caminhos mais seguros que se pode trilhar: muito obrigado mãe e pai. Ainda que, por vezes, não saiba explicitar, sou sempre grato por tudo o que aprendi com vocês;

Aos irmãos, Carlos Mair e Guilherme, com quem desde muito criança, dividi diferenças, conflitos e embates. A maturidade fez com que aprendêssemos cada vez mais uns com os outros;

Às cunhadas, Camilla Portella e Gláucia Berimba;

Aos familiares: tios, tias, primos, primas, pelo apoio e incentivo constantes. Muito obrigado madrinha Aliete, tia Marta e tia Sonia.

À professora, mestra, educadora e amiga, Irene Rodrigues de Oliveira, que desde o primeiro ano da graduação em História, em 2005, incitou-me a pensar diferentemente do que já havia pensado; apresentou-me Michel Foucault e fez-me acreditar que seria possível trilhar estes caminhos;

Aos amigos e amigas da época da graduação; o apoio e incentivo foram fundamentais para que eu tivesse coragem para seguir em frente: Suzy Ramos, Elisa Alcântara, Carlos Roberto (Gulô), Bruna Gomes, Aline Duarte, Isabelle Celina, Flávia Débora, Emiliana Magalhães, Joanice Vigorito, Tânia Bassi, Paulo Célio, Mariléa Almeida, Antônio Marcelo Jackson, Waldir Bedê (*in memoriam*) e aos sempre amigos e amigas: Ludiene Gaione, Fábio Carvalho, Rodrigo Ribeiro, Raul Santos, Priscila Cristine, Cátia Matos, Tatiana Andrade, Lívia Itaborahy.

Às amigas e amigos de longa data: Dayanne Ingrid, Sohraya Ruena, Gregory Lopes e Leilimar; e àquela que chegou recentemente: Priscila Riscado.

À Priscila Bento, pelo incentivo desde sempre e palavras de apoio;

À Marinete dos Santos Silva, orientadora atenciosa, pessoa gentil e amiga, com quem partilhei a árdua tarefa de produzir esta pesquisa, articular teorias e discutir conceitos; muito obrigado pelos desafios propostos e amparo para superá-los;

Aos colegas do ATEGEN (Atelier de Estudos de Gênero da UENF), pelos momentos de troca de experiências, bibliografias e dúvidas: Marusa Bocafoli, Renata de Souza, Flávia, Pedro Fernandes, Daniela Bogado, Fábio Bila, Sana Gimenes, Jaime Baron e José Henrique; em especial à Cristiane de Cássia, pela simplicidade e dedicação ímpares;

À equipe da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida pela gentileza e compreensão nos momentos em que me fiz ausente, e pelo incontestado apoio desde minha chegada, em 2008; e aos educandos e educandas desta escola, que me provocam com seus dizeres e fazeres;

À República Alcoólatras Agrônomos pelos momentos de vivência, conflitos e consensos durante os anos de 2010 e 2011: Rodrigo, Gilberto, Gedison, Rafael, Yan, Thadeu e Carlos Mair;

Aos amigos e amigas da turma de Sociologia Política da UENF – 2010, que me fizeram perceber que o ambiente acadêmico não precisa ser tão árido: Rodinele, Lívia, Anízio, José Henrique, Cristiane de Cássia; em especial aos amigos que me auxiliaram em muitas reflexões, além de serem companhias muito agradáveis: Ana Carla e Flavilio;

Reconheço, ainda, o auxílio ímpar de Fagno Pereira da Silva, sempre gentil e muito solícito, facilitou meu acesso ao campo de pesquisa por meio do Projeto de Extensão da UENF, bem como pudemos partilhar muitas conversas durante as caminhadas noturnas do Parque Califórnia ao centro da cidade;

Sendo impossível agradecer a todos e todas que contribuíram com reflexões, ideias, perguntas ao longo desses dois anos de intensos debates, gostaria de pontuar alguns nomes que estiveram mais presentes, e aguentaram minhas conversas quase sempre em torno do mesmo assunto: Verônica (e toda sua família que me abrigou com carinho especial em Bom Jesus do Norte-ES), Aurora Cristina (que me alimentou com carinho e muitas perguntas na planície goitacá), Francismara (mesmo distante, minha irmã de leite, de ideias e cabelos), Andréa Paixão (as saídas, viagens, conversar e risos) e Tatiana Fusco (prima que sempre me incentivou);

Muito obrigado ao Prof. Dr. Fábio Henrique Lopes, com sua generosidade em compartilhar saberes, por instigar-me a explorar outras perspectivas, e à Prof.^a Dr.^a Luciane Soares, pela leitura atenta e pelos questionamentos lançados na defesa do projeto. Em tempo, agradeço a participação do Prof. Dr. Vitor Moraes Peixoto e do Prof. Dr. Carlos Eufrasio Soares de Lemos, além da Prof.^a Dr.^a Luciane Soares, que aceitaram participar da defesa desta dissertação;

Ao Prof. Dr. Gabriel Henrique da Silva, do CCT – UENF, pela revisão das tabelas e quadros;

Por fim, mas não menos importante, agradeço especialmente às travestis de Campos dos Goytacazes que participaram desta pesquisa. Em especial, dedico um agradecimento a alguém cuja presença só é possível, desde 01 de janeiro de 2012, em nossas memórias: Ingrid Ávila, a *Poupinha*¹.

¹ Ingrid Ávila foi assassinada com quatro tiros no tórax dentro da casa de uma amiga, pouco depois da meia noite, no dia 1º de janeiro de 2012, enquanto festejava o Réveillon.

Dedico este trabalho ao meu pai, Mair e à minha mãe, Arlete, por tudo o que são; e aos meus irmãos, Carlos Mair e Guilherme.

RESUMO

As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2011)

Uma das questões que ainda merece destaque na sociedade Ocidental atual é a sexualidade dos sujeitos que, como destacado por Michel Foucault, funciona como um dispositivo discursivo capaz de criar, controlar e organizar a vida em sociedade. Quando se fala da sexualidade pensa-se, por conseguinte, em sujeitos que possuem/são um corpo sexualizado e que, assumem determinado gênero. Historicamente as sociedades Ocidentais fizeram do trinômio: sexo/gênero/sexualidade, a regra de conduta fundamental para todos os sujeitos, de modo a estabelecer os comportamentos normais, daqueles que satisfizessem esse projeto linear, e os anormais, os que subvertiam em algum sentido essa ordem. É, portanto, nessa dimensão da organização de corpos sexuados permeados por jogos de saber e poder que se pretende analisar o movimento do *fazer-se*, realizado pelas travestis que atuam na prostituição de rua na região central de Campos dos Goytacazes, cidade do interior do Rio de Janeiro. Para tanto, serão problematizadas algumas questões como: o processo de transformação corporal empreendido por elas, buscando identificar a pluralidade de técnicas utilizadas na construção do corpo almejado; a dimensão assumida pela travestilidade e pela prostituição na vida desses sujeitos; e como é a relação com os clientes, destacando o jogo feito com a masculinidade desses homens que as procuram nas ruas.

Palavras-Chave: gênero, corpo, travestilidades, prostituição, masculinidades.

ABSTRACT

Looks can be deceiving? Turning into a travesty in Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2011)

One of the issues that will deserve attention actually in Occidental society is the individual sexuality that, as pointed out by Michel Foucault, functions as a discourse device able to create, manage and organize the life. When speaking of sexuality it is believed, therefore, in individuals who have/are sexed body, assume specific genus. Historically, Western societies have the triad: sex/gender/sexuality, the fundamental rule of conduct for all individuals in order to establish the normal behavior of those who met this linear project, and the abnormal, the ones that subverted in some sense this order. It is, thus, this dimension of the organization of sexed bodies permeated by knowledge and power games that aims to analyze the movement to *turn into* a travesty, conducted by transvestites who work in street prostitution in downtown area in Campos dos Goytacazes inner city of the Rio de Janeiro. So it must be problematized such issues as: the process of bodily transformation undertaken by them in order to identify the variety of techniques used in the construction of the desired body, the size assumed by travestility and by prostitution in the lives of these individuals, and how is the relationship with the clients, highlighting the game made with the masculinity of those men who seek them in the streets.

Keywords: gender, body, travestilities, prostitution, masculinities.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 01 – Distribuição mensal dos assassinatos de homossexuais no Brasil em 2008....p. 40
Tabela 02 – Profissão dos (as) homossexuais assassinados no Brasil em 2008.....p. 40
Tabela 03 – Local do assassinato de homossexuais no Brasil em 2008.....p. 41
Quadro 01 – Dias da semana de visita ao campo.....p. 72
Quadro 02 – Corpos (re) feitos.....p. 100
Quadro 03 – Características das entrevistadas.....p.158

LISTA DE SIGLAS

ANTRA – Articulação Nacional de Travestis e Transexuais

ASTRA-RIO – Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro

CG – Campos dos Goytacazes

CID-10 – Classificação Internacional de Doenças (10ª edição)

E. F. – Ensino Fundamental

E. M. – Ensino Médio

FDC – Faculdade de Direito de Campos

FTM – Female to Male (transexual masculino)

GGB – Grupo Gay da Bahia

GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis e Transexuais

GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

MTF – Male to Female (transexual feminina)

RJ – Rio de Janeiro

TFP – Tradição, Família e Propriedade

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UGB – FERP – Centro Universitário Geraldo Di Biase – Fundação Educacional Rosemar Pimentel

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo 1 – Discursos insidiosos: sexualidades, gêneros e poderes	21
Introdução	21
1.1 Diferenças entre iguais: a homossexualidade em perspectiva.....	26
1.2 Travestis: toques e truques na arte do fazer-se.....	30
1.2.1 No palco, na pista, na ponte: a travestilidade como festa, transgressão e enquadramento...	30
1.2.2 Travestilidades e história.....	41
Capítulo 2 – Entre normas, formas e cores: aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa	50
2.1 Argumentos teóricos: gênero, dominação e heterossexualidade.....	50
2.2 O (s) nós da pesquisa: pesquisador e pesquisadas em negociação.....	64
Capítulo 3 – Fazer vida é fazer-se na vida? Travestis, clientes e prostituição na região central de Campos dos Goytacazes.....	71
Introdução	71
3.1 “Campos, terra do açúcar e do melado, em cada janela uma puta, em cada esquina um veado.”73	
3.2 Monas, travas ou <i>veados</i> da 21 de Abril: quem são elas?	77
3.3 Travestilidades possíveis: arquitetando corpos hierarquizados.....	95
3.4 Prostituição: sentidos e significados	114
3.5 <i>Bofes</i> , <i>mariconas</i> e <i>vícios</i> : norma e desvio no jogo das masculinidades sexualizadas	126
3.5.1 Sobre o (não) contato com os clientes.....	126
3.5.2 Relações insólitas: o que querem os clientes?.....	129
Considerações finais.....	146
Referências bibliográficas.....	151
ANEXO 1 – Quadro 03: Características das entrevistadas.....	158
ANEXO 2 – Imagens da <i>pista</i> de Campos dos Goytacazes	159
ANEXO 3 – Roteiro da entrevista semiestruturada.....	163
ANEXO 4 – Termo de consentimento livre e esclarecido	164

Introdução

Meu contato com esta temática de pesquisa é ligeiramente recente, mas não por isso menos intenso. Há algum tempo já alimentava uma curiosidade em relação à construção de determinados padrões comportamentais e o tratamento que a sociedade confere àqueles que não se enquadram nesses padrões. Dessa forma, ao longo do curso de graduação em História, no UGB-FERP em Volta Redonda - RJ, interessei-me por estudar a loucura enquanto uma produção social, que culminou com a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *A insidiosa produção da loucura na cidade industrial – Volta Redonda (1964-1994)*, finalizado em 2008.

No início de 2009, já em vias de mudar-me para Campos dos Goytacazes, vislumbrei a possibilidade de cursar a disciplina *Cidadania, Gênero e Desigualdades*, oferecida pela Prof.^a Dr.^a Marinete dos Santos Silva no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro. Após um semestre de trabalho intenso, chegava a hora de apresentar o trabalho final – a elaboração de um projeto de pesquisa com a temática discutida ao longo do curso. A partir de uma indicação da Professora Marinete, soube que no centro da cidade havia uma rua de prostituição com muitas travestis. Até então, essa realidade era por mim desconhecida, mesmo porque estava há menos de seis meses na cidade.

Com essa informação fui tomado por uma profusão de sentimentos: da euforia à ansiedade, passando ligeiramente pelo medo. Era a possibilidade que se descortinava para debater uma temática que há muito me incomodava, mas para a qual ainda não havia canalizado a devida atenção. Ainda que a pesquisa seja pretensamente objetiva, passa sempre pela subjetividade do pesquisador; dessa forma, a possibilidade de trabalhar com as travestis insinuava-se como um verdadeiro desafio, na medida em que seria obrigado a lidar com as questões de gênero e sexualidade.

Aceitei o desafio. O primeiro passo foi conhecer a área na qual as travestis atuavam. E assim o fiz. Na primeira quinzena de junho de 2009 fui até a Rua 21 de Abril – localidade reconhecida em Campos dos Goytacazes como a rua de prostituição de *veados*. Por questões práticas, resolvi ir de bicicleta. Acabei ficando apenas duas horas transitando pela rua, das 20 às 22 horas; nesse período vi apenas 3 ou 4 travestis, e que não estavam na 21 de Abril, mas

em uma rua paralela – Rua dos Andradas. De pronto, já se insinuava alguma mudança no território da prostituição de travestis em Campos – a Rua 21 de Abril deixou de ser o espaço, cedendo lugar à Rua dos Andradas e, como identifiquei mais tarde, à Rua Tenente Coronel Cardoso (Formosa).

Durante o segundo semestre de 2009 dediquei-me ao aperfeiçoamento do projeto, realizando mais algumas visitas ao campo. Nesta oportunidade conheci Fagno Pereira da Silva que, sem dúvida, possibilitou sobremaneira minha entrada no campo. À época, Fagno finalizava seu trabalho etnográfico na região, tendo pesquisado a dinâmica da prostituição travesti no centro da cidade e atuava no projeto de extensão da UENF, dedicando-se à prevenção de DST-Aids com esta população. Passei a acompanhá-lo durante a entrega de preservativos. Inicialmente tive receio, que não era motivado pelas considerações do senso-comum sobre a *periculosidade* das travestis, mas por saber que estaria em vias de lidar com algumas questões subjetivas ainda delicadas para mim.

Deparei-me com uma realidade: o contato com seres tão transparentes teria um efeito *devastador* sobre a minha pessoa, na medida em que seria obrigado a ser menos introspectivo. Desde o primeiro contato mais direto com elas, no dia 27 de agosto de 2009, constatei que esse temor era coerente, e muito instigante. Bem sabemos que no trabalho de campo situações inusitadas colocam o pesquisador *contra a parede*: e este era o meu maior desafio, do qual não queria me esquivar. Logo neste primeiro dia, indo à rua com o Fagno, uma das travestis disse que queria me namorar, situação que, com muito esforço, consegui me desvencilhar. Embora soubesse que esta seria a primeira de muitas situações, sentia-me instigado a continuar; e assim começaram as visitas ao campo – em geral perfazíamos o trajeto saindo do Parque Califórnia, passando pela Avenida 7 de Setembro, Rua dos Andradas e Rua Tenente Coronel Cardoso. Apesar de ter me identificado, desde os primeiros contatos, como pesquisador, muitas foram as investidas feitas por elas; percebi que algumas das travestis viam em mim um possível *vício*.

Tenho consciência de que esta situação se dava (e ainda se dá em alguns momentos) por eu não apresentar uma identificação de grupo com elas como ocorreu com Don Kulick em sua etnografia com um grupo de travestis de Salvador. Segundo ele: “Minha condição de ‘viado’ assumido parecia significar que eu era, na prática, uma das meninas, e que provavelmente não manifestaria nenhum interesse sexual por elas.”² Minha performance de

² KULICK, Don. **Travestis**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 33

gênero se aproximava de uma postura que elas atribuem ao homem – bofe, de modo que eu não era visto por elas como *uma gay*³. Este fator limitou algumas aproximações, já que certas informações mais pessoais não eram compartilhadas comigo, ao mesmo tempo em que me possibilitou contatos inesperados, falas curiosas e situações interessantes. Por isso não penso que a não identificação mais óbvia tenha sido um aspecto negativo; já que pude construir leituras muito ricas das percepções delas sobre mim. Este aspecto fez-se suficiente e extremamente válido, pois jamais alimentei a pretensão de buscar a verdade das travestis ou descobrir seus *segredos*.

Considerando que a neutralidade científica é um embuste e que invariavelmente a subjetividade do pesquisador influencia em grande medida as análises, gostaria de destacar, desde já, um aspecto relevante deste trabalho: a ausência de elaborações herméticas e/ou classificações deterministas sobre o gênero, a sexualidade e sobre as próprias travestis. Justifico isso não como uma tentativa de esquivar-me da responsabilidade de quem escreve, ou como um escudo que me posicione (des) confortavelmente sobre um muro da imparcialidade, mas sim tendo em vista a realidade analisada e as respostas (questões) que foram construídas durante as incursões no campo e as entrevistas. Ainda que muitos pontos comuns tenham aparecido, o cerne do trabalho foi a busca pelo diverso: as formas pelas quais esses sujeitos podem *fazer-se* como travestis e vivenciar esta experiência. Como pretendo demonstrar, a travestilidade desponta enquanto um fenômeno plural e amplamente diverso, não muito diferente das formas de masculinidades e feminilidades presentes na sociedade.

No início das reflexões sobre a temática fui constantemente indagado por outrem e por mim mesmo: afinal, o que é uma travesti⁴? Primeiramente apareceram as respostas mais óbvias recorrentes no senso comum: um ser ambíguo; um homem vestido de mulher; uma bicha louca; uma mulher incompleta; um homossexual masculino que assume integralmente sua homossexualidade. Essas respostas tentavam, em vão, dar conta da *verdade do ser* das travestis. É claro, que eram insuficientes, tanto mais por reforçarem o olhar estigmatizador lançado sobre elas. Por outro lado, se quisesse recorrer ao saber científico, particularmente o saber médico, poderia encontrar, sem muita dificuldade, a definição estabelecida na

³ Termo êmico utilizado para designar homossexuais masculinos que apresentam um comportamento mais feminino.

⁴ Embora o dicionário da língua portuguesa indique este substantivo como masculino, justifico seu uso no feminino como forma de ser coerente com a identidade de gênero das travestis e, mesmo porque, o coletivo organizado deste grupo reivindica que assim o seja.

Classificação Internacional de Doenças – 10ª versão (CID-10), em seus códigos F. 64.0, F 64.1, F 65.1.⁵ que definem os transtornos de identidade e de preferência sexual.

Este repertório pareceu-me insuficiente para elaborar uma resposta coerente e que fosse capaz de abarcar a complexidade que envolve a travestilidade. De tal modo que o primeiro passo que me propus foi uma reflexão crítica sobre a classificação apresentada no CID-10, e optei por não enveredar por este viés. Mesmo que as travestis tenham nascido XY e construído um feminino sobre esta base biológica que a sociedade classifica como masculina, pareceu-me simplista por demais considerá-las como homens vestidos de mulher. O debate poderia ficar mais enriquecedor se buscasse perceber os processos de transformação empreendidos pelas travestis; processos esses que podem ter aspecto de eternidade ou findarem em uma manhã de domingo. Mesmo que não alimentasse a visão idílica de pensar que as travestis eram seres extremamente revolucionários, pois transgrediriam a heteronorma, era inegável a constatação de que a travestilidade instaurava um desequilíbrio no sistema de sexo e gênero. Então, passei a refletir sobre o caráter sociocultural e histórico que orientou a construção das noções de gênero: masculino e feminino, e seguindo essa trilha, até mesmo a concepção de que o sexo é um atributo biológico, portanto natural, tornou-se passível de questionamento. O sexo também pode e deve ser percebido como um produto da cultura; nosso olhar pode ser muito mais interessante quando o percebemos sob essa ótica.

Talvez, seja justamente por colocar em questão a naturalização dessas noções tão caras à cultura ocidental, que as travestis sejam alvos de processos violentos de discriminação e até mesmo violência física. O sexo como verdade do indivíduo, concepção invocada desde o século XIX, ficaria esfumado na experiência da travestilidade. Por isso, justifiquei logo no início, que não apresentaria uma classificação hermética sobre a travestilidade, tendo em vista que esta seria uma tentativa de enquadramento de algo que deve ser percebido no plural.

A análise da travestilidade compreende uma gama de possibilidades, muitas das quais já exploradas em alguns estudos atuais. A maior parte desses trabalhos aborda o caminho da prostituição. Essa associação entre travestis e prostituição não é simpática, menos ainda simplista. Se por um lado é importante advertir que ser travesti não é sinônimo de ser prostituta, por outro, parece inegável, ainda, a relevância da prostituição na compreensão de parte considerável do (s) universo (s) das travestis; já que muitas iniciam suas transformações

⁵ Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm> - Acessado em 28 de março de 2011.

corporais a partir da inserção na prostituição e, como demonstrado por Larissa Pelúcio, a *pista* é um dos lugares privilegiados na construção das travestis.⁶

Assim, na medida em que se multiplicam os estudos sobre a temática, maiores são as possibilidades analíticas para abordá-la. Neste trabalho, orientar-me-ei pela análise sob a perspectiva de gênero, buscando compreender como são elaboradas essas vivências do masculino e feminino. Considerando essas realidades como relacionais, o gênero permite com que identifiquemos a tensão que está em jogo nesse processo, permeado por uma disputa de poder. Isso porque encontramos, como já fora identificado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, em uma realidade arquitetada pela dominação masculina. Fruto de um esforço permanente para estabelecer o masculino e algumas masculinidades como naturalmente superiores às feminilidades, esse cenário possui uma historicidade.

Além da abordagem orientada pela perspectiva de gênero, utilizarei como ferramenta analítica as reflexões sobre o processo de construção da identidade masculina, conforme discussão apresentada por Elizabeth Badinter⁷, a fim de tentar compreender como esta superioridade masculina foi forjada por um sistema discursivo que pretendem organizar hierarquicamente os homens: evidenciando-se a tentativa de definir quem são os homens de verdade. Considerando que estas são realidades construídas socialmente e localizáveis historicamente, fica evidente que não são todos os indivíduos que estarão enquadrados nesse sistema. Aqueles que não estão dispostos a se submeterem, a sociedade articula alguns instrumentos de coerção. Daniel Welzer-Lang identifica a homofobia como um desses instrumentos, que termina por conferir legitimidade a um determinado modelo de sociedade. Em março de 2011, a Revista *Época* divulgou uma reportagem intitulada *Amor e ódio aos gays*, em que relata parte dessa sorte de agressões impetradas contra homossexuais, e até o posicionamento de países como o Irã e o Zimbábue que promovem uma perseguição oficial contra os (as) homossexuais.⁸

Gênero, sexo e sexualidade são instâncias diferenciadas, mas que se misturam no social de forma intrigante. A sociedade ocidental, principalmente a partir do século XIX, definiu uma associação entre esses três elementos, da qual podemos extrair a seguinte

⁶ PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**. julho/dezembro de 2005.

⁷ BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁸ Revista *Época*. **Amor e ódio aos gays**. Editora Globo, nº 668; 07/03/2011. p. 96-102. 122 p.

definição: masculino – homem – heterossexual, em oposição à sequência: feminino – mulher – heterossexual. O embaralhamento dessa organização e a possibilidade de inserir a categoria homossexual em uma das duas, foi considerado como uma patologia, um desvio ou até mesmo um crime. Neste aspecto o saber médico foi invocado para identificar possíveis desvios nos indivíduos que não apresentassem essa relação equilibrada. E, como pudemos constatar, esse saber agiu sem muitos pudores para que a ordem heterossexista fosse estabelecida com êxito. Neste sentido, valho-me das ponderações de Foucault⁹, considerando que os saberes produzidos garantem o exercício de poderes, e estes formam e transformam a organização social.

Partindo deste lugar de reflexão, organizei a escrita dessa dissertação em três momentos. No primeiro capítulo, intitulado *Discursos insidiosos – sexualidades, gêneros e poderes*, apresento algumas reflexões sobre a homossexualidade e a travestilidade, na busca pela compreensão da historicidade desses fenômenos. Não pretendo traçar uma cronologia linear e menos ainda, chegar às suas origens; todavia, creio que seja relevante indicar algumas das discontinuidades que envolvem o desenvolvimento de uma compreensão que temos atualmente sobre as homossexualidades bem como aquilo que imaginamos ser a travestilidade. Ainda que seja prudente considerar a inter-relação estabelecida entre a travestilidade e a homossexualidade, vale destacar que não são sinônimos, pois mobilizam instâncias diferenciadas das vidas dos sujeitos.

Sob o título *Entre normas, formas e cores – aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa*, no capítulo seguinte, apresento o debate teórico e metodológico que orientou a construção deste trabalho, expondo as ferramentas analíticas utilizadas na construção e leitura dos dados da pesquisa. A partir dos conceitos de gênero, heterossexismo e dominação masculina, busquei delinear o cenário em que se desenvolve esse espetáculo; e com alguns argumentos elencados pelos teóricos do campo conhecido como Teoria Queer, pretendo produzir uma leitura dos processos de transformação corporal empreendidos pelas travestis.

Fazer vida é fazer-se na vida?, esta pergunta intitula o terceiro capítulo que é um convite para se conhecer parte do universo das travestis que atuam na prostituição de rua em Campos dos Goytacazes: as experiências da rua; os processos de (re) construção do corpo e a relação com os homens que as procuram nas ruas – os clientes. A prostituição é o único meio de vida? É um complemento da renda? Como as travestis vivenciam essa realidade? Essas

⁹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

são algumas das questões elencadas. Desse modo, outros momentos da vida cotidiana das travestis emergem: um cotidiano mais humano do que muitos podem imaginar. Este capítulo encontra-se dividido em cinco partes, a fim de oferecer um tratamento mais cuidadoso aos dados produzidos. Na primeira parte localizo o espaço da cidade de Campos dos Goytacazes, apresentando alguns valores e costumes que ainda estão presentes nessa cidade, que é palco de situações no mínimo intrigantes, estando envolvida em um misto de desenvolvimento tecnológico e científico ao mesmo tempo em que resguarda valores tidos como tradicionalistas e religiosos. Em seguida apresento, a partir de alguns levantamentos feitos no campo pesquisado, quem são essas travestis que estiveram nas ruas da região central de Campos durante o trabalho de campo; mesmo me esquivando da tentativa de construir um perfil desses sujeitos, alguns pontos comuns foram identificados em suas trajetórias. No item seguinte, dá-se materialidade ao corpo, com as considerações sobre os processos de transformação corpora. Posteriormente, são apresentadas algumas reflexões sobre o universo da prostituição e as implicações sociais dessa *escolha*. Finalizo com algumas ponderações sobre os sujeitos que buscam as travestis para requerer seus serviços, que envolvem sexos, desejos e dominação. Vale destacar que todas as citações de falas das entrevistadas, parcial ou integralmente, foram feitas conforme consta no original.¹⁰

Encerro o texto com as considerações finais, que pretendem ser, mais questionamentos do que conclusões. E que isso não seja tomado como uma tentativa de me eximir da responsabilidade sobre o que foi escrito. A opção de deixar questões em aberto deve-se à crença do pesquisador de que este universo de pesquisa não necessita que se criem mais verdades, já que este recurso foi amplamente utilizado por aqueles que quiseram exercer domínio sobre ele, patologizando indivíduos e comportamentos.

¹⁰ As entrevistas gravadas e transcritas encontram-se arquivadas com Rafael França Gonçalves dos Santos.

Capítulo 1 – Discursos insidiosos: sexualidades, gêneros e poderes

Introdução

Não é de hoje que a sexualidade tem sido acionada como um dispositivo de classificação social. Diversos discursos e saberes foram utilizados na construção de uma organização social pautada em critérios de normalidade e anormalidade. Foucault¹¹ demonstrou que essa articulação é permeada por relações de saber-poder, e é neste contexto que considero a emergência da dominação. Com uma postura teórica diferente, Pierre Bourdieu observou que um dos elementos presentes na organização das sociedades é a hierarquização estabelecida entre o masculino e o feminino, destacando a prevalência dos elementos masculinos, constituindo o que ele denominou de dominação masculina. Esta articulação é fruto de um jogo de poder responsável pela arquitetura de um sistema de dominação que tem tomado como paradigma o masculino. Assim, este capítulo se propõe a apresentar um debate sobre as homossexualidades e as travestilidades, entendidas como duas dimensões diferenciadas, embora relacionadas, que são utilizadas na classificação dos sujeitos, na medida em que se referem ao gênero e à sexualidade. Para tanto, considero importante localizar o campo de fala que embasa essa reflexão

Peter Berger e Thomas Luckmann já destacaram em *A construção social da realidade*, que “a realidade é constituída socialmente”.¹² Cabe à sociologia analisar esse cotidiano, em que os indivíduos se comunicam por meio da linguagem e estão em constante interação. Por meio desse questionamento, percebe-se que não há relações naturais definidas previamente, mas possibilidades de interação entre sujeitos que habitam determinado contexto social, sancionados pelo tempo que os envolve. Esses autores consideram que é no *face a face* que o outro torna-se plenamente real, enquanto o eu é produzido. Há de se pontuar que as relações sociais ocorrem no espaço da estrutura social, sendo esta a soma das tipificações e dos padrões de interação estabelecidos; este é um elemento essencial da realidade.

Sendo a vida cotidiana produto de uma ação social, pode-se pontuar que o ser humano não possui um ambiente que seja específico de sua espécie. *O homem se faz homem* em sua

¹¹ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 16. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

¹² BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A construção da realidade social**. 31. ed., Petrópolis: Vozes, 2009. p.11

relação com o ambiente natural e humano. Uma das características que marcam o ser humano, portanto, é sua capacidade de ser moldado. Do ponto de vista sexual, por exemplo, não haveria limites para a ação humana.

Toda cultura tem uma configuração sexual distinta, com seus próprios padrões especializados de conduta sexual e seus pressupostos ‘antropológicos’ na área sexual. A relatividade empírica dessas configurações, sua imensa variedade e exuberante inventividade indicam que são produtos das formações socioculturais próprias do homem e não de uma natureza humana biologicamente fixa.¹³

O indivíduo deve sempre ser considerado em seu contexto social e em uma temporalidade específica, destacando que, enquanto corpo, ele integra uma ordem social que é produto exclusivo da atividade humana. Dever-se-ia consentir, também, que os corpos não são dados naturais, visto que as possibilidades de construção dos mesmos são inúmeras, embora grande parte das sociedades ainda seja organizada na divisão binária do gênero. Portanto, perceber o corpo enquanto um constructo político seria parte desta mesma agenda de reflexão que trabalha com a realidade enquanto produção humana.

Vale ressaltar que na produção da realidade social de forma objetiva, existe a institucionalização, que age como uma ação controladora dos indivíduos. Originária do hábito, a institucionalização é sempre produto do processo histórico e atua na definição dos padrões de conduta social. Berger e Luckmann consideram que a aglomeração das instituições forma o que se chama de sociedade.

Não tem sentido, portanto, dizer que a sexualidade humana é socialmente controlada pela decapitação de certos indivíduos. Ao contrário, a sexualidade humana é socialmente controlada por sua institucionalização no curso da história particular em questão.¹⁴

Mas parece que os indivíduos não percebem o processo que pretende enquadrá-los; muitas vezes as normas institucionalizadas são reproduzidas como se fossem naturais. As instituições são tomadas como entes a-históricos que passam a atuar sobre os indivíduos, como se possuíssem vida própria, não mais reconhecidas como um produto da ação humana. Desta forma, aqueles que desviam radicalmente da ordem institucional, são considerados como afastados da realidade. Para evitar este problema, Berger e Luckmann explicam que “os

¹³ Idem. p. 71

¹⁴ Idem. p. 78

significados institucionais devem ser impressos poderosa e inesquecivelmente na consciência do indivíduo.”¹⁵

Esse caráter controlador da institucionalização pode ser notado na produção dos papéis sociais; os indivíduos participam de um mundo social e interiorizam os papéis, tornando esse mundo objetivo, ou seja, subjetivando-os. Os papéis sociais representam a ordem institucional e garantem a existência dela; observando-se uma flexibilidade e variabilidade simbólica. E cada papel desempenhando, possibilita ao indivíduo um acervo de conhecimento sobre a realidade.

No processo de produção da realidade social e sua legitimação, os universos simbólicos têm a tarefa de tornar inteligível ao indivíduo a realidade que o cerca. O universo simbólico, sendo um produto social e, portanto, histórico, põe cada coisa em seu lugar, criando uma realidade dotada de sentido. Na tentativa de ordenar a história (passado, presente e futuro), oferece ao indivíduo a sensação de uma totalidade linear e coerente. Todavia não é desprovido de questionamentos, e por isso dispõe de mecanismos que o sustentam, como a mitologia, a teologia, a filosofia e a ciência. A pretensa estabilidade é colocada à prova em todo momento. Os choques culturais, por exemplo, demonstram que o outro, que é estranho, oferece perigo porque questiona *minha estabilidade*. Segundo Berger e Luckmann,

O que permanece sociologicamente essencial é o reconhecimento de que todos os universos simbólicos e todas as legitimações são produtos humanos, cuja existência tem por base a vida dos indivíduos concretos e não possui status empírico à parte dessas vidas.¹⁶

Talvez a dificuldade de perceber essa construção se dê porque desde a tenra infância os indivíduos são socializados em determinada realidade como se ela fosse natural e imutável. O indivíduo não nasce membro da sociedade, como um organismo que deve ocupar seu espaço predeterminado. É por meio da socialização que ele é inserido em um espaço social, constituindo sua identidade. Em seguida ocorre a socialização secundária, quando o indivíduo interioriza os submundos institucionais; passa a ocupar funções específicas na sociedade, sendo obrigado a dominar o vocabulário específico de seu campo. A linguagem atua, nesse sentido, como um mecanismo de inclusão ou exclusão dos indivíduos em cada grupo.

¹⁵ Idem. p. 95

¹⁶ Idem. p. 166

Conforme discutido por Berger e Luckmann, não há natureza que governe a ação dos seres humanos, e menos ainda um fundamento essencial que constitua a base de sua vida cotidiana. Aquilo eles denominaram de realidade social, pode ser compreendido como a sociedade, a vida cotidiana, que é um todo complexo e inexato, repleto de ações, tensões e contradições. Com uma perspectiva diferenciada destes dois autores, outro pensador refletiu sobre esse processo de construção da realidade, e percebeu que um dos principais elementos que disparam os conflitos presentes na sociedade é o poder. Para Michel Foucault, a realidade não é um dado pronto; sua construção dá-se a partir de conflitos entre os sujeitos que a formam e são formados por ela. Opto por tomar, a partir deste momento, a compreensão de sujeito em Foucault, não mais a de indivíduos, como em Berger e Luckmann, por considerá-la mais coerente com a proposta deste trabalho.

Em *O sujeito e o poder*¹⁷, Michel Foucault empreendeu um esforço para demonstrar as diferentes formas pelas quais os seres humanos tornaram-se sujeitos em realidades históricas distintas. Sumariamente, seus estudos têm sido divididos em três momentos. No primeiro ele se esforça em apresentar os modos de subjetivação (na ciência, na economia e na biologia). Em seguida, destaca o processo de objetivação, que ocorre na relação com o outro; nesta etapa, ele percebe que são criadas as oposições: louco - são, normal - anormal, doente - sadio. E, por fim, ele investe na compreensão do modo pelo qual o ser humano torna-se sujeito; neste ponto Foucault escolhe o domínio da sexualidade, e argumenta que os seres humanos aprendem a se reconhecer como sujeitos de sexualidade. Ainda que discuta longamente a problemática do poder, Foucault destaca que o sujeito é sua questão principal, e o poder é o que coloca os humanos em movimento, permeia as relações, daí seu investimento na compreensão do que é esse poder. Ele identifica, no século XVI, o aparecimento do Estado como propagador de uma nova política de poder, individualizante e totalizadora, semelhante ao poder pastoral, dos primórdios do cristianismo. E é este modelo que promove a sujeição, na medida em que constrói paradigmas e nega legitimidade de subjetividades que destoam do modelo estabelecido. “Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos.”¹⁸

¹⁷ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

¹⁸ Idem. p. 239

Em *A dominação masculina*, Bourdieu propõe que se realize um exercício de historicização das estruturas sociais, a fim de que se perceba que mecanismos são responsáveis pela eternização e naturalização de algumas realidades. Para ele, esse exercício possibilitaria a identificação dos mecanismos que atuam naquilo que ele chama de eternização do arbitrário, ou seja, a manutenção da divisão sexual, em que impera a dominação masculina.

Em Foucault percebemos como os sujeitos são inventados a partir de determinadas formas de exercício de poder. Ao falar sobre o poder, ele o apresenta de forma fluida, percebendo sua existência nas microrrelações. O poder não pode ser detido como uma matéria, mas apenas exercido. O caráter relacional é determinante na analítica foucaultiana do poder. Além disso, outro mito é desconstruído pelo pensador francês. Ele demonstrou que o poder não atua na destruição dos sujeitos; a destruição não é o que caracteriza exatamente as relações de poder, já que sua existência depende da manutenção dos dois lados. Essa tensão captada por Foucault possibilita reflexões sobre os processos de dominação que permeiam a sociedade em diversos campos: econômico, político, sexual; bem como as estratégias de resistência impetradas por cada grupo, nos momentos de luta.

A dominação é uma estrutura global de poder cujas ramificações e consequências podemos, às vezes, encontrar até na trama mais tênue da sociedade; porém, ao mesmo tempo, é uma situação estratégica mais ou menos adquirida e solidificada num conjunto histórico de longa data entre adversários.¹⁹

Buscando compreender a articulação desse esquema de dominação, percebe-se que o saber é um mecanismo bastante relevante. Os efeitos da relação entre saber e poder podem ser perversos para alguns sujeitos. Os saberes produzidos são engendrados pelos discursos, que muitas vezes servem para inventar e garantir o exercício de situações de dominação, reproduzindo a ordem social estabelecida.

Os discursos são usados na construção da realidade e promovem a separação dos sujeitos, além de definir campos verdadeiros e falsos. O exemplo da medicina é bastante emblemático para ilustrar esse aspecto produtivo dos discursos. Quando se analisa o saber médico, percebe-se sua elaboração em uma realidade sócio-histórica (sociedades ocidentais, particularmente a partir do século XVII) e os efeitos produzidos na sociedade de sua época. Enquanto campo disciplinar de saber, a medicina criou novas verdades, estabeleceu modelos de ser, estar e viver na sociedade, colocando em jogo uma disputa pelo discurso verdadeiro. O estabelecimento deste campo disciplinar teve de obedecer a algumas regras que garantissem

¹⁹ Idem. p. 249

sua validade (ditadas pelo modelo científico). Além do mais, para se inserir neste campo e assumir o papel social de representante do saber médico, o sujeito deveria elaborar suas falas de acordo com o campo de possibilidades desta disciplina, cujo repertório é delimitado. A produção discursiva é regulada por determinado número de procedimentos que garantem o controle sobre a circulação dos discursos. Não são todos os que estão autorizados a proferir o discurso médico²⁰. Há uma separação entre o que é racional e o que não é, assim se cria, por exemplo, a compreensão do que seria a loucura. O discurso médico é que vai definir os espaços possíveis. Este exemplo evidencia o jogo estabelecido entre saber e poder. Na medida em que se compreende a loucura como produto de uma articulação de saberes, sistematizados no campo disciplinar da medicina, há a possibilidade de desnaturalizar o olhar sobre a loucura²¹, e identificar seus usos políticos.

1.1 Diferenças entre iguais: a homossexualidade em perspectiva

O século XIX foi palco de uma profusão discursiva que instituiu uma nova realidade para os sujeitos considerados homossexuais. Definida a heterossexualidade como conduta sexual normal, as homossexualidades foram estabelecidas como uma dimensão anormal. Viuse a criação de um repertório de classificações que, de alguma maneira, chega até os dias atuais. Desde a tenra idade somos socializados com um vocabulário amplo para designação daqueles que *destoam* da norma sexual. Alguns termos desse repertório são facilmente identificáveis: *veado, bicha, boiola, baitola, gay, mariquinha, bichinha, mulherzinha, sodomita, pederasta, homossexual masculino, invertido, traveco, trava, sapatão, lésbica, sapa, sapata, caminhoneira, homossexual feminina, bofinho, femme*.

Questões biológicas e culturais têm concorrido na tentativa de oferecer uma explicação plausível para a origem da homossexualidade²². O que se nota, todavia, é que

²⁰ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

²¹ Este estudo é apresentado por Michel Foucault na obra *A história da loucura na Idade Clássica*. Embora esteja enfocando a loucura, permite pensar sobre outras classificações que são produzidas, como o homossexual que no século XIX foi criado como uma espécie particular, possuidora de um passado, uma história e uma infância.

²² No terceiro capítulo de *The Mesma's House*, intitulado *Little boys in the wardrobe*, Annick Prieur discute alguns destes aspectos de identificação da homossexualidade, particularmente no subtópico *Biological and Psychological Factors*. Cf. PRIEUR, Annick. **Mesma's House, Mexico City: on travestites, queens and machos**. University of Chicago, 1998. p. 104 - 125

nenhum desses argumentos, por mais científico ou verdadeiro que se pretendam, consegue abarcar a complexidade que envolve a questão. As ponderações apresentadas a seguir não buscarão ter o aspecto de um manual, menos ainda sugerir qual é a explicação mais coerente sobre as possíveis origens das homossexualidades. O que se pretende é apresentar um breve panorama histórico sobre o olhar forjado, particularmente a partir do século XIX, que de maneira histórica bastante particular e patologizadora, instituiu as sexualidades consideradas desviantes. Aqueles (as) que apresentavam um comportamento sexual que destoasse da norma eram considerados (as) criminosos (as) ou doentes.

Historicamente, os homossexuais foram alvos de uma atenção especial. Thomas Szasz²³ descreve a criação dos bodes expiatórios, que foram usados pela sociedade para manter sua integridade e o pretense equilíbrio social, que se pode ler como a garantia da heterossexualidade e da dominação masculina como normas. O conhecimento médico-psiquiátrico foi acionado para promover o enquadramento dos indivíduos. Confirmando a ideia de que a homossexualidade nem sempre foi considerada um grande problema, Szasz compara o temor da sociedade moderna em relação à homossexualidade, com o medo que se tinha da heresia na Idade Média. Portanto, uma das providências foi a classificação da homossexualidade como crime e doença, esta última relacionada ao desvio mental. Com isso, o homossexual seria tratado da mesma maneira que os doentes mentais, submetido às mesmas práticas médico-higienistas. Estando sujeito ao internamento psiquiátrico, teria sua fala desqualificada, visto que, como louco, habitava o temível campo da desrazão.

Essa atitude da sociedade em relação à homossexualidade, qualificando-a como crime e doença, demonstra que há um discurso dominante na sociedade, e que por meio deste, busca-se estabelecer verdades sólidas. São construídos caminhos complexos, por meio dos quais se desqualifica alguns sujeitos e suas práticas, enquanto outros são apresentados como normais. Em relação à homossexualidade, por exemplo, Badinter diz que:

As práticas homossexuais existem em toda parte desde sempre. Mas 'até que a sexologia lhe colocasse um rótulo, a homossexualidade era apenas uma parte difusa do sentimento e identidade'. A identidade homossexual, tal como a conhecemos, é, portanto, uma produção da classificação social, cujo principal objetivo era a regulação e o controle. Nomear era aprisionar.²⁴

²³ SZAZS, Thomas S. **A fabricação da loucura**: um estudo comparativo entre a Inquisição e o Movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

²⁴ BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 105

Foi, pois, no século XIX que surgiram as palavras homossexual e invertido, usadas para enquadrar aqueles que transpusessem o campo da normalidade. James Green identificou que o Brasil importou o modelo europeu das teorias que buscavam determinar as causas médicas e morais da homossexualidade. Essa influência europeia dava-se tanto na incorporação das ideias quanto do vocabulário, e é neste contexto que se assimila o termo invertido, utilizado até então na França.²⁵

Tais observações são fundamentais, pois permitem que se realize o trabalho de historicização das questões que envolvem a sexualidade, demonstrando que os diversos comportamentos existentes são produtos de realidades históricas, e que a exclusão e classificação são praticadas com o objetivo de atender aos interesses de um grupo dominante. E neste cenário, a ciência foi amplamente utilizada, visto que a partir do século XIX e em grande parte do XX, o discurso científico, à sombra de uma pretensa neutralidade, foi concebido como portador de uma verdade inquestionável. Uma das características marcantes desses discursos demonstra o quão misógina eram suas proposições. O homossexual masculino era associado à figura da mulher, ele, portanto, teria os mesmos *defeitos femininos*: tagarelice, indiscrição, vaidade, inconstância, duplicidade. Podendo ser identificado, pela medicina, ele era passível de um tratamento, tal como outros monstros sociais.²⁶ Assim, o homossexual foi produzido como uma espécie²⁷, sendo o sexo colocado como a última verdade do ser. Segundo Welzer-Lang,

O surgimento do *sicencia sexualis*, a definição dos indivíduos não mais através de um dado fisiológico (o aparelho genital), mas através de uma categoria psicológica que é o desejo sexual, contribuiu para impor aos homens um quadro heterossexual apresentado ele também como uma forma natural de sexualidade. Assimilando sexualidade e seu bloco de jogos, de desejos, de prazeres da reprodução humana, o paradigma heterossexual se impôs como linha de conduta para os homens.²⁸

Tem-se, portanto, no século XIX o espaço de criação da homossexualidade com os contornos como a percebemos hoje em dia. Isso quer dizer que um comportamento que

²⁵ GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000. p. 85

²⁶ DUBY, Georges e ARIÈS, Philippe. **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. V. 4, 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 586

²⁷ GREEN, James. *Op. cit.*, p. 104

²⁸ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001. p. 467

outrora gozava de status e privilégios, como entre os gregos e romanos²⁹, passou a ser visto como um desvio sério, uma transgressão às normas sociais.

Se durante a Idade Média os homossexuais foram vistos como perversos transgressores dos valores divinos, com a ascensão do saber científico, nos séculos XVIII e XIX, eles foram feitos doentes. Ainda que as palavras usadas fossem diferenciadas, o efeito marginalizador era bastante semelhante. A diferença era que a ciência se via como capaz de oferecer os caminhos para a identificação das origens da homossexualidade e as medidas curativas.

Bourdieu³⁰ indica que a heterossexualidade foi construída socialmente como sendo o padrão universal de toda prática sexual considerada normal, que foi propagada e legitimada pelos discursos das instituições como a família, a igreja, a escola, que estão encarregadas de garantir a perpetuação da ordem de gênero. Essas instituições ainda sustentavam a efetivação do discurso que medicalizava a homossexualidade.

Todavia, a instituição da heterossexualidade como norma, não impediu o aparecimento de outras formas de sexualidade, dentre as quais se destaca a homossexualidade - definida como sendo a relação entre pessoas do mesmo sexo. Essa definição merece ser relativizada, já que a compreensão sobre o que é o comportamento homossexual e que dimensões da vida cotidiana este assume em determinada sociedade, é permitir-se perceber formas díspares. Diferentes culturas constroem leituras distintas sobre esta situação. Em culturas marcadas pela dominação masculina, a posição homossexual se dá *pari passu* à construção do significado da masculinidade e da feminilidade, havendo uma nítida associação do comportamento homossexual (masculino) ao papel da mulher, de passividade, visto que algumas culturas, como a brasileira, não lêem a relação entre pessoas do mesmo sexo a partir de suas atribuições biológicas (órgãos genitais), mas muito mais pela posição que assumem, de ativo ou passivo, no ato sexual.

O que é considerado realmente 'desviante', de acordo com estas regras, são as relações 'homossexuais' não em termos fisiológicos, mas em termos dos papéis sexuais. Assim, um homem pode se relacionar sexualmente com uma 'bicha', enquanto o primeiro é 'ativo' e o segundo é 'passivo'. Nesse sentido, o que causa escândalo é quando bicha se relaciona com bicha. Esta sim, seria a relação

²⁹ VEYNE, Paul. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

³⁰ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

‘homossexual’, e ela é ridicularizada no dito popular ‘bicha com bicha dá lagartixa.’³¹

Essa afirmação de Fry e MacRae é reforçada por Fry no prefácio de *Além do Carnaval*, quando destaca que, no Brasil ao longo do século XX, mais importante do que ser homossexual ou heterossexual, é ser identificado como ativo ou passivo³². Segundo ele, esta lógica estaria mais presente nas camadas populares, enquanto que as camadas médias teriam visto o aparecimento, desde meados da década de 1970, da valorização de um tipo de relação entre homens que mais se aproximava do modelo europeu, que apregoava a igualdade de posição entre os parceiros. Embora Fry destaque ter verificado “a presença de um movimento geral do modelo ‘ativo-passivo’, ‘bicha-bofe’ para ‘homossexual-homossexual’ ao longo do século [XX]”³³, essa realidade não parece ter sido concretizada em Campos dos Goytacazes, ao menos nas ruas em que ocorre a prostituição de travestis, em que foi realizada a pesquisa. Esse é um indício da presença de algumas permanências históricas em Campos dos Goytacazes; o que nos faz recordar que a história não é um processo unívoco, que seguiria uma trajetória linear e evolutiva.

1.2 Travestis: toques e truques na arte do fazer-se

1.2.1 No palco, na pista, na ponte: a travestilidade como festa, transgressão e enquadramento

A travestilidade³⁴ produz uma desestruturação nas teorizações pautadas em uma concepção biológica das sexualidades, que pretende relacionar a identidade masculina ou feminina, aos atributos biológicos que o indivíduo possui; haja vista que permite a observação

³¹ FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural – Brasiliense, 1985. p. 45

³² GREEN, James. *Op. cit.*, p. 10

³³ GREEN, James. *Op. cit.*, p. 12

³⁴ Neste estudo utilizarei o termo travestilidade por considerar que este atende melhor à proposta de reflexão que é apresentada e ainda tendo em vista ser a linguagem uma dimensão política e, portanto, histórica, nota-se que o termo travestismo faz referência a este fenômeno de forma patológica, que não é a dimensão abordada neste estudo. Assim, o termo travestismo só será utilizado quando citado por outros autores, ou quando fizer referência a posicionamentos que identifiquem, ainda, a travestilidade como uma patologia, tal como ocorrera com a homossexualidade.

da identidade sexual e de gênero enquanto produto de uma relação social, cultural e historicamente construída, marcada pelo dinamismo que recusa as categorizações limitadoras.

Desde o início da articulação política dos homossexuais, enquanto minoria política organizada, a maior visibilidade sempre foi conferida aos gays, reforçando a ideia de que às mulheres, homo ou heterossexuais, não compete o espaço público. Particularmente na segunda metade do século XX, o que genericamente chamou-se de movimento gay ficou conhecido como GLS – gays, lésbicas e simpatizantes. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, com o aparecimento de outros sujeitos na cena política, reivindicando suas especificidades, que não eram contempladas na esteira das proposições feitas pelos gays, nota-se um embaralhamento das definições. Após diversos debates e muitos embates, no Brasil, por exemplo, adotou-se desde a I Conferência Nacional GLBT, realizada em 2008, a sigla LGBT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais³⁵. Uma letra presente nesta sigla chama a atenção, o T³⁶. As discussões sobre seu uso são infundáveis, e o consenso passa ao largo. Esse T é usado para referir-se às travestis, transexuais e transgêneros. Todavia, esses sujeitos, organizados em torno de grupos específicos têm reivindicado cada vez mais as especificidades que lhes são concernentes. Ser travesti e/ou transexual não compõe necessariamente a mesma dimensão, ou a gradação de um processo longo, como propunha Harry Benjamin³⁷.

É bem verdade que um S poderia ser um acessório interessante para ornar esse T e garantir-lhe a pluralidade que representa. Ainda assim ficaria a pergunta: Qual a diferença entre uma travesti, uma transexual³⁸ e um transgênero? A discussão acerca dessa pergunta é vasta. Tradicionalmente se diria que a transexual é quem realizou a cirurgia de

³⁵ Após a Conferência, considerando as reivindicações das lésbicas, o L passou a ser usado primeiramente, assegurando maior visibilidade para esse grupo que, segundo elas mesmas, é duplamente discriminado: por ser mulher e lésbica. A sigla passou a ser escrita, portanto, LGBT.

³⁶ Na dissertação de mestrado intitulada *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*, Mario Felipe de Lima Carvalho, apresenta parte desse processo de disputas no interior das articulações políticas Travestis e Transexuais. Cf. CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

³⁷ Foi um endocrinologista que após a Segunda Guerra Mundial ofereceu os parâmetros para a identificação do verdadeiro transexual. Ao lado do psicólogo John Money e do psicanalista e psiquiatra Robert Stoller, Benjamin apresentou uma conotação mais médica ao termo transexual, oferecendo tratamento específico aos sujeitos que apresentassem esse transtorno de gênero.

³⁸ A vivência da travestilidade e da transexualidade é plausível para indivíduos nascidos XX ou XY, sendo tratados no masculino ou no feminino, de acordo com o gênero apresentado.

transgenitalização³⁹, e a travesti é aquela que ainda ostenta o órgão masculino. Todavia, os movimentos das trans (travestis, transexuais e transgêneros), cada vez mais articulados a partir da década de 1990, apresenta algumas divergências a este respeito. Para Berenice Bento, “talvez a diferença esteja nos mecanismos mediante os quais se explicita ou visibiliza as divergências com as normas de gênero. As mulheres e homens transexuais lutam para serem reconhecidos socialmente e legalmente de acordo com o gênero identificado.”⁴⁰

Esta necessidade que a sociedade cria de estabelecer as classificações não é, por certo, inocente. O esquema de classificação baseado no gênero e na sexualidade é tão bem articulado que, muitas vezes, vemo-nos presos a eles. Assim, parece gerar um incômodo quando a pessoa não se enquadra, muito embora fique claro que a sociedade, por meio de seus dispositivos discursivos, trate de classificar *convenientemente* cada um.

As questões de gênero e sexualidade tem estado, há algum tempo, na ordem do dia. Neste debate, o gênero emerge como a possibilidade explicativa dos comportamentos de homens e mulheres para além das determinações biológicas. Assim também, o campo da sexualidade parece expandir ilimitadamente, na medida em que os comportamentos sexuais são elencados em catálogos. Os discursos produzidos neste campo, como em todos os outros, são políticos e, portanto, atendem a interesses específicos daqueles que pretendem controlar a realidade. Pensando sobre a formação desses sujeitos sexuados e generificados, percebe-se um desenho interessante da problemática diferenciação entre travestis e transexuais. São indivíduos que possuem um corpo com um sexo (homem ou mulher), mas recusam viver socialmente esse corpo conforme os moldes pré-estabelecidos. Eles realizam o que a sociedade considera como uma transgressão, já que, na maior parte das vezes, rompem com os as regras aprendidas durante a socialização primária e secundária.

Como explicitado anteriormente, a partir do século XIX todo e qualquer tipo de comportamento classificado como homossexual foi patologizado e criminalizado, com a graciosa atuação do discurso médico, que contribuiu com a produção de discursos capazes de enquadrar o homossexual como um louco. É claro que, não inocentemente, como pano de

³⁹ Também conhecida como cirurgia de redesignação sexual, é o procedimento cirúrgico medicamente recomendado para as (os) transexuais femininos e masculinos; prevê a intervenção na genitália e em outros órgãos, como o útero e as mamas.

⁴⁰ BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 60

fundo havia o desabrochar frenético da sociedade capitalista, que demandava a produção de verdades que legitimassem a ação do sistema.

Já na segunda metade do século XX, a ação de ativistas aliada à produção de pesquisas acadêmicas sobre a temática, tanto nas ciências médicas quanto humanas, conseguiu fazer com que o comportamento homossexual fosse retirado da Classificação Internacional de Doenças (CID). Esta ação denuncia a historicidade deste campo disciplinar. Quer-se destacar, com esta situação, que são frutos de discursos diversos, a despeito das justificativas essencialistas do ser. E o interessante é que, ainda hoje, há grupos de indivíduos que buscam sua legitimação por meio dessas produções discursivas.

Conforme estabelecido no CID-10:

F64 Transtornos da identidade sexual

F64.0 Transexualismo

Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado.

F64.1 Travestismo bivalente

Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual.

Transtorno de identidade sexual no adulto ou adolescente, tipo não-transexual

F65 Transtornos da preferência sexual

F65.1 Travestismo fetichista

Vestir roupas do sexo oposto, principalmente com o objetivo de obter excitação sexual e de criar a aparência de pessoa do sexo oposto. O travestismo fetichista se distingue do travestismo transexual pela sua associação clara com uma excitação sexual e pela necessidade de se remover as roupas uma vez que o orgasmo ocorra e haja declínio da excitação sexual. Pode ocorrer como fase preliminar no desenvolvimento do transexualismo.

Fetichismo com travestismo.⁴¹

Conforme demonstrado pelo CID-10, tanto travestis quanto transexuais são sujeitos considerados doentes pelo discurso médico, ainda pautado em determinações de gênero e sexualidade baseadas no argumento biológico e essencialista. A diferença parece existir na apropriação que cada uma faz desse discurso. As transexuais incorporam esse discurso da

⁴¹ Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm> - Acessado em 28 de março de 2011.

patologização⁴² muitas vezes, como um recurso para realizar as transformações corporais que desejam, o que não se verifica na fala das travestis. As travestis, sujeitos que se apresentam com os trajes especificados socialmente como pertencentes ao sexo oposto ao que ele (a) apresenta, não buscam esse reconhecimento do discurso médico. Suspeita-se que esta diferenciação define, ao menos em parte, o status de que gozam travestis e transexuais. É provável que se possa afirmar que o discurso médico garante às transexuais um respaldo social, na medida em que sua condição não seria fruto de uma escolha pessoal, mas sim decorrente de uma patologia. Já as travestis, na medida em que não possuiriam um *transtorno tão grave*, seriam passíveis de tratamento.

Assim, embora não seja consenso, e haja a defesa pela despatologização da transexualidade, o discurso médico ainda é acionado para legitimar a existência desse sujeito, visto que ele é criado por este mesmo discurso. Nessa busca pela legitimação há uma intenção de reconhecimento social e obtenção de direitos; o que não ocorreria de forma tão evidente com as travestis que, apesar de se organizarem em coletivos para a defesa de seus direitos, não recorrem ao campo discursivo da medicina. Em certa medida, pode-se pensar que as travestis são sancionadas por buscarem a não classificação; essa vivência no trânsito identitário embaralha a lógica social dicotômica; muito embora, se deva ter o cuidado para não simplificar a travestilidade como um ato revolucionário de rompimento com todas as normas estabelecidas. A quebra e o enquadramento nas normas andam de mãos dadas; ainda assim a travestilidade causa um desconforto na sociedade, visto que golpeia algumas estruturas bem arraigadas. Há, ainda, outro grupo formado pelas *drag queens*, que não são travestis ou transexuais, mas que também *destoam* das normas. Ficaria a pergunta: qual a diferença, portanto, entre travestis e *drag queens*?

A *drag* propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia.⁴³

Essa é a diferença: *drag* não é travesti, ainda que ambos os casos evidenciem a fluidez dos papéis identitários. Na citação acima, Louro evidencia que a criação da *drag* joga com a festividade, em que o exagero não só é permitido como, por vezes, é mesmo obrigatório. Essa

⁴² Vale pontuar que está em curso um intenso debate entre pesquisadores e ativistas em defesa da despatologização da transexualidade.

⁴³ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 85

não é, todavia, a realidade evidenciada em grande parte das experiências da travestilidade. Muitos ainda confundem a *drag* com a travesti, pois se acostumou a associar a travesti ao exagero.

As travestis são, portanto, esses sujeitos que, pelas normas de sexo-gênero deveriam atuar representando papéis sociais considerados masculinos, mas que recusaram para si essa determinação social fundada no biológico (XY), e investiram na elaboração de uma feminilidade. Ainda que o dicionário Aurélio⁴⁴ indique que neste caso a gramática apresente como correto o uso de o travesti, opto por fazer a referência no feminino, em consonância com a reivindicação do movimento organizado de travestis e transexuais (ANTRA, ASTRA-RIO), que defende a prevalência do gênero sobre o biológico. De forma que, se um indivíduo apresenta-se no feminino, querendo ser reconhecido enquanto tal, é coerente tratar-lhe no feminino, independente se ele é XX ou XY (a base cromossômica que indica os caracteres sexuais do ser humano). Outro aspecto que merece destaque é o uso do termo travestilidades. Considerando o peso político que a linguagem ocupa, tem-se uma situação em que o S não é apenas um S, mas uma forma de chamar a atenção para a pluralidade das formas de ser/estar travesti. Utilizar esse termo no plural, travestilidades, a despeito dos preciosismos acadêmicos, é um convite à reflexão sobre a legitimidade pertinente às diversas vivências da travestilidade. Isso não é uma tentativa de dissuadir o debate, pelo contrário, quer-se ter o cuidado de não produzir outros modelos normativos para aqueles/as que já estigmatizados.

É pertinente problematizar outro aspecto importante no debate das travestilidades: a reflexão em torno da associação comumente realizada entre as travestis e o universo da prostituição. Essa questão se me coloca desde o início da pesquisa com as travestis em Campos dos Goytacazes, já que a maior parte das pessoas referia-se às travestis como sinônimo de prostitutas. Buscando desnaturalizar essa associação conveniente, penso ser interessante compreender parte dos esquemas sociais que atuam nesse processo em que, de fato, a trajetória de vida de grande parte das travestis passa pela prostituição.

Historicamente, a sociedade ocidental foi pautada no binarismo de gênero: masculino e feminino, justificado nas realidades biológicas conhecidas: homem e mulher. É bem verdade, todavia, que por um longo período, desde Aristóteles até meados do século XVIII,

⁴⁴ SILVA, Marinete dos Santos e SANTOS, Rafael F. G. dos. O travesti, a travesti - nomeação, trajetórias, perdas e ganhos. In: **CONLAB**, nº XI, 2011, Salvador-BA. (anais eletrônicos)

acreditou-se na existência de um só sexo, o do homem⁴⁵. Segundo esse pensamento a mulher seria um subser do homem – um homem incompleto – que não dispôs de calor vital o suficiente para expelir seu órgão sexual, como ocorrera com o homem⁴⁶. Foi somente com o desenvolvimento dos estudos anatômicos ao longo do século XVII e no XIX que se descobriu no corpo das mulheres a inexistência do *pênis invertido*, e que os ovários não eram testículos internalizados. Todavia, essas descobertas não significaram uma melhoria na situação das mulheres na sociedade. Se antes elas eram inferiores por ter menos calor vital, agora a inferioridade era justificada por meio de uma explicação que associava o *destemperamento* feminino à ligação entre útero e cérebro; com isso criou-se a imagem da mulher histérica, ainda inferior ao homem. O desenvolvimento da medicina e a proliferação dos diversos estudos científicos, ao longo do século XIX, fez crer que a ciência seria capaz de identificar e dizer a verdade sobre o indivíduo e, como observa Michel Foucault, essa verdade estaria localizada no sexo⁴⁷.

Segundo essa norma de gênero, a performance social deveria ser sustentada pela base biológica sexual. Foi nesse contexto que se definiu quais comportamentos deveriam ser patologizados. Como discurso eficiente, o saber médico foi convocado para dar legitimidade às classificações sociais criadas. Assim, o homossexual apareceu como uma nova espécie no repertório teratológico da época. Localizado estrategicamente no limiar entre a loucura e o crime, o homossexual foi alvo de uma atenção especial da medicina, que classificou a homossexualidade (à época tratada como homossexualismo) como um comportamento antinatural. Muitas foram as investidas na tentativa de se estabelecer a cura para o *homossexualismo*; não raro vê-se casos de homossexuais que foram internados em hospitais psiquiátricos. Esses hospitais também serviram de espaço privilegiado para enquadrar as mulheres que atentassem contra a ordem de gênero, como fizeram Madeleine Peletier e Antônia – no início do século XX – que adotaram uma identidade masculina em busca dos *privilégios* sociais concedidos aos homens⁴⁸. Madeleine Peletier foi uma médica psiquiatra

⁴⁵ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁴⁶ Cf. Paula Sandrine Machado em *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural*, ainda nos dias atuais a biologia tem um olhar culturalmente orientado para a percepção de que a mulher “é o que não se tornou homem” (p. 281).

⁴⁷ Ver o caso de Herculine Barbin em FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

⁴⁸SILVA, Marinete dos Santos e SANTOS, Rafael F. G. dos. *Op. cit.*

que na França do início do século XX, percebia o quanto a performance de gênero feminina era um dos empecilhos para seu livre trânsito social; assim, ela reivindicava uma performance masculina como artifício para poder transitar pela cidade sem ser importunada. À mesma época, em uma realidade social diferente da francesa, a brasileira Antônia, como foi identificada no Juqueri, teve percepção semelhante, quando resolveu *vestir-se como homem* para usufruir da herança deixada por seu pai, já que não tinha marido ou um homem que a respaldasse. Acusadas de atentar contra as virtudes próprias do seu sexo, elas terminaram seus dias em hospitais psiquiátricos.

Nesse brevíssimo histórico buscou-se demonstrar o estabelecimento das noções de sexo, gênero e sexualidade como gradações de um processo único e linear, a partir do qual se estabelece o que é normal e aceitável, e aquilo que é considerado como anormal e, portanto, passível de medicalização e exclusão social. Essa associação definiu a normalidade como:

Homem	Mulher
Sexo = pênis	Sexo = vagina
Gênero = masculino	Gênero = feminino
Sexualidade = envolvimento afetivo e sexual com mulheres	Sexualidade = envolvimento afetivo e sexual com homens

De acordo com esse modelo, aqueles/as que se atrevem a tomar algum (ns) dos (s) termo (s) atribuído (s) ao sexo oposto, são considerados transgressores da norma social, portanto, anormais.

Retomando o quadro-modelo do protótipo de normalidade, diversas categorizações podem ser estabelecidas. Em grande parte das classificações sociais, o sexo é tomado como o fundamento. O caso que aqui se quer destacar refere-se àqueles classificados como duplamente transgressores:

Homem
Sexo = pênis
Gênero = feminino
Sexualidade = envolvimento afetivo e sexual com homens

Tem-se, dessa forma, indivíduos nascidos com genitália considerada masculina, mas que não trilham o caminho de construção de uma identidade masculina, conforme explicitado por Elisabeth Badinter⁴⁹. Além dessa transgressão de gênero, recusam também a vivência da heterossexualidade, a segunda transgressão.

À travesti é atribuído o papel de desestabilizadora da ordem, já que ela demonstra ser o gênero, o resultado de um esforço performático e não biológico; a construção do gênero não é um *continuum* do sexo que o indivíduo apresenta. No caso das travestis esta consideração fica patente: ainda que seu sexo seja culturalmente definido como de homem, na medida em que ao nascer se lhe foi identificada a genitália masculina, o pênis; as travestis atuam na produção do gênero feminino. Elas dedicam parte considerável de seus dias na (re) elaboração de uma feminilidade que tenha reconhecimento social. “Según Lemebel el travestismo no representa una tercer posibilidad de gênero sino que constituye más bien un permanente estallido.”⁵⁰ Fernández complementa esta consideração com a observação de Marisol Facuse, que estudou as travestis em situação de prostituição no Chile: “El travestismo es una transgresión del orden simbólico, estético, de gênero, cultural, político.”⁵¹

Cabe destacar que a ordem social articulada por discursos que buscam garantir a primado da heterossexualidade compulsória⁵² não deixaria impune *tamanha transgressão*. Welzer-Lang alerta que a homofobia é um dos instrumentos acionados para a manutenção dessa ordem heterossexista. Há de se considerar, todavia, a existência de certa gradação na aceitação social desses *transgressores*. Nesse amplo universo das homossexualidades masculinas nota-se uma hierarquização entre os indivíduos, produzida por cortes de gênero, classe e etnia, conforme constatação feita por Fábio Pessanha Bila⁵³ em estudo realizado com gays que frequentavam a praia de Ipanema. O sentimento misógino (aversão ao feminino) parece prevalecer mesmo entre aqueles que vivenciam a homossexualidade. Assim, quando

⁴⁹ BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁵⁰ FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes**: travestismo e identidad de género. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 64

⁵¹ Idem. p. 64

⁵² Cf. ARÁN, Márcia e PEIXOTO Jr, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 129-147. p. 133 : heterossexualidade compulsória aliada à hierarquização estabelecida entre o masculino e o feminino, é parte de um processo de um processo normativo, do qual o gênero não um simples artefato, mas o próprio instrumento de estabelecimento da norma.

⁵³ BILA, Fábio Pessanha. **Cidadania sob o sol de Ipanema**: os gays da Farme de Amoedo e suas estratégias de afirmação. Campos dos Goytacazes: UENF, 2009. (dissertação de mestrado – mimeo)

um indivíduo é gay e comporta-se de acordo com a performance social definida como masculina, nota-se que dispõe de maior aceitação social ou, ao menos, uma menor sorte de processos violentos são impetrados contra ele. Esse tipo de consideração pode ser facilmente corroborado por falas comumente ouvidas, como: *Pode ser gay, né? Ninguém tem nada com isso. Mas, precisa desmunhecar? Tem que ter postura, né?*. Paradoxal ou não, comentários como esses são recorrentes na fala de heterossexuais tanto quanto entre os gays *masculinizados*, aqueles que não *dão na pinta*. Embora ao tratar da violência se tenha o cuidado de não restringi-la à sua dimensão física, esta acaba por saltar aos olhos com mais força, tanto porque tem significado o assassinato de indivíduos. E é exatamente contra essa violência, e pelo fim da discriminação que a ASTRA-RIO publicou uma nota⁵⁴, destacando o alto índice de assassinatos de travestis; somente no Estado do Rio de Janeiro, entre 13 de abril e 23 de maio de 2010, foram sete vítimas (afora os casos não registrados pela instituição). Essa situação, que sem pedantismo, pode ser considerada dramática, ilustra a coroação de uma série de processos violentos aos quais estes indivíduos estão sujeitos desde muito cedo em suas vidas; tão logo assumam sua condição homossexual, e, na maioria das vezes, sendo agravado quando iniciam as transformações em seus corpos.

Dessa forma, a literatura já disponível sobre a temática da travestilidade⁵⁵ demonstra os *tortuosos* caminhos trilhados por esses sujeitos. A homofobia produzida pela sociedade, que lhes faz todo tipo de coação a fim de que não recuse sua *natureza* de homem é, muitas vezes, produzida na própria família; daí não serem raros os casos de travestis – que estão iniciando o processo travestilizador - que são expulsas de casa e acabam por encontrar na prostituição um meio para se *realizarem*: conseguindo operar as transformações em seus corpos, fazendo-se travesti e capitalizando recursos financeiros que possibilitem essas e outras mudanças em suas vidas.

Acompanhando os levantamentos sobre assassinatos de homossexuais no Brasil, nos últimos anos, realizados pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), pode-se perceber que há um

⁵⁴ Conforme disponível em. Site: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/05/472102.shtml> Acessado em 20 de junho de 2010.

⁵⁵ Ver, por exemplo: ARAÚJO Jr, Jose Carlos de. **A metamorfose encarnada**: travestimento em Londrina (1970-1980). Campinas – SP, 2006. (disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000376582>); BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.; KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.; PELÚCIO, Larissa M. Na noite nem todos os gatos são pardos – notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, p. 217-48; SILVA, Hélio. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

número expressivo de travestis; vale observar, ainda, o local do assassinato – na maior parte das vezes elas estavam em situação de prostituição. Somente em 2008, foram registrados 187 assassinatos de homossexuais no Brasil, dos quais 59 eram travestis. No Estado do Rio de Janeiro foram computados dois assassinatos, em todo o ano de 2008; número bem inferior ao registrado de abril a maio de 2010, que foi de sete vítimas.

Tabela 01 – Distribuição mensal dos assassinatos de homossexuais no Brasil em 2008

Mês	Gays	Travestis	Lésbicas	Total
Janeiro	4	4	2	10
Fevereiro	8	10	-	18
Março	13	6	-	19
Abril	11	5	1	17
Maio	16	2	-	18
Junho	6	4	-	10
Julho	16	4	1	21
Agosto	13	6	1	20
Setembro	5	3	-	8
Outubro	14	3	1	18
Novembro	6	6	-	12
Dezembro	9	6	1	16
Total	121	59	7	187

Fonte: Grupo Gay da Bahia⁵⁶

Embora esses dados correspondam aos casos registrados, sendo relevante considerar que o número pode ser ainda maior, já servem como uma exemplificação para se perceber a violência a que são submetidas as travestis; tanto mais quando se destaca a ocupação que desempenham: a maioria é de profissionais do sexo, conforme tabelas que seguem:

Tabela 02 – Profissão dos (as) homossexuais assassinados no Brasil em 2008

Profissão	Gays	Travestis	Lésbicas	Total
Sem informação	42	19	7	68
Profissional do sexo	5	37	-	42
Professor	11	-	-	11
Cabeleireiro	9	1	-	10
Estudante	5	-	-	5
Total	72	57	7	136

Fonte: Grupo Gay da Bahia⁵⁷

⁵⁶ Conforme relatório publicado em http://www.ggb.org.br/imagens/Tabelas_COMPLETAS_2008_-_assassinatos.pdf - Acessado em 20 de junho de 2010.

⁵⁷ Conforme relatório publicado em http://www.ggb.org.br/imagens/Tabelas_COMPLETAS_2008_-_assassinatos.pdf - Acessado em 20 de junho de 2010.

Tabela 03 – Local do assassinato de homossexuais no Brasil em 2008

Local	Gays	Travestis	Lésbicas	Total
Rua	24	28	2	54
Residência	45	4	3	52
Sem informação	22	12	-	34
Terreno	6	1	-	7
Hospital	1	5	-	6
Parque	6	-	-	6
Praia/Orla	4	1	-	5
Carro	3	1	-	4
BR	1	2	-	3
Salão	1	1	-	2
Canavial	2	-	-	2
Plantação de capim	1	-	1	2
Zona rural	1	1	-	2
Estacionamento	-	1	-	1
Contendor de lixo	-	1	-	1
Rodovia	1	-	-	1
Praça	-	1	-	1
Matagal	1	-	-	1
Sítio	1	-	-	1
Motel	1	-	-	1
Pátio	-	-	1	1
Total	121	57	7	187

Fonte: Grupo Gay da Bahia⁵⁸

Considerando os dados apresentados pelo GGB em 2011 (referente ao levantamento feito em 2010), pode-se constatar que a violência contra as travestis não tem diminuído, pelo contrário, em 2010⁵⁹ foram registrados 260 assassinatos de homossexuais no Brasil, dos quais 43% eram travestis. É claro, porém, que outras questões podem ser consideradas nesta análise, como as diversas situações de risco experimentadas pelas travestis.

1.2.2 Travestilidades e história

Como bem se sabe, as travestilidades não são recentes. Muito embora seja preciso ter o cuidado de não pensá-las a-historicamente. Os usos da travestilidade possuem sua

⁵⁸ Idem, ibidem.

⁵⁹ Conforme tabela publicada pelo GGB. Disponível em: www.ggb.org.br/imagens/Tabela%20geral%20Assassintos%20de%20Homossexual%20Brasil%202010.pdf - Acessada em 17 de janeiro de 2012

historicidade. As maneiras como homens e mulheres se travestiram nos séculos XVIII e XIX certamente não são as mesmas verificadas atualmente, bem como as implicações políticas do ato, além das relações que eles estabeleciam com eles mesmo.

Algumas ponderações são necessárias na tentativa de não incorrer no anacronismo ao usar o termo *travesti*. Dave King, citado por Fernández⁶⁰ indica uma cronologia que pode ser útil. Para ele, há quatro períodos que compõem a criação da travestilidade e da transexualidade tal como a percebemos atualmente. No primeiro período, entre 1870 e 1920, foi cunhado o termo *travestismo*⁶¹. Foi o momento em que muitas pesquisas foram realizadas em sociedades não ocidentais, sobre homens e mulheres que se vestiam como o sexo oposto. O segundo período seria identificado entre os anos de 1920 e 1950, em que o saber médico, particularmente a endocrinologia e a psiquiatria, foram acionados para explicar o *fenômeno*. No terceiro período, identificado entre os anos de 1950 e 1965, foi criado o termo transexual e o travestismo passou a ser concebido como uma etapa precedente no processo do torna-se transexual, conforme constatação do médico Harry Benjamin: “en un continuum, cuyos extremos son, según Benjamin, la ‘normalidad’ y el transexualismo, el travestismo ocupa un lugar intermedio e indeterminado entre ambos”⁶². A partir dos anos 70, sendo a transexualidade o alvo preferido do saber médico, a travestilidade ficou subsumida⁶³. No Brasil, ganhou maior visibilidade no final da década de 1990 em diante, com os estudos antropológicos. Apesar de o Brasil ser visto, em geral, como um país em que as sexualidades diversas convivem em harmonia, a realidade parece não indicar que essa afirmação seja verdadeira. Historicamente, este país perseguiu e medicalizou comportamentos (sujeitos) considerados desviantes. O exemplo disso era o Código Penal de 1890, nada complacente com aqueles e aquelas que destoassem das normas de gênero; em seu artigo 379, intitulado *Do uso de nome supposto, títulos indevidos e outros disfarces*, definia a ilegalidade do ato de travestir-se, considerando que este implicava em uma tentativa de disfarçar seu próprio sexo. Já no carnaval, o clima festivo parecia ocultar a ilegalidade do ato. Assim, os homens travestidos tornaram-se comuns nos carnavais cariocas. Todavia, há de se destacar, como

⁶⁰ FERNÁNDEZ, Josefina. *Op. cit.*, p. 22-3

⁶¹ Josefina Fernández trabalha com esta designação, por isso assim está indicado, apesar de hoje optar-se pela supressão do sufixo ISMO, conforme discussão apresentada na nota 32, p. 31.

⁶² FERNÁNDEZ, Josefina. *Op. cit.*, p. 32

⁶³ Em *A transexualidade no tribunal*, Miriam Ventura apresenta uma discussão sobre o processo de construção da transexualidade como uma categoria específica no campo identitário e da sexualidade, destacando os procedimentos médicos utilizados para se classificar o verdadeiro transexual.

observa Green, que esta possibilidade de subversão estava restrita à dimensão do gênero, pois esses homens eram, ou ao menos deveriam ser, heterossexuais. Alguns blocos, como o Cordão da Bola Preta, não admitiam, até a década de 1940, homossexuais em seus quadros; muito embora outros grupos chegassem mesmo a incentivar a formação de grupos de homossexuais, como o Caçadores de Veados.⁶⁴

A possibilidade de transgredir a normatividade de gênero estava restrita ao período do carnaval, já que nos outros 361 dias do ano, aqueles e aquelas que ousavam travestir-se eram interceptados pela polícia e podiam até mesmo ser presos. Muitos homens viam no carnaval o espaço para desfrutar de suas vontades mais *secretas*, em que o simples fato de usar roupas e acessórios considerados femininos era autorizado pelo contexto festivo. “Para outros homossexuais, travestir-se durante o carnaval é também menos uma inversão do que uma tentativa de assumir uma forma feminina. Ao adotar as roupas, a maquiagem e as personas de mulheres, esses homens vivenciam suas próprias fantasias e desejos femininos imitando meticulosamente a norma social.”⁶⁵ Essa era a realidade nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, até a década de 1930. Como destaca Green: “Até 1940, o travestismo em público constituía uma violação do Código Penal. Os homens que apareciam nas ruas vestidos como mulher ou com acessórios excessivamente femininos ou maquiagem estavam sujeitos a detenção e a uma permanência prolongada na cadeia.”⁶⁶ É interessante observar que a consideração do *travestismo* como um disfarce, estava fundamentada por uma ideia comumente aceita de que cada sujeito expressa, por meio do gênero, o sexo que lhe é *verdadeiro*, assim, far-se-ia impensável que um *pênis* fosse representado por trajes considerados femininos, ou o contrário.

Em alguns estudos históricos percebe-se que ao longo do século XIX a sexualidade tornou-se alvo de uma atenção mais do que especial, de forma que mais materiais foram produzidos a fim de elaborar um saber que fosse capaz de controlar *os desviantes*.

⁶⁴ GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000. p. 341

⁶⁵ Idem. p. 335

⁶⁶ Idem. p. 172

Judith Walkowitz fez um estudo sobre a emergência das *sexualidades perigosas* no final do século XIX⁶⁷. Refletindo sobre a condição feminina, ela destaca que o saber médico agiu na produção de comportamentos normais para o feminino. Assim, algumas práticas bastante antigas passaram, no século XIX, a ganhar mais destaque por conta da reconfiguração da paisagem urbana. As mulheres passaram a ter acesso ao espaço público; aos meios de comunicação; elas experimentaram a paixão sexual, porém se expressavam segundo o repertório cultural da época em que viviam. O aborto, a prostituição, o travestismo⁶⁸ e as amigadas românticas, eram concebidos como práticas que incitavam a desordem e, portanto, deveria haver uma intervenção estatal para regular essas práticas.

Neste estudo de Walkowitz, focado sobre a sociedade francesa, chama atenção a diferenciação feita entre o travestismo e as amigadas românticas. Ambos os casos fazem referência à vivência da homossexualidade entre mulheres. Todavia, há um significativo corte de classe. As mulheres que vivenciavam a experiência travesti eram comumente das classes proletárias e médias, e viam nesta vivência do masculino a possibilidade de angariar um prestígio social que *jamais* teriam se vivessem o feminino, tendo em vista que não dispunham de fartos recursos econômicos. Já as mulheres que vivenciavam as amigadas românticas eram, em geral, de classes mais abastadas economicamente. Assim, dispunham de um capital econômico que as permitia sustentar uma experiência homossexual sem que, para tanto, tivessem que realizar uma transgressão de gênero; haveria até mesmo certa permissividade cultural para o afloramento dessas amigadas românticas⁶⁹.

Gênero e sexualidade aparecem inextricavelmente ligados. A associação é quase que automática. “A lo largo del siglo XIX, el travestismo fue una práctica sospechosa: una forma no permitida de transgresión sexual, um indicio de hipersexualidad o sodomia”⁷⁰. Porém, é importante problematizar esta associação, e estabelecer alguns limites. Há uma diferenciação entre gênero e sexualidade. A compreensão deste aspecto pode ser relevante na tentativa de compreender o amplo universo que compõe as vivências sexuais, sem a pretensão de definir o

⁶⁷ Conforme apresentado em: WALKOWITZ, Judith. Sexualidades peligrosas. In: DUBY, George e PERROT, Michelle. **História de las mujeres em Occidente**. Madrid: Taurus, 1992.

⁶⁸ A autora utiliza este termo. Atualmente, porém, como já citado, é mais frequente a adoção do termo travestilidade, na medida em que o sufixo *ismo* denota a patologização deste comportamento, tal como ocorreu com a homossexualidade e com a transexualidade.

⁶⁹ WALKOWITZ, Judith. *Op. cit.* p. 90

⁷⁰ Idem. p. 89

normal e o patológico. Berenice Bento oferece uma reflexão neste sentido quando aborda a questão da transexualidade como um conflito de gênero, e não sexual. Segundo ela, são duas questões diferentes. Assim, torna-se possível que um sujeito seja uma mulher transexual (nascida com um corpo identificado como masculino e que o reconstrói como feminino), tenha interesses afetivos e sexuais por outra mulher ou por um homem, ou seja, ser homossexual, bissexual ou heterossexual; da mesma forma que ser um homem gay não significa que se tenha conflito com o masculino⁷¹.

No Brasil, “nos anos 40, os bailes de travestis emergiram como um lugar privilegiado para performances públicas da inversão da representação de gêneros.⁷²” Neste período aumentou o número de bailes para homossexuais; os empresários viam na crescente subcultura homossexual um bom mercado, e investiram nisso. Ainda que a maior parte dos frequentadores não fossem fantasiados e tampouco travestidos, a imprensa do período atuou na divulgação de imagens que faziam crer que *homens travestidos* ocupavam ostensivamente esses espaços. “A imprensa associava os glamourosos travestis com homossexualidade, mas não identificava todos os travestidos como homossexuais.⁷³” Toda essa visibilidade não foi só *glamour*; no final da década de 1950 esses sujeitos foram alvo de muitas agressões. A situação ficaria agravada durante a Ditadura Militar, em que “o comportamento homossexual discreto era tolerado, enquanto extravagantes desvios de gênero, em público, não.⁷⁴” Dessa forma, os bailes de travestis só alcançaram maior liberalização a partir de 1974, com o processo de abertura e desmobilização militares.

Apesar da repressão da ditadura, as travestis como uma figura proeminente do carnaval nos desfiles e bailes fechados, ganharam ainda mais destaque ao longo dos anos 60, com o grande sucesso de Rogéria e de outras que obtiveram fama internacional. Torna-se difícil enumerar com exatidão os motivos que fizeram com que as travestis deixassem de ser reconhecidas pelos shows e passassem à prostituição, mas, como indica James Green, esse processo deu-se ao longo da década de 1970.

Enquanto na década de 1960 os travestis podiam ser vistos apenas durante o carnaval ou nos espaços fechados dos clubes gays e dos shows de travestis, os anos

⁷¹ BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 46

⁷² GREEN, James. *Op. cit.*, p. 332

⁷³ *Idem.* p. 351

⁷⁴ *Idem.* p. 370

70 assistiram a uma proliferação acelerada de travestis pelas calçadas do Rio, de São Paulo e de outras grandes cidades, vendendo o corpo em troca de dinheiro.⁷⁵

Em ambos os espaços as travestis eram concebidas sob um olhar que as erotizava, como se cada parte de seu corpo transpirasse sexo. E essa é uma visão que ainda perdura e sustenta o imaginário coletivo de que ser travesti é sinônimo de prostituta.

Torna-se pertinente, portanto, questionar a veracidade dessa constatação, e caso seja afirmativa, investigar os processos sociais implicados na produção dessa realidade. A afirmação de que as travestis são prostitutas tornou-se um argumento corriqueiro na fala daqueles que querem desqualificá-las. Entendo que as considerações que seguem, parte de um esforço de desnaturalização desse olhar depreciativo que atinge as travestis, não se dão em função de considerar a prostituição uma ocupação depreciativa, ainda que socialmente o seja. Buscar-se-á demonstrar que a experimentação de uma realidade corporal e sexual não deve determinar a ocupação profissional de um indivíduo, ainda que de alguma forma possa ensejá-la. Não é o corpo e a sexualidade que definem o lugar do indivíduo na sociedade; esse corpo participa de um esquema arquitetado para garantir o controle e a dominação.

Desde meado da década de 1980 começou-se a produção de trabalhos acadêmicos sobre as travestis. Não por acaso, foi nessa década, que o silicone industrial começou a *bombar* no país, tal como a visibilidade de algumas travestis e transexuais. A partir do final dos anos 1990 e ao longo da primeira década dos anos 2000, o número de pesquisas se multiplicou. Parte considerável dos trabalhos de maior repercussão indicava o quão forte era (e ainda é) a relação entre as travestis e a prostituição. Se por um lado pode-se pensar que contra fatos não há argumentos, logo, travesti é mesmo sinônimo de prostituta; por outro, pode-se buscar a superação dessa visão determinista, responsável pela ocultação dos aspectos socioeconômicos implicados nesse processo, e captar a complexidade envolvida na situação.

O corte de classe é bastante evidenciado em diversos estudos realizados com travestis do Brasil e em outros países latino-americanos, como México e Argentina. Identifica-se que a maior parte das travestis provém dos estratos menos abastados economicamente. E sua aceitação perfaz um tortuoso caminho de construção de um gênero que seja aceito como legítimo. Green faz uma observação pertinente ao destacar que

o padrão de tolerância social para com personalidades audaciosas e efeminadas que reproduziam o status quo cultural perduraria ao longo do século XX. Costureiros de

⁷⁵ Idem. p. 379

grife, cabeleireiros da moda e *travestis famosos que se têm conformado às idéias normativas do feminino* conseguem cavar um nicho protegido entre a elite, desde que aparentem reforçar as representações tradicionais do feminino ou do efeminado.⁷⁶

Nota-se, no Brasil, a emergência de algumas personalidades que tem angariado algum prestígio social, na medida em que se enquadram neste modelo descrito por Green. A mídia contribuiu para que Rogéria, Roberta Close, a modelo Léa T, a humorista Nany People dentre outras travestis e transexuais fossem reconhecidas como celebridades.

Ainda que qualquer tentativa de generalização possa induzir a erros incalculáveis, percebe-se um roteiro semelhante na história de vida das travestis, em geral orientado por um sem número de situações de violência física e simbólica, discriminação e rejeição familiar. Considerando ser este um universo plural, em que casos destoantes não são necessariamente exceção, grande parte das travestis, segundo a literatura consultada⁷⁷, é expulsa de casa tão logo inicia o processo de redefinição corporal e de gênero. Elas buscam o apoio de sua rede de amigos, que é composta em grande parte por homossexuais e outras travestis que atuam na prostituição de rua. Com o cuidado de não criar uma ideia de causa e efeito, pode-se notar que estando desprovidas de moradia, renda e do apoio familiar, elas veem na prostituição uma possibilidade bastante acessível. Além do retorno financeiro, que é patente e deslumbrante para as que iniciam a vida na pista⁷⁸, a rua torna-se um espaço ímpar que potencializa o processo de transformação iniciado: aprendizado sobre o uso de hormônios femininos, toques e truques para ser e parecer cada vez mais feminina, e ainda conhecer as bombadeiras, responsáveis por esculpir corpos femininos com silicone industrial. Nesse universo as travestis transitam entre as técnicas do fazer-se, optando por algumas de caráter definitivo ou outras tidas como efêmeras. É nesse ambiente da pista que Larissa Pelúcio⁷⁹ identificou o *amadrinhamento*, que é justamente o expediente utilizado por uma travesti mais experiente para auxiliar uma iniciante, ensinando as artes e manhas dos territórios sócio-corporais. Esse processo de amadrinhamento também é reconhecido entre grupos de *drag-queens* e transformistas; e garante a organização do grupo em divisões hierárquicas.

⁷⁶ GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000. p. 104. (Grifo meu)

⁷⁷ PELÚCIO, Larissa M. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

⁷⁸ Termo êmico utilizado para se referir à rua em que travestis, mulheres e homens atuam na prostituição.

⁷⁹ PELÚCIO, Larissa M. *Op. cit.*

Parece, inicialmente, que ser travesti ainda é algo muito pejorativo, basta observarmos a visibilidade que os sujeitos trans tem tido nas diversas mídias. A maior parte daqueles advindos das classes médias, quando apresentam maior visibilidade o fazem advogando uma identidade transexual e não travesti. Recentemente houve o caso da modelo transexual Lea T; um pouco menos recente foi a aparição da também modelo Roberta Close. Não compete aqui julgar se essas e outras pessoas que aparecem são transexuais verdadeiros ou não, tampouco defender que tenham de se identificar como travestis. Todavia, é no mínimo instigante avaliar que, quando adquirem alguma visibilidade, esses sujeitos esforçam-se por demarcar um espaço que não seja marginalizado, o que ocorreria se fossem identificados como travestis. Ser transexual seria estar menos impregnado de estigmas, como a travesti. Além disso, quando se é da classe média, esses sujeitos dispõem de algum recurso financeiro para realizar as transformações corporais que desejam. Já as travestis, considerando que em sua maior parte são de estratos menos abastados economicamente, encontram na prostituição essa possibilidade de retorno financeiro.

O retorno financeiro oferecido pela prostituição parece ocultar os riscos iminentes trazidos. Haver-se-ia de indagar, todavia, o que deve ser considerado mais arriscado para uma travesti: estar sujeita aos ataques homofóbicos enquanto desfila em saltos pelas noites da cidade à busca de clientes, ou se assujeitar aos olhares, risadas e piadas que a fuzila enquanto caminha pelas ruas à luz do dia? É estar entre a cruz e a espada. Seria preciso ouvi-las para saber qual seria a resposta. Ainda que, por ora, não tenhamos essa resposta, deve-se ressaltar que tal questionamento pretende humanizar esses sujeitos, e não tomá-los enquanto vítimas sociais.

Além da repulsa familiar, outro ambiente extremamente hostil às travestis é o sistema educacional. Nota-se uma pressão para que as crianças definam seu gênero e sua sexualidade em um período em que ainda são imaturas; e não se aceita expressões de gênero em descompasso com a heteronormatividade. Como resultado, muitas abandonam a escola antes mesmo da conclusão do ensino fundamental. É claro, porém, que há casos de travestis que concluíram o Ensino Médio e até mesmo fizeram algum curso técnico ou ingressaram no Ensino Superior, mas é preciso considerar que em geral o fizeram antes de *assumir* a travestilidade.

Recentemente, todavia, como desdobramento dos debates sobre as sexualidades e os direitos das minorias, muitas conquistas em prol da permanência desse público nas escolas

tem sido efetivadas. Ainda que sejam medidas incipientes, essas mudanças não podem ser concretizadas com a simples assinatura de uma lei, e sim com a possibilidade de transformação da mentalidade, que como se sabe, é um processo lento e que demanda muitos enfrentamentos.

Pode-se considerar, portanto, que a associação feita entre as travestilidades e a prostituição merece ser criteriosamente problematizada, a fim de descortinar a intrincada rede que a estabelece. Imaginar que essa junção é inevitável é como concordar com a mesma visão determinista que pretendeu estabelecer a figura materna e o papel da mulher como naturais.

Capítulo 2 – Entre normas, formas e cores: aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa

A partir da apresentação do capítulo 1, buscou-se evidenciar que as dimensões do sexo, gênero e sexualidade são aqui percebidas como construções sociais, portanto, culturalmente e historicamente estabelecidas. Tendo consciência de que estas opções formam apenas uma das muitas lentes possíveis apresento, agora, a fundamentação teórica e metodológica que subsidiou a realização da pesquisa.

2.1 Argumentos teóricos: gênero, dominação e heterossexualidade

Usualmente a travestilidade é tomada como uma transgressão da ordem supostamente natural dos sexos. Ao travestir-se, seja o sujeito um homem ou uma mulher, biologicamente, ele/a estaria condicionado às normas do gênero que ele/a passa a representar, embora essa transformação não tenha significado uma intervenção sobre o sexo biológico, como ocorre com os casos de transexualidade⁸⁰. Evidencia-se, dessa forma, que os papéis sexuais são produtos de relações sociais, muito mais do que uma determinação do biológico e, portanto, são passíveis de um processo de desconstrução.

A opção pela análise ancorada nos debates de gênero, conforme problematizado por Scott⁸¹ é bastante interessante, na medida em que permite compreender de que maneira as categorias de masculino e feminino são construídas na e pela sociedade, não sendo, portanto, naturais. Além do mais, permite observar que não há formas homogêneas de ser *uma coisa ou outra*, muito embora a sociedade disponha de alguns mecanismos para orientar a construção padronizada de seus homens e mulheres, sob a ótica do masculino e feminino, respectivamente.

⁸⁰ Para a discussão sobre a transexualidade ver BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

⁸¹ SCOTT, Joan W. Prefácio a *gender and Politics of History*. **Cadernos Pagu** (3) Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1994. p. 11-27

Conforme destacado por Joan Scott⁸², o conceito de gênero surgiu no bojo do debate sobre a História das Mulheres ao longo das décadas de 1960 e 1970 e pretendia ir além da tentativa de incluir as mulheres na História, que foi uma das tarefas impetradas por historiadoras de destaque como Michelle Perrot. A proposta de análise de gênero era perceber relacionalmente mulheres e homens ao longo da história, de tal forma que fosse possível compreender como se estabeleceu e ainda se mantém a assunção de papéis sociais definidos como masculinos e femininos. O conceito de gênero passou a ser usado como uma possibilidade de teorização sobre a questão da diferença sexual; oferecendo uma alternativa às explicações que buscavam pautar no biológico as diferenças sociais e sexuais existentes. Como destacou Scott, “[Gênero] é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.”⁸³ Assim, tomado enquanto categoria analítica, o gênero possibilitou a compreensão de diversos processos históricos, além de ampliar os olhares sobre os sujeitos. Com isso, podia-se escrever uma *Nova História*, em que as mulheres eram sujeitos e não somente assujeitadas, além de repensar o lugar do homem e das masculinidades nesse processo. Como destacado por Lia Zanotta Machado:

Os estudos de gênero reivindicam radicalmente o simbólico, no sentido forte da simbolização como englobante do cultural, social, econômico e da simbolização como o não biológico, como o não natural, isto é, o social pensado na sua antinomia com o biológico. Trata-se da construção de um paradigma que reivindica, radicalmente, o caráter simbólico das relações de gênero e que aponta tanto para uma diferenciação quanto para uma indiferenciação, para um número qualquer de gêneros e para a instabilidade de quaisquer caracterizações.⁸⁴

Esse caráter relacional, ou seja, não abarcar somente o feminino, como faziam algumas estudiosas da História das Mulheres, mas compreender que o masculino e o feminino são elaborados a partir das relações de poder tecidas em sociedade foi um diferencial importante. Além disso, a perspectiva de gênero estabeleceu diálogos interessantes com as noções de classe e raça/etnia. Como categoria relacional, ao mesmo tempo em que a análise de gênero permitiu complexificar o olhar sobre posição das mulheres na história, possibilitou também, e esta é uma questão extremamente importante, questionar o estatuto da

⁸² SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: editora da Universidade Paulista, 1992.

⁸³ SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and Politics of History. **Cadernos Pagu** (3) Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1994. p. 07

⁸⁴ MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu** (11) Campinas: UNICAMP, 1998. p. 112

masculinidade. Neste processo de desconstrução, foi possível perceber que a noção naturalizada que se tem do masculino é fruto de um processo histórico que fez parecer indissociável os elementos: homem, macho, pênis; além do mais, constatou-se que tal associação atende à manutenção e perpetuação de um processo de dominação que tem como base a noção do masculino como um paradigma.

Como toda teoria, os estudos de gênero merecem ser percebidos em sua historicidade, de maneira que consideremos sua pertinência e suas limitações. Uma das críticas lançadas à esta perspectiva desenvolvida por Joan Scott, é de que a base biológica continua sendo estruturante das construções de gênero possíveis. Alguns estudiosos, na esteira do pós-estruturalismo, levaram a cabo reflexões que ficaram conhecidas como *Estudos Queer*. De forma bastante genérica, pode-se dizer que eles identificam esse apego ao biológico, ainda presente nos Estudos de Gênero, como um empecilho à compreensão do gênero para além do binário, bem como a ocultação de sexualidades não enquadradas na heteronormatividade. Nesta linha de estudos uma das importantes reflexões é apontada por Judith Butler⁸⁵. Ela observa que mesmo o sexo, tido como um dado natural e biológico, só adquire significado em um contexto cultural específico. De maneira que, pensar o gênero como uma expressão do biológico, ou apenas como a expressão cultural de um corpo sexuado imporia algumas limitações às análises que pretendem compreender o social. Conforme destacou Don Kulick, Butler demonstra que o conceito de sexo biológico é, por si só, um conceito generizado; é a partir das noções de gênero culturalmente estabelecidas, que se torna possível a produção do sexo como um dado natural⁸⁶. E, como demonstrado por Thomas Laqueur em *A invenção do sexo*, o sexo é um conceito historicamente construído.

Com o cuidado de não omitir a materialidade do corpo, que é um *dado óbvio*, não há como se esquivar de que o significado atribuído a ele é variado. Em perspectivas e momentos históricos diferenciados, Marcel Mauss e Pierre Bourdieu notaram que o corpo jamais é um dado natural, visto que é moldado segundo os padrões culturais que o enseja: “Bourdieu (1994, 1995, 1980), em sua teoria da prática, afirma que o corpo é o espaço onde está a cultura, onde se situam os principais esquemas de percepção e apreciação do mundo, formados a partir das estruturas fundamentais de cada grupo, como as oposições entre

⁸⁵ Judith Butler é doutora em Filosofia pela Yale University e professora do Departamento de Retórica e Literatura Comparada da University of California.

⁸⁶ KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 240

alto/baixo, masculino/feminino, forte/fraco etc.⁸⁷” Isso faz com que se desconfie de algumas explicações que buscam pautar-se em dados biológicos naturais. Tanto mais porque elas embasam a produção de saberes que classificam os corpos como possíveis ou não, produzindo aqueles que são considerados como seres abjetos. Segundo Butler, os corpos abjetos são aqueles que não se enquadram nos padrões ditados pelo sistema hegemônico, e este deslize faz com que percam, em partes, o status de humano⁸⁸. Neste debate desdobram-se as reflexões do campo abrangido pelos estudos *Queer*. Não se quer supor aqui, que os estudos *Queer* sejam como um desdobramento natural dos estudos de Gênero; todavia, os debates abertos pelas teorizações de gênero possibilitaram uma ampliação da reflexão, tomando não somente as noções de masculino e feminino, mas também colocando em questão as formas de sexualidade experimentadas pelos sujeitos de gênero. Por isso, talvez, alguns teóricos queer argumentem que, de alguma maneira, os estudos de gênero tradicionais se limitariam a observar um sistema binário.

A Teoria Queer propõe-se a uma genealogia radical dos discursos que instituem a heterossexualidade como uma norma compulsória. Judith Butler, que está hoje entre as teóricas mais influentes dessa corrente, propõe que o binarismo de gênero é instituído no quadro de um sistema heterossexual de produção e reprodução.⁸⁹

E é justamente este sistema heterossexual que serve como parâmetro para identificar aqueles corpos que não devem importar, por terem sido inadequadamente engendrados. Esses corpos são: “Aqueles que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizado que instituiu a heterossexualidade como natural.”⁹⁰

O problema identificado por Butler é que o gênero, por muito tempo, foi pensado como a significação social do sexo, ou seja, o sexo sendo considerado como a natureza e o gênero como a cultura, conforme a base epistemológica do binarismo. Neste cenário, a cultura é percebida como o natural socialmente significado. Ora, nessa perspectiva, o sexo nada valeria como possibilidade no social, na medida em que ficaria à sombra do gênero; todavia, a realidade social demonstra que o *sexo natural* ainda goza de grande prestígio, sendo não raro,

⁸⁷ BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 53

⁸⁸ PELÚCIO, Larissa Maués. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 28

⁸⁹ Idem. p. 206

⁹⁰ Idem. p. 206

acionado como um valioso capital corporal. Segundo a autora, as primeiras teorizações de gênero baseavam-se em um argumento que considera cultura e natureza como duas dimensões opostas e estanques: “alguns modelos do gênero como construção, supõe uma cultura ou uma agência própria do social que age sobre uma natureza, a qual é, ela própria, pressuposta como uma superfície passiva, fora do social, mas sua necessária contraparte.”⁹¹

Apresentando claramente seu posicionamento político⁹², Butler radicaliza com a noção do corpo como um elemento cultural. Transitando no campo da Filosofia e da Psicanálise, ela argumenta que o corpo é uma construção e que só passa a existir a partir do momento em que recebe sua marca de gênero, observando que o próprio sexo é estabelecido como um elemento pré-discursivo. “Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como uma interpretação cultural do sexo.”⁹³ Para ela os sujeitos são criados a partir de suas marcas de gênero que, por sua vez, são elaboradas a partir de um padrão de desejo heterossexual, que é utilizado até mesmo para aqueles cujas elaborações sejam socialmente sancionadas como transgressoras. “A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual.”⁹⁴ Não é de se espantar, portanto, que sujeitos como as travestis tenham práticas reiterativas do modelo heterossexual. Esta pode ser uma situação muito mais comum do que se imagina; isso ocorre porque “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performatividade constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados.”⁹⁵ A origem política e discursiva da identidade de gênero é falseada como um núcleo psicológico, que resguardaria a verdadeira identidade dos sujeitos. Butler oferece uma instigante constatação para descortinar

⁹¹ BUTLER, Judith P. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.156-7

⁹² Esse caráter político também é invocado por Beatriz Preciado. Em entrevista a Jesús Carrillo, ela constata que: “Si en un sentido político los movimientos queer aparecen como posgays, podemos decir que desde un punto de vista discursivo la teoría queer va a aparecer como una volta reflexiva sobre los errores del feminismo (tanto esencialista como constructivista) de los años ochenta: el feminismo liberal, o emancipacionista, es denunciado una vez más desde sus propios márgenes como una teoría fundamentalmente homófoba y colonial.” CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 375-405. p. 379

⁹³ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25

⁹⁴ Idem. p. 45

⁹⁵ Idem. p. 48

elementos que subjazem as trajetórias de vidas de algumas travestis. Se é verdade que a identidade pode ser percebida como um efeito de processos políticos e discursivos, então, as travestilidades, via de regra, poderiam ser percebidas tão simplesmente como a busca de sujeitos homens de orientação homossexual, em se conformar às normas de sexo/gênero; na medida em que, de fato, é comum ouvir das travestis esse tipo de discurso: “Eu me sentia atraída mas eu não me via mantendo relação com um outro cara. Depois que... que eu virei travesti, aí sim, eu ficava com menino; saía de mão dada com ele. Sabe?, ia pra balada. Aí pra mim tava tudo normal: tipo, ele homem e eu mulher.”⁹⁶ Todavia, limitar a análise a esta consideração ofuscaria uma série de negociações, jogos, trânsitos e disputas postas em cena pelas travestilidades. Ainda que, por vezes, elas tenham um discurso que argumente em favor de uma normalidade mítica, nota-se que sua prática é articulada muito além desse jogo de normalidade, e talvez aí esteja o potencial transgressor, paradoxal ou ambíguo, que é atribuído às travestis. Não sejamos incoerentes, tampouco levianos: todo esse embaralhamento não as deixa passar impunes às sanções sociais, ao sistema de ameaças e violências que tem sido alvo de tantas críticas. Há lugar nesta reflexão para o argumento traçado por Butler, seguindo as considerações da antropóloga Esther Newton. Segundo Butler:

[...] o travesti subverte inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos interno e externo, e zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade de gênero. Newton escreve: “em sua expressão mais complexa, [o travesti] é uma dupla inversão que diz que ‘a aparência é uma ilusão.’ O travesti diz [curiosa personificação de Newton]: minha experiência *externa* é feminina, mas minha essência *interna* [o corpo] é masculina. Ao mesmo tempo, simboliza a inversão oposta: ‘minha aparência *externa* [meu corpo, meu gênero] é masculina, mas minha essência *interna* [meu eu] é feminina’.”⁹⁷

O gênero, nesse sentido, é percebido como “uma atividade ou devir” e não “como coisa substantiva ou marcador cultural estático.”⁹⁸ Ninguém nasce com um gênero pronto, dado pela natureza; menos ainda ele pode ser considerado como a expressão de uma essência que encontra-se guardada no âmago dos sujeitos. Pelo contrário, sua construção se dá diariamente; os gêneros são construídos nas relações cotidianas. Butler define este movimento como uma performance, ou seja, uma prática reiterativa e citacional que é responsável pela materialização do sexo no corpo dos sujeitos, produzindo-os no interior da inteligibilidade cultural calcada no imperativo heterossexual. “Portanto, como estratégia de

⁹⁶ Depoimento do documentário *Muito prazer: travestis e transexuais de Juiz de Fora* (parte 1); disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FyIhayHXO2I>

⁹⁷ BUTLER, Judith. *Op. cit.*, p. 195-6

⁹⁸ *Idem.* p. 163

sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas”⁹⁹, que indica aos sujeitos o papel social que devem assumir a partir de sua materialidade corporal, identificada como masculina ou feminina, de acordo com a genitália apresentada. Assim, percebida como uma estratégia política de gestão dos sujeitos, “a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito.”¹⁰⁰ Larissa Pelúcio destaca que não se pode reduzir a performatividade à uma simples manifestação do gênero, na medida em que ela atua como produtora de corpos com marcas de gênero. Essa perspectiva pode oferecer elementos importantes para a compreensão do exercício de construção dos femininos vivenciados pelas travestis.

Ainda hoje, percebe-se que a ordem de gênero é reivindicada para organizar as sociedades, definindo papéis rígidos e em oposição para homens e mulheres; além de estabelecer o tipo de relacionamento possível entre eles. É dessa forma que a relação heterossexual é apresentada como a única legítima, e todos os valores e comportamentos que não se enquadram nesse padrão são diminuídos pela sociedade. Neste sentido, Welzer-Lang fala do heterossexismo como sendo a “promoção incessante, pelas instituições e/ou pelos indivíduos, da superioridade da heterossexualidade da subordinação simultânea da homossexualidade. O heterossexismo considera um fato estabelecido que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário.”¹⁰¹

Analisando alguns trabalhos da feminista Monique Wittig, Butler destaca uma ponderação pertinente feita pela autora:

Wittig argumenta que ‘a mentalidade hetero’, evidente nos discursos das ciências humanas, ‘nos oprime a todos, lésbicas, mulheres e homens homossexuais’, porque eles ‘aceitam sem questionar que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade [...]. Essa heterossexualidade presumida, sustenta ela, age no interior do discurso para transmitir uma ameaça: ‘você-será-hetero-ou-não-será-nada’.¹⁰²

⁹⁹ Idem. p. 199

¹⁰⁰ Idem. p. 200

¹⁰¹ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001. p. 120

¹⁰² BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 168

Essa ameaça constatada por Wittig, também percebida por Welzer-Lang, é sentida cotidianamente por lésbicas, gays, travestis, transexuais e bissexuais, que sofrem toda sorte de violências físicas e simbólicas. Percebe-se, pois, a formação de um sistema coercitivo que, pressupondo uma heterossexualidade natural (e/ou de inspiração divina), age contra aqueles e aquelas que recusam a perpetuação do sistema. Esse regime heteronormativo ultrapassa o âmbito das relações afetivo/sexuais entre sujeitos de sexos opostos; ele é muito mais complexo, e oculta uma arquitetura hierarquizante de corpos e comportamentos aceitos como legítimos socialmente.

Larissa Pelúcio pontua que:

A heteronormatividade não é uma norma hetero que regula e descreve um tipo de orientação sexual. Trata-se, segundo Lawren Berlant e Michael Warner, de um conjunto de ‘instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não só que a heterossexualidade pareça coerente, isto é, organizada como sexualidade – como também que seja privilegiada’. (2002: 230, nota de rodapé)¹⁰³

A construção da heterossexualidade como um padrão a ser seguido não é um processo inocente, tampouco desprovido de interesses, pois, paralelamente, tem-se a colocação da masculinidade como sinônimo daquilo que é superior. É a construção da dominação masculina, que dispõe hierarquicamente homens e mulheres, e pretende que todos e todas estejam submetidos ao *homem de verdade*¹⁰⁴. Se, no caso das mulheres, essa submissão já seria *dada pela natureza*, aos outros homens que recusam sua *natureza*, a sociedade age, nem sempre de forma sutil. Como destacou Welzer-Lang:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir (ou o que é pior, de recusá-los para si próprios), a dominação masculina produz a homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre esquemas ditos normais da virilidade.¹⁰⁵

As travestis são esses sujeitos que não só recusaram a virilidade masculina em sua forma tradicional, como construíram sua identidade tendo como referencial o que é colocado como o oposto do masculino, ou seja, o feminino. A homofobia é, portanto, uma manifestação cultural e social, como o racismo e o antissemitismo.

¹⁰³ PELÚCIO, Larissa. *Op. cit.*, p. 30

¹⁰⁴ Conforme discussão apresentada por Elizabeth Badinter.

¹⁰⁵ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001. p. 465

Muitas vezes, o discurso de aceitação da homossexualidade é feito em paralelo a uma recusa de que estes sujeitos tenham acesso aos mesmos direitos de que gozam os heterossexuais. Conforme destaca Borrillo¹⁰⁶, essa é uma manifestação clara da força de enraizamento do pensamento homofóbico de maneira institucionalizada.

Para Daniel Welzer-Lang a homofobia funciona, neste cenário de dominação masculina, como um dispositivo responsável pela manutenção da norma heterossexista. Ela é usada para garantir que a masculinidade e a feminilidade sejam vivenciadas por corpos sexuados específicos; na tentativa de impedir o desordenamento dos gêneros. Esses corpos são orientados a realizar performances ditadas pela normatividade de gênero, e àqueles que se *esquecem* dessas determinações, a abordagem homofóbica serve de ação corretiva. É interessante observar que o gênero e a sexualidade são tomados como dimensões únicas de um mesmo ser, e talvez isso possa servir de pista para se pensar a produção das hierarquias no interior do universo LGBT. Muitos homossexuais masculinos dedicam-se a reproduzir uma masculinidade socialmente aceita a fim de se esquivarem das sanções aplicada àqueles que transgridem a norma.

A homofobia não é um apanágio daqueles reconhecidos socialmente como heterossexuais. Muitos homossexuais apresentam um posicionamento homofóbico, evidenciando ser a homofobia algo mais complexo do que o simples ódio contra homossexuais. Quando se faz uma análise mais cuidadosa, como a apresentada por Borrillo¹⁰⁷, depara-se com uma complexa rede de saberes e poderes que engendram o sentimento homofóbico. Estando habilmente institucionalizada e reavivada cotidianamente nos discursos institucionais, a homofobia compõe uma estrutura que confere legitimidade ao processo de dominação masculina. Borrillo destaca que é na adolescência que os homens são mais homofóbicos, haja vista que este sentimento serviria como um mecanismo de defesa psicológica¹⁰⁸. Demonstrar ódio contra os homossexuais torna-se um recurso preponderante à construção de uma masculinidade nos padrões heteronormativos; isto porque, o simples fato de não negar com veemência a possibilidade homossexual, pode macular a *imagem de homem* do sujeito.

¹⁰⁶ BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

¹⁰⁷ Idem. p. 100

¹⁰⁸ Idem. p. 96-8

Desde a década de 1980, diversos estudos trouxeram como pauta o debate sobre a construção da masculinidade, demonstrando que não bastava nascer XY para se tornar um homem, pelo contrário, como demonstrou Elizabeth Badinter¹⁰⁹, a masculinidade é fruto de uma trabalhosa construção, muitas vezes mais *dolorosa* do que a feminilidade. Em *XY: sobre a identidade masculina*, a autora demonstra como, muitas vezes, pode ser árdua a tarefa de construção de um sujeito masculino. Recorrendo a uma argumentação psico-biológica, ela destaca que o XY (homem) é produzido no seio de XX (mulher), de maneira que o homem só se faz homem (masculino) na medida em que consegue romper e negar tudo o que é trazido pela mulher (feminino). A título de exemplificação, Badinter apresenta alguns estudos antropológicos sobre sociedades tribais que realizam os ritos da iniciação dos meninos. Enquanto as meninas são feitas mulheres rapidamente após a menstruação (dado natural), os meninos passam por longos processos que envolvem provas de resistência à dor, afastamento da figura materna e até mesmo a ingestão de esperma. Todo este processo, que pode durar de dez a quinze anos, é um esforço da comunidade para a criação dos *homens de verdade*, extirpando destes meninos as *fraquezas* femininas herdadas durante o contato materno.

Estes procedimentos verificados em sociedades tribais, como os Baruyas da Nova Guiné, estudados por Maurice Godelier, podem ser observados também nas sociedades ocidentais, em outras proporções, é claro. Esta percepção é desenvolvida por Daniel Welzer-Lang¹¹⁰, ao destacar a casa-dos-homens, ambiente típico de agrupamento masculino em que a dinâmica de interação entre os *machos* indica a construção da masculinidade concebida como verdadeira. É, pois, um local de aprendizagem para aqueles que ainda não são grandes homens¹¹¹. O esporte, por exemplo, pode ser um destes caminhos: “Aprender a jogar hóquei, futebol ou beisebol é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e, portanto, eu quero me distinguir do oposto (ser mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças.”¹¹²

¹⁰⁹ BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

¹¹⁰ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

¹¹¹ Idem. p. 466 - Os grandes homens são aqueles que têm os privilégios exercidos às custas das mulheres e dos outros homens. São vistos com outras mulheres, têm dinheiro e exercem poder manifesto sobre homens e mulheres. Podem ter grande poder político, econômico, militar, religioso, científico; ou ainda associar alguns destes.

¹¹² Idem. p. 463

Evidencia-se com isso que não há um modelo único de masculinidade, e que, embora a masculinidade seja um posicionamento que confere poder aos indivíduos que a encarnam, visto que a sociedade ocidental ainda é sustentada pelas vigas do patriarcado, há de se considerar a existência das hierarquias masculinas. “Por mais que se seja um homem, um dominante, cada homem é por sua vez submetido às hierarquias masculinas. Todos os homens não tem o mesmo poder ou os mesmos privilégios.”¹¹³ É relevante considerar que a masculinidade, no geral, é invocada como uma tripla negação do feminino, representado pela mulher, o bebê e o homossexual. “Por três vezes, para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual.”¹¹⁴

O esforço de negação realizado a fim de construir o masculino pode ser percebido tanto na adoção de padrões de comportamento que o dissocie do feminino, quanto nas vestimentas, nos cabelos e nos hábitos. A virilidade, por exemplo, um dos valores mais caros à masculinidade, deve ser cultivada cuidadosamente, e compor o aspecto da masculinidade verdadeira, de um homem ativo e provedor. O que implica na assunção de posições no espaço público e hábitos diferentes das mulheres.

Na medida em que a masculinidade é associada a um comportamento sexual compreendido como heterossexual, há de se problematizar o peso da homossexualidade na produção do masculino. Este trabalho foi feito por Badinter, que destacou o valor da pedagogia homossexual na Grécia e Roma Antigas¹¹⁵, na criação do masculino como um dado superior ao feminino. Invocando as pesquisas de Foucault como argumento explicativo, ela pontua que: “Amar os rapazes era prática livre [...] não só permitida pelas leis, mas admitida pela sociedade [...]. Mais ainda, encontrava sólido apoio em diferentes instituições (militares ou pedagógicas), era uma prática culturalmente valorizada.”¹¹⁶ Neste esforço de perceber os comportamentos sexuais historicamente localizados, Badinter recorre mais uma vez às investigações realizadas por Foucault em *A história da sexualidade*, para demonstrar que foi

¹¹³ WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisal (org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 123

¹¹⁴ BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 34

¹¹⁵ Idem. p. 78-84

¹¹⁶ FOUCAULT, Michel. Apud BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 79-80

somente no século XIX, em que floresceu com mais rigor o saber científico, que a homossexualidade assumiu o estatuto de espécie particular, e o indivíduo homossexual passou a ser considerado como um doente ou criminoso. “A identidade homossexual, tal como a conhecemos é, portanto, uma produção da classificação social, cujo principal objetivo era a regulação e o controle. Nomear era aprisionar¹¹⁷”.

Masculinidade, feminilidade, homossexualidade e heterossexualidade são dimensões de classificação e compreensão das realidades humanas, que merecem ser percebidas como campos de disputas, permeados por relações de poder. Aceitar ou não as regras definidas pela sociedade traz implicações diversas. O ato de resistir às determinações, por exemplo, pode render sanções severas. Há sujeitos que golpeiam a ordem de gênero; nascem biologicamente homens, mas recusam a construção da masculinidade; e recusam a vivência do padrão heterossexual. As travestis são esses sujeitos que golpeiam a ordem heterossexista, que organiza o funcionamento da sociedade, ao mesmo tempo em que desarticulam o sistema em que o gênero deveria ser concebido de acordo com os atributos biológicos. E essa transgressão é considerada pela sociedade como inaceitável e lhes rende as mais cruéis formas de violência. Em contrapartida, como se fizesse uma tentativa de *mea-culpa*, esses sujeitos incorporam o violento processo de reprodução de uma sociedade generificada, em que os valores e atitudes associadas ao feminino e masculino são praticamente imutáveis. Assim, ainda que tenha realizado um processo de resistência à tentativa de associação entre gênero e biologia, elas tendem a reproduzir os papéis designados pela ordem de gênero. Talvez seja esse processo dinâmico e aparentemente contraditório, o responsável pela construção de uma mentalidade de que a ambiguidade é a principal característica das travestis.

Ao se fazer feminina, recusando percorrer o *penoso* caminho para poder assumir a identidade masculina, comum aos indivíduos nascidos XY¹¹⁸, a travesti passa a ser alvo na sociedade do comportamento homofóbico, amplamente difundido, e tanto mais aceito por significar uma das etapas de afirmação da masculinidade. Há de se notar que, enquanto se entender “masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, desempenha um papel importante no sentimento da identidade masculina”.¹¹⁹

¹¹⁷ BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 105

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem. p. 116-7

Em, *A dominação masculina*, Bourdieu propõe que sejam questionados quais são os mecanismos históricos responsáveis pela eternização das estruturas da divisão sexual e os princípios da divisão correspondente. E a esta questão, ele indica que: a) aquilo que na história aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização, realizado por instituições como a família, a igreja, a escola e outras como o esporte e o jornalismo; b) é preciso neutralizar os mecanismos que atuam na naturalização da história e c) esta é uma mobilização marcadamente política, que visa dar um golpe nas instituições estatais e jurídicas que eternizam a subordinação das mulheres.¹²⁰ Bourdieu aponta que a heterossexualidade foi construída socialmente como sendo o padrão universal de toda prática sexual normal, conforme observado também por Welzer-Lang, e é propagada e legitimada pelos discursos das instituições sociais encarregadas de garantir a perpetuação dessa ordem de gênero. Ela não impediu, entretanto, o aparecimento de outras formas de sexualidade (às vezes até mesmo se utiliza dessas outras formas), dentre as quais se destaca a homossexualidade; definida como sendo a relação entre pessoas do mesmo sexo. Essa definição merece ser relativizada, já que a compreensão sobre o que é o comportamento homossexual e que dimensões da vida cotidiana ele assume em determinada cultura, é permitir-se perceber formas heterogêneas. Em grande parte das vezes, como destacou Badinter, a posição homossexual se dá *pari passu* à construção do significado da masculinidade e da feminilidade, onde há uma nítida associação do comportamento homossexual masculino com o papel da mulher, de passividade, visto que muitas culturas não lêem a relação entre pessoas do mesmo sexo a partir de suas atribuições biológicas (órgãos genitais), mas muito mais pela posição que assumem, de ativo ou passivo, no ato sexual.

Em *The Mesma's House*, ao estudar as construções de gênero e sexualidade em um grupo de homossexuais e travestis mexicanas, Annick Prieur observou que:

Femininity in a man is a signal that he wants to be penetrated, masculinity is seen as the desire to penetrate, with the more androgynous, who want both, somewhere in the middle.¹²¹

Já no Brasil, também sobre essa compreensão da relação homossexual, Don Kulick observa que:

¹²⁰ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. Embora Bourdieu fale sobre a situação das mulheres, esta análise é pertinente à discussão apresentada para este trabalho, na medida em que, tal como as mulheres, e guardadas as especificidades, as travestis são parte de um grupo marginalizado por apresenta uma identidade sexual não-heterocentrada.

¹²¹ PRIEUR, Annick. **Mesma's House, Mexico City**: on travestites, queens and machos. University of Chicago, 1998. p. 58

É possível que no Brasil, assim como em Nova York dos anos 1930 e 1940 descrita por Chawncey, essas diferentes concepções estejam relacionadas a diferenças de classe e até de região geográfica. A parcela de classe média do Sul do país, mais urbanizada e sob maior influência ‘europeia’, tende mais provavelmente a ver ambos os parceiros como homossexuais, ao passo que a parcela de classe baixa das regiões Norte e Nordeste tende mais provavelmente à primeira concepção.¹²²,

Tal concepção vê como homossexual (*veado, bicha*) aquele que é penetrado (passivo) na relação sexual. Nota-se que os contatos homossexuais são permitidos, e mesmo incentivados, no processo de construção da masculinidade¹²³, ou seja, em momentos pontuais da vida. Tal *permissividade* não é estendida à toda a vida do sujeito. Aqueles que se *atrevem* a experimentar uma sexualidade em descompasso com os ditames sociais, são sancionados, com o uso da homofobia.

É, portanto, tendo como referencial o gênero, compreendido em um cenário social ainda marcado pela dominação masculina, que buscar-se-á perceber como é o processo do *fazer-se* travesti em Campos dos Goytacazes.

Na tênue linha do normal e do patológico, percebe-se que:

Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. Acolhem com menos receio fantasias, sensações e afetos e insinuem que a diversidade pode ser produtiva. Indicam que o processo de se ‘fazer’ como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer.¹²⁴

Por mais normativa que a travesti se apresente, como muitas vezes ocorre, é inegável o efeito que ela produz na sociedade. Sua simples existência, ainda que por vezes marginalizada, já insinua transformações políticas na medida em que instauram um processo de desconforto. Em depoimento Roberta descreveu como a travesti é percebida quando circula pelo cenário urbano, diferentemente do gay:

Roberta: Tem travestis belíssimas que quando passa na rua o povo olha, vira o pescoço, cutuca... vira atração, é muito complicado.

Pesquisador: E, por que você acha que as pessoas ainda fazem...?

Roberta: Porque... sei lá... porque eu acho que desde que [...] existe mundo, uma coisa diferente chama a atenção. E, o que que acontece? [...]: é muito bom... Ah!, travesti é lindo... tem a figura. É o que falo: “Travesti é o bobo da corte”. Ah, é engraçado... “Vocês são tão engraçado, você é isso, é aquilo...espalhafatosa... iiiii”; mas você lidar, conviver com a pessoa na sua família, é complicado; é muito mais

¹²² KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 221

¹²³ Ver as análises de Welzer-Lang sobre Maurice Godelier e a casa dos homens organizada entre os Baruaia, em *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*.

¹²⁴ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.23

difícil. De longe é muito mais fácil, mas é difícil tá vivenciando aquela coisa, então, é complicado. Tem pessoas [...] que mesmo na própria família você vê que tem uma certa restrição, entendeu? !. É muito complicado, meu filho, oh!. “Ah!, é lindim... se veste bem...”, vê foto... “Hum... cada roupa linda que você faz... você é inteligente”, faz tudo isso, só que depois, na hora que você cai na realidade, você vai todo dia na padaria de manhã cedo, vai no supermercado, isso o povo não olha pelo lado fashion, você não vai pro supermercado montada, com strais, com brilho, roupa de gala, não vai, né? ! E aí? Você olha pro lado e pro outro e o povo tá assim (cochichando)... um cutuca o outro; é verdade, a realidade é crua. A realidade nua e crua não é tão fácil assim não; as pessoas acham que é, mas não é não. Por isso eu acho que então... eu acho que essa recusa minha de ter uma certa afinidade de ficar 100% assim, é por causa disso. Porque eu sei que ainda vai demorar muito. Queria muito que não fosse assim, mas a realidade ainda é dura.¹²⁵

Neste comentário Roberta analisa e pondera o porque não opta, ainda, por vivenciar certa feminilidade 24 horas por dia. Segundo ela, ainda há muito preconceito, e, por mais que as pessoas tenham um discurso de aceitação, elas apenas observam o aspecto do glamour que compõem a travestilidade. As vivências cotidianas, nas atividades rotineiras, como ir à padaria ou ao supermercado são negligenciadas; e é justamente nestes cenários mais “simples”, que elas sofrem as maiores agressões, são ardidamente rechaçadas por olhares, piadinhas e comentários maliciosos. Ao fazer esta leitura do cotidiano, Roberta opta por não se sujeitar a esta sorte de agressões, e assim, investe em outro personagem, menos feminino, e portanto, menos visível no cenário urbano.

2.2 O (s) nós da pesquisa: pesquisador e pesquisadas em negociação

Como destaca Foucault, saber é poder; muito embora o discurso científico tenha tentado (e em certa medida ainda tenta) desvincular essas esferas. É nesse sentido que se pode perceber a escrita do pesquisador como de suma importância, sendo capaz de conferir legitimidade aos discursos produzidos pelos grupos pesquisados; bem como podendo destruir esses discursos, e produzir novas verdades.

Desmistificar a neutralidade científica parece ser um caminho plausível. Todas as questões que envolvem a produção da pesquisa, desde a escolha do tema até a metodologia a ser empregada, são permeadas por dimensões político-ideológicas. Desta feita, o conhecimento produzido também tem essa característica. O próprio conceito de primitivo, muito usado nos estudos antropológicos, que é hoje bastante questionado, é uma construção

¹²⁵ Depoimento concedido em 21 de junho de 2011, em sua residência – Campos dos Goytacazes/RJ.

ocidental, e foi utilizada para legitimar a visão que se tinha sobre o que seria a civilização, como apontado por Lévi-Strauss.

Durante o século XX o campo antropológico forneceu inúmeras *reflexões alternativas* para a compreensão da complexidade humana. Como exemplo, pode-se citar Ruth Benedict. Questionando as perspectivas evolucionistas e difusionista, ela elaborou uma visão da cultura enquanto construída socialmente; em que o indivíduo, ao mesmo tempo em que forma a cultura, é formado por ela. Não é, portanto, uma questão biológica, transmitida hereditariamente, mas sim uma construção dinâmica. Benedict não teve a pretensão de construir leis gerais explicativas, nem tampouco compreender o homem civilizado, como queriam os pesquisadores ingleses. Sua proposta foi conceber outras sociedades como uma possibilidade de explicação legítima; culturas diferenciadas e não hierarquizadas.

Quanto mais se aprofunda em uma cultura, mais se pode perceber a inexistência de um caráter dominante que oriente os comportamentos individuais e coletivos em todas as culturas. É o que permite considerar a relatividade de que é considerado em várias culturas, como normal e anormal, social e associal. A questão que parece saltar aos olhos é, portanto, a necessidade do cuidado em compreender uma cultura a partir dos elementos que a constituem, buscando a compreensão de sua própria configuração, que é responsável pela lógica de certa cultura. Esse cuidado é imprescindível, na medida em que cada cultura constrói seus padrões e, se se tentar observar uma cultura X a partir das prerrogativas elaboradas na cultura Y, à qual pertencemos, no mínimo, produziremos uma compreensão deturpada de X.

Seguindo a linha de pensamento relativista, que se opunha ao universalismo, Margareth Mead produziu a obra *Sexo e temperamento*, em que demonstrou de que forma as diferenças entre homens e mulheres são construções sociais, não havendo, portanto, padrões de comportamentos masculinos ou femininos orientados pelo biológico. É válido pontuar que este trabalho de Mead, produzido na década de 1930, pode ser percebido como precursor do que, quase meio século mais tarde, despontaria como os estudos de gênero.

Este exercício de golpear as visões que se querem como deterministas, é o que possibilita a realização de novos trabalhos, mesmo sobre temas já pesquisados. Mais uma vez fica em destaque a figura do autor, aquele que escreve o texto, ou melhor, como preferiria Geertz, que faz a tradução do que o pesquisado lhe apresenta. É, pois, no instante em que se problematiza o lugar do autor, e ainda mais, a autoridade de quem escreve, que a escrita se apresenta como um exercício de saber-poder. Ainda que o pesquisador tenha seu lugar na

observação, ele não pode deixar de conferir relevância ao grupo que ele observa; destacando, em certos momentos, a autoridade do pesquisado. Se um posicionamento mais tradicional pode perceber essa *concessão*, ou partilha do poder, como um enfraquecimento da autoridade do pesquisador, é porque se furta de perceber, ou habilmente insiste em escamotear, o peso político que têm essas problematizações.

O texto merece ser construído como um lugar de negociação entre as vozes do autor e do pesquisado. É importante demarcar qual é o espaço do pesquisador, enquanto produtor do texto, e o lugar em que ele permite o aparecimento do pesquisado; considerando, é claro, que ambos participam de um jogo que é político. Nessa reflexão, James Clifford destaca a honestidade do trabalho de Vitor Turner (*Floresta de Símbolos*), ao permitir uma polifonia, diferentemente de Lévi-Strauss, que faz o outro desaparecer. Esse é o poder político da escrita. O pesquisador deve ter sensibilidade e clareza sobre isto; esse é um diferencial para a realização de sua pesquisa.

Algumas propostas de Michel Foucault contribuíram para o aprofundamento dessa reflexão. Ao destacar a produção discursiva como parte das estratégias de dominação, ele nos convida a perceber que as alteridades são produzidas para garantir a superioridade de determinados grupos. As visões de mundo, os sistemas de pensamento, as classificações, são parte dessa ordem (plural) do discurso¹²⁶ presente na sociedade ocidental.

Considerando que o processo de pesquisa é permeado por tensões, conflitos, surpresas, alegrias e desânimos, há de se colocar em questão qual é o papel assumido pelo pesquisador e pelo pesquisado, nesta dinâmica que pode ser percebida como um jogo. O simples fato de o *nativo* ser colocado como o *outro*, já é algo que denuncia a hierarquização estabelecida no campo dos saberes. Neste campo a razão ocidental foi concebida como o padrão universal, a partir da qual todas as outras formas de ser, saber e sentir, deveriam se enquadrar. Assim sendo, pensar no papel do pesquisador enquanto alguém que pode contribuir para a construção de novos saberes, ser um produtor de reflexões, é supor que ele permita a emergência das explicações feitas pelos *nativos*, dando voz a esses sujeitos *outros*; percebendo que eles possuem sua própria lógica de organização, que talvez não possa ser compreendida com a lógica da razão ocidental.

¹²⁶ Em *A ordem do discurso*, que foi a aula inaugural de Foucault para o Collège de France, o pensador apresenta algumas reflexões sobre os discursos que compõem a sociedade, indicando que há ordens discursivas nas quais acontecem as relações sociais; destacando também a construção das disciplinas, campos de saber que são construídos socialmente.

Embora seja ilusório supor que o pesquisador consiga se despir de todos os seus pré-conceitos, advindos de sua cultura, é preciso que ele esteja disposto, constantemente, a perceber formas outras, diferentes das que lhes eram usuais. Daí destacar a relevância do fazer etnográfico enquanto um processo que se constitui de algumas fases, como: andar, olhar, ouvir e escrever. Todos os sentidos são fundamentais, e devem ser bem trabalhados para que a construção do que se passa no campo de pesquisa possa ser feita da melhor forma possível. Como observa Marcio Goldman¹²⁷, o pesquisador precisa tornar aquilo que ele observa, compreensível em outros lugares; respeitando o saber do outro, o observado.

O historiador e antropólogo norte-americano, James Clifford, em *A experiência etnográfica*, faz uma análise problematizada da antropologia, questionando o modo como se pensa e se escreve no interior da disciplina. O lugar do autor é tensionado e ele passa a ser um possível alvo de críticas. É preciso, pois, que o pesquisador esteja preocupado com a dimensão moral, política e ideológica de seu trabalho. E que tenha consciência de que a escrita e a fala têm a propriedade de formar, transformar ou deformar a realidade. O texto escrito pelo pesquisador pode garantir sua honestidade quando ele (pesquisador) tem o cuidado de pontuar a questão da temporalidade que permeia o processo da etnografia. O presente é sempre passado, embora a escrita escamoteie isso, e tente dar a impressão de que o trabalho de campo tenha acabado de acontecer.

Clifford Geertz também propõe que se pense sobre as escritas possíveis, e o lugar que o autor assume nesse processo. Nesse sentido, ele apresenta uma preocupação com a questão do significado e critica a noção de universalismo francês. A proposta de Geertz é pensar como categorias universais são vivenciadas em grupos específicos, que apresentam suas particularidades. A realidade passa a ser percebida como um texto, que pode ser interpretado. Essa proposta de Geertz contribuiu, sobremaneira, para esta pesquisa. Como Geertz, considero que o sentido e o significado do corpo são diferenciados para os diversos grupos sociais; a questão universal é que o corpo significa algo, mas esse algo não é universal, já que cada grupo, marcado por gênero, atribui a ele valores e usos diversos.

Assim, evidencia-se uma questão interessante nos estudos etnográficos. Enquanto o universalismo, que pretende uma igualdade acima de qualquer coisa, une a ciência e o imperialismo; os estudos etnográficos possibilitam a emergência, na ordem discursiva

¹²⁷ GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. In: **Etnográfica**, vol. X (1), 2006. p. 170-1

vigente, de formas outras. Por isso a preocupação com o papel do pesquisador, já que é por meio de suas categorias de análise que será feita a tradução¹²⁸ e determinado grupo poderá ser *compreendido*.

Este é um fazer político, que requer um compromisso ético. Sem o cuidado epistemológico, o pesquisador pode reforçar estereótipos, e seu trabalho terá um efeito reverso. As travestis, por exemplo, são vistas pela sociedade de forma caricata; tratadas em geral, com desprezo e violência. Considerando essa realidade, uma proposta de trabalho que pretenda ter este grupo como interlocutor deve ser cercada de cuidados. Se por um lado a produção de uma defesa irrestrita desses sujeitos, elaborando uma visão idílica e/ou vitimizada, contribui pouco; por outro, há de se ter cautela para não reproduzir as visões usuais, fazendo mais do mesmo.

Em *O nativo relativo*, Eduardo Viveiros de Castro problematiza a relação estabelecida entre o nativo e o pesquisador no processo de construção do saber antropológico. E ainda pontua que é mesmo a questão do nativo que continua a ser central na antropologia. Nessa proposta, o nativo é percebido como a “expressão de um mundo possível”¹²⁹, coerente em sua condição de possibilidades. Daí se considerar que à antropologia cabe o papel de determinar os problemas postos por cada cultura, menos do que oferecer respostas para possíveis problemas que estejam dados. Como cita Viveiros de Castro: “Se há algo que cabe de direito à antropologia, não é certamente a tarefa de explicar o mundo outrem, mas a de multiplicar nosso mundo, ‘povoando-o de todos esses exprimidos que não existem fora de suas expressões.’”¹³⁰ Não cabe ao pesquisador, portanto, qualificar e/ou classificar as falas dos nativos como verdadeiras ou mentirosas. Muito mais lhe pode ser enriquecedor buscar compreender o contexto que envolve esta fala, e assim terá a oportunidade de conhecer um pouco mais do grupo que fala, percebendo seu próprio sentido.

É preciso que o pesquisador disponha de alguma sensibilidade para superar o óbvio que se lhe apresenta; esta disponibilidade, às vezes, é delicada, já que o pesquisador precisa permitir o questionamento de sua autoridade. Esse tem sido o caminho indicativo da Antropologia nas últimas décadas; a voz dos oprimidos tem aparecido com mais intensidade.

¹²⁸ GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 10. ed., Petrópolis/RJ, 2008.

¹²⁹ CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O nativo relativo**. *Mana*, vol. 8, n° 1; Rio de Janeiro, 2002. p. 118

¹³⁰ Idem. p. 132

Nessa metamorfose, o olhar etnográfico assume uma postura mais crítica, caracterizada pela crise da autoridade etnográfica¹³¹, que faz surgir uma série de trabalhos que buscam dar visibilidade àqueles feitos subalternos.

Malinowski discorre sobre a importância de se ter contato com o grupo estudado. Aponta, ainda, que o método de trabalho é construído a partir do contato face a face; sendo fundamental, para o êxito da pesquisa, que se conheça o idioma, ou a língua do grupo estudado. No universo da prostituição de travestis, a linguagem é muito significativa. Além das mensagens transmitidas por seus corpos e comportamentos, as travestis possuem um vocabulário que merece atenção. Em determinadas situações, é praticamente impossível compreender o que se passa na rua, se você, enquanto observador, não for familiarizado com este vocabulário.

Desta forma, Castro¹³², ao indagar se os pecaris são humanos, não está se ocupando de produzir uma verdade sobre o grupo estudado; ele se permite perceber o significado que estes sujeitos constroem sobre o que é uma pessoa. Vê-se que uma categoria universal é tensionada e compreendida pelo sentido atribuído por um grupo particular. Esse exercício apresenta como resultado o questionamento da noção universalizante (ocidental) de pessoa. De tal maneira, a vivência da travestilidade é, em sua diversidade, um questionamento à ordem de gênero e de sexo. Os padrões ocidentais de masculino e feminino são ressignificados, reorganizados, e por vezes reforçado. Aceitar a legitimidade desses sujeitos, é perceber uma ruptura da ordem. Talvez por isso a *razão ocidental* faça um esforço sobre-humano para criminalizar e/ou patologizá-los. É relevante destacar que todo esse processo não se dá sem resistências; e nessa dinâmica, novos espaços, para além da marginalidade, são ocupados e construídos.

Pensando em uma analogia com a reflexão de Castro sobre os pecaris, não se trata de indagar se as travestis são homens ou mulheres, e assim pressupor uma verdade sobre elas – indicada por seu *verdadeiro sexo*¹³³-, mas, antes, seria muito mais produtivo perceber qual o

¹³¹ Cf. Discussão apresentada por CARVALHO, José Jorge. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. Brasília: Série Antropologia/UNB - 261, 1999.

¹³² CASTRO. *Op. cit.*

¹³³ Como Foucault apresenta o caso de Herculine Barbin, ocorrido no século XIX, em que médicos, homens da lei e religiosos são convocados para dar um parecer sobre o verdadeiro sexo de um indivíduo caracterizado como hermafrodita, e que, tendo sido criado como menina, foi obrigado a se tornar homem, depois de adulto. O resultado foi desastroso. (FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.)

significado atribuído por elas a cada uma dessas dimensões do gênero, sexo e sexualidade que vivenciam. Outra questão me parece fundamental para a realização da pesquisa: assumir uma postura ética e comprometida com os sujeitos que possibilitaram a realização do trabalho. Não significa, é claro, que ser complacente ou ingênuo; mas esse respeito para com o grupo que se pretende pesquisar é primordial.

Capítulo 3 – Fazer vida é fazer-se na vida? Travestis, clientes e prostituição na região central de Campos dos Goytacazes

Introdução

A primeira visita ao campo que seria pesquisado foi realizada em junho de 2009, época em que elaborava o trabalho final para a disciplina “Cidadania, Gênero e Desigualdades”, ministrada pela Prof^a Dr^a Marinete dos Santos Silva, no Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da UENF. Nesta oportunidade fui até a Rua 21 de Abril, localizada na região central de Campos dos Goytacazes e que é reconhecida na cidade como a “Rua dos Veados”, onde ocorre a prostituição de travestis e algumas mulheres. Esta primeira ida deu-se, portanto, como um *tiro no escuro*, em que supunha apenas que encontraria as travestis. Era um sábado comum na cidade, e como não conhecia bem a dinâmica do local, já que me mudara há poucos meses para Campos, resolvi ir de bicicleta. Chegando à 21 de Abril, por volta das 20 horas, busquei, com o olhar, encontrar os sujeitos que me traziam até ali. O tempo passou, e só fazia aumentar minha aflição. Era uma situação, no mínimo tensa, e extremamente desafiadora. Quando já passava das 21 horas, resolvi interpelar um dos vigias da rua, perguntando-lhe sobre onde ficavam as travestis. De forma pouco amistosa, ele respondeu: “Aqui não tem isso não. É uma rua de família.” Ainda que sua resposta não me desviasse do propósito inicial, fiquei um pouco mais apreensivo. Resolvi aguardar mais alguns minutos e, por volta das 21h e 30min vi a primeira travesti da rua. Lembro-me que ela parecia uma boneca; transitou pelo meio da rua e parou em uma das esquinas. Depois de mais alguns minutos avistei outra travesti, que sumiu rapidamente. Após essa primeira experimentação, fui embora e só voltaria ao campo alguns meses depois.

Em agosto deste mesmo ano, após contato com Fagno Pereira¹³⁴, retornei à rua e aí sim, tive contato direto com as travestis que por ali passavam. Desde então trabalhei na elaboração do projeto de pesquisa e passaria a acompanhar Fagno em suas idas à rua, toda semana, até o fim de 2009. A partir de abril de 2010 iniciei as observações no campo de forma mais sistemática. Do início do trabalho até seu término, em setembro de 2011 foram,

¹³⁴ Fagno Pereira da Silva é assistente social responsável pelo trabalho de rua realizado na região central de Campos dos Goytacazes com travestis e mulheres que atuam na prostituição; esta atividade é parte do Projeto de Extensão da Universidade Estadual do Norte Fluminense – “Educação, Saúde e Cidadania: formação de Agentes Multiplicadores de Informações em DST/AIDS”, coordenado por Maria Helena de Barros Barbosa.

em média, 160 horas de observação direta na rua, em cerca de 59 dias, conforme distribuição apresentada no quadro 01:

Quadro 01 – Dias da semana de visita ao campo

Dia da semana	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo	Não registrado
Número de vezes	3	6	13	5	16	9	3	4

A cada dia de observação no campo muitas foram as surpresas. Muitas vezes, o dia em que ficava menos tempo, ou em que havia menos movimento de clientes na rua, eram os mais proveitosos, em que pude estabelecer um contato mais próximo com cada uma das travestis, na medida em que podíamos conversar sobre os mais diversos assuntos; na pauta, usualmente, apareciam os temas: cuidados pessoais com a beleza e os relacionamentos afetivo-sexuais, com namorados e clientes, além, é claro, de alguns atritos novos ou antigos com outras travestis.

Em todo esse tempo de pesquisa busquei identificar de que maneira as travestis percebiam a prostituição, e ficou evidente que cada uma delas tem uma percepção particular sobre essa realidade. Viu-se um discurso, partilhado por muitas das travestis, sobre a necessidade financeira, já que o *retorno* oferecido seria muito grande:

Na verdade, a gente que é travesti e se prostitui, um pouco é comodismo, entendeu? Porque, na verdade, é assim... eu... por noite eu tiro aí 150, 200 reais, 250, por noite, entendeu?! Não é mentira, é verdade mesmo. É uma coisa muito arriscada. Lógico que não é fácil, você se deitar com vários homens que você nem conhece, tem arrogante; muito homem asqueroso, é nojento; às vezes você faz com nojo. Na maioria das vezes com nojo; você pega tudo que é tipo de pessoa, só que o dinheiro fala mais alto, entendeu?¹³⁵

Todavia, não se pode reduzir a isso. O contato com as travestis na rua fez-me perceber que estar na rua é muito mais do que oferecer sexo-fantasia-desejo a homens sedentos e curiosos. Tanto para as travestis quanto para os clientes, o ambiente da prostituição é desenhado com muitas linhas, por vezes sinuosas, e colorido com tons e sobretons. Percebê-lo em seus detalhes, nas nuances, falhas e retoques, é uma das propostas deste trabalho. Tendo como grupo pesquisado as travestis que atuam (ou atuaram) na prostituição na região central da cidade, busquei problematizar dois aspectos que compõem esse *fazer-se* realizado por cada travesti: o corpo e os clientes.

¹³⁵ Depoimento de Sabrina - 03 de junho de 2011.

organização tradicionalista ligada à Igreja Católica, a TFP (Tradição, Família e Propriedade)¹³⁷, e em que o sobrenome familiar tradicional é acionado como um importante capital social, e cuja religiosidade torna-se cada vez mais visível entre católicos e protestantes; encontra-se, também, um mercado tradicional de prostituição de rua de mulheres e travestis no centro urbano comercial da cidade. Particularmente, no que concerne às travestis, data da década de 1980 a ocupação desta região, na qual, ainda hoje, dividem espaço com as mulheres e com algumas igrejas católicas e protestantes, lojas de comércio, jornais e muitas residências. Conforme pode-se observar no Anexo 02, com a apresentação de alguns registros fotográficos dessa região central da cidade.

Embora essa temática seja importante, não foram muitas as pesquisas já realizadas. Além da monografia de Fábio Pessanha Bila¹³⁸ sobre três assassinatos de homossexuais na década de 1990, tem-se também a etnografia realizada por Fagno Pereira da Silva¹³⁹, sobre o cotidiano da prostituição travesti na cidade. Nota-se, portanto, que é um vasto campo a ser explorado e problematizado.

É bem verdade que a homossexualidade não é novidade no cenário urbano de Campos dos Goytacazes, ao menos no que concerne às duas últimas décadas do século XX. As travestis apareceram em algumas publicações locais, mas em geral em duas situações específicas: festividades ou páginas policiais. Uma das mais conhecidas na cidade é Sandra, responsável pela organização de um evento que homenageava as personalidades da imprensa e sociedade local. Em depoimento concedido aos pesquisadores Marinete dos Santos Silva e Fábio Pessanha Bila¹⁴⁰, ela diz que foi a responsável pela instauração da prostituição de travestis na Rua 21 de Abril.

¹³⁷ ALTOÉ, André Pizetta. A TFP em Campos dos Goytacazes: a participação feminina e a luta pela unidade. In: SILVA, Marinete dos Santos (org.). **Gênero, tradição e poder na terra do coronel e do lobisomem**. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, 2009.

¹³⁸ BILA, Fábio Pessanha. **O médico, o padre e o jornalista: mídia, justiça e homofobia em Campos dos Goytacazes**. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, 2006.

¹³⁹ SILVA, Fagno Pereira da. **Ordem tensa na pista: as rotinas da prostituição travesti na cidade de Campos dos Goytacazes**. Monografia UFF / Serviço Social – Campos dos Goytacazes, 2009. (mimeo)

¹⁴⁰ SILVA, Marinete dos Santos e BILA, Fábio P. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. **Dimensões** – Revista de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, vol. 23, 2009.

Sandra destacou-se por sua articulação política no cenário social, e gozava de certo prestígio por entregar o prêmio Nossa Gente é um Talento, que teve várias edições, e era realizado no Teatro Trianon, no centro da cidade. Esse evento tinha grande repercussão na imprensa local, além de contar com o apoio do poder público e da sociedade. A edição de 2002 contou com a participação do cantor Jerry Adriani e da transformista Rogéria.¹⁴¹ No ano de 2006 ocorreu a primeira Parada do Orgulho LGBT na cidade, e a mídia local vinculou chamadas como: “Parada Gay causa polêmica em Campos”¹⁴²; “A Parada é gay, lésbica...: 1º Ato do Orgulho GLBT de Campos levou mais de 10 mil pessoas à Avenida Alberto Lamego”¹⁴³. Com essa visibilidade algumas reportagens apresentaram até mesmo casais gays se beijando, o que não pareceu, porém, ser a regra. O glamour, prestígio e até mesmo certa simpatia com que gays, lésbicas e travestis eram noticiados, no entanto, refletiam pouco a realidade que viviam na cidade. Algumas notícias veiculadas entre 2002 e 2012 dão conta de uma realidade muito menos glamourosa. Ainda que não me proponha a apresentar um levantamento detalhado da visão que a imprensa refletiu sobre esses sujeitos, é, no mínimo curioso notar a forma como esses sujeitos, particularmente as travestis, foram tratados; seja pelo conteúdos das notícias, seja pela forma crua como as redações eram construídas.

Transtorno aos moradores: travestis invadem rua no centro de Campos¹⁴⁴

‘Piná’ morta na escada de prédio¹⁴⁵

Du Lodo era o terror: bala de calibre 22 mata o travesti que cobrava pedágio na 21¹⁴⁶

Além dessas notícias, uma mais recente foi particularmente impactante. E essa nem gozou de repercussão na mídia local. Os jornais apresentaram uma pequena nota que mal informava sobre ocorrido. Apenas um blog da região apresentou uma notícia um pouco menos incompleta:

Campos dos Goytacazes registrou o primeiro homicídio de 2012 ainda na madrugada do primeiro dia do ano. O crime ocorreu na madrugada de domingo (01), na Rua Cardoso Moreira, antiga Rua Branca, no Turfe Clube. De acordo com informações do Serviço de Emergência em Casa, da Prefeitura, a família de Carlos

¹⁴¹ Jornal A Cidade – 03 de maio de 2002.

¹⁴² Jornal O Diário – 19 de agosto de 2006.

¹⁴³ Jornal O Diário – 21 de agosto de 2006.

¹⁴⁴ Jornal O Diário – sem data.

¹⁴⁵ O Diário – 10 de agosto de 2004.

¹⁴⁶ O Diário – 10 de maio de 2004.

Magno Rosa, de 28 anos, fez o pedido de socorro informando que o paciente estaria apresentando febre e vômito e que estaria inconsciente. No entanto, ao chegarem ao local encontraram a vítima já em óbito, com quatro perfurações na região torácica abdominal e perda de dois dentes. De acordo com vizinhos, Carlos Magno que como travesti era conhecido como “Júlia”, teria participado da confraternização na rua e teria entrado para se deitar um pouco, já que não estava se sentindo bem, sendo encontrado morto logo depois. O crime foi registrado na 134ª Delegacia de Polícia (Centro).¹⁴⁷

Ofereço um pouco mais de destaque a este caso, pois Júlia foi uma das travestis que contribuiu para a realização desta pesquisa. Além do interessante depoimento concedido na tarde de 31 de agosto de 2011 em sua residência, ela foi uma das travestis com quem mais tive contato no trabalho de campo, sempre me oferecendo importantes informações além de me incitar a novos olhares sobre o cotidiano da rua. Até a finalização da escrita deste trabalho o caso de seu assassinato não fora solucionado, tampouco ganhara visibilidade. Foi ela quem me explicou o processo de deslocamento verificado na área de prostituição. Inicialmente as travestis ficavam na Rua 21 de Abril; durante a pesquisa de campo, em 2010 e 2011, constatei que a maior parte delas se concentrava na Rua dos Andradas e na Rua Formosa. Segundo Júlia esse processo se dera da seguinte maneira:

Júlia: Quando eu comecei assim, não fazendo a prostituição, mas quando eu ia lá visitar as pessoas, era lá perto do Correio, aí depois vieram descendo.

Pesquisador: Lá na 21 de Abril?!

Júlia: Isso. Agora todo mundo vai... Andradas, Formosa, João Pessoa ... (riso)

Pesquisador: E, na 21 o pessoal não fica mais?

Júlia: Não fica porque os clientes já tão ciente que na rua dos Andradas que é o local delas.

Pesquisador: E, como é que foi essa mudança, assim, do lugar, da 21 pra rua dos Andradas?

Júlia: Porque, as antigas, como se usa assim entre aspas, começou a ficar na 21 de Abril; as novatas já começaram a ficar na dos Andradas, com medo das antigas, entendeu?

Pesquisador: Hum... e, essas antigas, você pode falar o nome?

Júlia: Ah... é... Sandra, Magali, Dolodo, mais quem?, várias... todas se foram, só tem Sandra agora.

Pesquisador: De todas as antigas, só tem a Sandra?

Júlia: Uhum.¹⁴⁸

¹⁴⁷ www.ozknews.com.br – Acessado em 02 de janeiro de 2012.

¹⁴⁸ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

Esse conflito entre gerações não foi o único motivo para o deslocamento verificado. Segundo as travestis que já estão há mais tempo na rua, o fato de a 21 de Abril passar a comportar mais residências, fez com que os moradores e as travestis entrassem em conflito, forçando a *migração* para as ruas adjacentes.

3.2 Monas, travas ou *veados* da 21 de Abril: quem são elas?

Durante as visitas ao campo de pesquisa, momento em que recebiam os preservativos distribuídos no âmbito do Projeto de Extensão em Prevenção de DSTs e Aids da UENF, identifiquei cerca de 72 travestis, entre 2010 e 2011. Desse grupo total, 16 foram selecionadas para as entrevistas semiestruturadas¹⁴⁹.

Há de se considerar, inicialmente, que os dados obtidos não configuram um relatório de frequência das travestis na rua, isso porque as visitas não eram diárias. Assim, é possível que algumas que estivessem de passagem pela rua não foram vistas, ou porque foram em dias diferentes do meu, ou porque quando fui havia saído para algum programa; houve travestis que estiveram somente de passagem, outras, todavia, foram vistas semanalmente nos mesmos locais, possuem residência em Campos dos Goytacazes e saem para outras cidades apenas eventualmente. A média de idade ficou em 23,5 anos, sendo que a mais velha disse ter 48 anos e a mais nova 15 anos. Em relação à raça/etnia, elas se autoidentificaram como: 37,5% brancas; 23,6% negras; 16,7% pardas e 22,2% não se identificaram.¹⁵⁰

Parece haver um abismo entre as travestis e a sociedade, ao menos entre o que elas são e a maneira como são percebidas pela sociedade. Em 25 de maio de 2010 na exibição do Programa *Repórter*¹⁵¹, a prostituição foi a temática em questão. O programa centrou-se em três casos: uma mulher pobre, que foi apresentada como prostituta, grávida e moradora do interior do Ceará; uma mulher moradora de São Paulo, pertencente à classe média, e foi apresentada como garota de programa; e, por fim, foram apresentadas as travestis que atuam na

¹⁴⁹ O roteiro utilizado na orientação das entrevistas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado às entrevistadas, encontram-se disponibilizados nos Anexos 3 e 4, respectivamente.

¹⁵⁰ No Anexo 1 consta o Quadro 3 – Características das travestis entrevistadas, com uma apresentação um pouco mais detalhada sobre o perfil das entrevistadas.

¹⁵¹ Programa Jornalístico exibido pela TV Globo, em que jovens jornalistas apresentam detalhadamente o processo de produção de uma reportagem.

prostituição na Lapa-RJ, região considerada reduto da boemia carioca. Chama a atenção que no fim da edição sobre as travestis foi destacada uma cena – em que uma travesti agride com socos e pontapés um cliente embriagado – acompanhada do comentário de Caco Barcellos, dizendo que a travesti estava sendo covarde. Considerando a mídia como um importante canal de construção e manutenção do imaginário social, percebe-se que a maneira como a situação foi apresentada reforça o senso comum de que as travestis são seres perigosos, *essencialmente* marginais e pouco amistosos.

Em Campos dos Goytacazes, embora as travestis já estejam há algumas décadas *institucionalizadas* nas ruas do centro da cidade, os conflitos com a população local foram constantes. E essa é uma das justificativas para que a área de concentração tenha sido alterada: da Rua 21 de Abril para a Rua dos Andradas e Rua Formosa. Segundo as travestis, depois que a 21 deixou de ser uma rua mais comercial e passou a ter mais residências, o contato com os moradores nem sempre era pacífico. Aos poucos elas foram obrigadas a fazer este deslocamento.

Durante a realização do trabalho de campo, percebi que há uma rotatividade considerável no universo da prostituição. Quase toda semana aparece alguma travesti novata. Elas vêm, principalmente, de Macaé, Vitória e interior do Espírito Santo. Todavia, diferentemente de muitos outros locais de prostituição de travestis, em Campos dos Goytacazes a maior parte das travestis entrevistadas (62,5%) alegaram morar com seus familiares, embora nem sempre eles saibam claramente que elas atuam na prostituição.

Sandra, com quase 50 anos, é uma das travestis que há mais tempo está na pista, embora hoje em dia não atue com a mesma frequência de antigamente.

No universo da prostituição, o período de *auge* de cada travesti parece ter um prazo de validade, e este é determinado, em geral, pela juventude que ela aparenta. Além dos atributos corporais, a idade apresentou-se como um importante marcador de diferença, sendo responsável, ainda, pela formação de grupos entre elas; sendo usada, também, como mecanismo de desqualificação. Quando se é muito nova, diz-se que a inexperiência é negativa e que se deve ter muito cuidado. Certa vez observei duas travestis consideradas mais experientes (de 20 e 24 anos) aconselhando uma travesti mais nova (de 17 anos). Segundo as mais velhas, a *novinha* tinha que ter cuidado, ser menos resistente e ouvir as mais antigas. Esse argumento é a forma de conseguir respeito e legitimação da autoridade garantida pela idade. Já a *novinha* retrucava dizendo que: “os veados são muito assim mesmo; briguentos,

invejosos”. Há, de fato, uma disputa política que envolve não apenas a conquista de mais clientes, mas uma respeitabilidade do grupo, e o reconhecimento de sua autoridade. Uma semana após presenciar essa *tensão de gerações*, uma das que se considerava mais experiente dizia que ia juntar¹⁵² a novinha porque ela era muito *closuda*¹⁵³. Neste mesmo dia, foi interessante observar a chegada de uma das travestis mais antigas do local, Sandra. Ela apareceu em seu carro, o estacionou e pôs-se a andar pela rua; sem maquiagem, longos cabelos pretos soltos, e trajando um pequeno e justo vestido da cor de seu cabelo, que destacava suas nádegas e os seios. Tempos depois de sua chegada ela passou próximo do local em que eu e Fagno conversávamos com três travestis, e disse: “Agora que já fiz um de R\$100,00, já vou. Mesmo uma coroa como eu!”¹⁵⁴ Uma das travestis retrucou, amistosamente: “Muito bem, querida!”. Ela continuou andando, ajustou o vestido, deixando entrever parte de suas nádegas, e foi-se. Notei que a situação ficou ligeiramente tensa. Esse fato evidenciou que a geração é um importante marcador social no grupo das travestis, na medida em que estabelece lugares de exercício de poder, conferindo autoridade, ou, em alguns momentos, desprezo.

Como demonstrado, a média de idade das travestis que frequentavam a *pista* é baixa. Tal fato pode ser atribuído à competitividade verificada entre elas. Quanto mais velha, menores seriam as chances de êxito no mercado sexual.

O corpo é plástico, é cultural, é moldado pelos ditames da cultura em que está inserido, porém, não se pode negar que ele é uma realidade física, material e que, portanto, sua plasticidade é limitada pelas possibilidades oferecidas por esta realidade.

Eu me tenho como uma pessoa vitoriosa. Não, não... Imagina: é o que eu falo pras meninas, hoje elas tem 18, elas 20, 25, por 30, 35, você ainda consegue para numa esquina e arrastar pelo menos 70 pra casa. Você já imaginou?! Hoje eu sou linda... eu fico pelada..., você já imaginou isso com 40? Esse industrial tá lá na panturrilha, esse peito tá lá na barriga, e assim sucessivamente, e seu corpo não adapta mais, não aguenta.¹⁵⁵

A consideração feita por Tatiana vai ao encontro dessa constatação, e insere o ingrediente geração no processo de vivência da travestilidade. Segundo Tatiana, uma travesti deve estar com tudo em cima, ou seja, além de ser jovem cronologicamente ela deve possuir

¹⁵² Termo êmico utilizado para de referir ao ato de bater, repreender com violência, brigar.

¹⁵³ Termo êmico para utilizado para de referir àquela travesti considerada arrogante.

¹⁵⁴ Diário de campo – 14 de julho de 2011.

¹⁵⁵ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

um capital corporal alto – silicone, próteses, cabelos bem tratados. Há alguns casos observados na rua, que contradizem essa constatação feita por Tatiana; algumas travestis que já passaram desta faixa estipulada por ela, que ainda vão à rua para realização de programas e, a despeito de seus 45 a 50 anos, conseguem parar carros, motos e bicicletas.

Há quem associe a travestilidade estritamente à juventude. Algumas entrevistadas foram enfáticas em considerar que a travestilidade não é uma condição para a vida toda, já que quando estiverem com mais idade deixarão de ser travesti:

Ah, quando chegar assim uns 40 anos, que eu ver que a pele tá ficando enrugada... Porque é uó! Você tá velha, as novinhas chegando, você num... não tem mais graça. Aí sim, os homens só chegam pra você pra te usurpar. Não vai ter mais graça. Se for pegar você, por prazer, vai pegar uma novinha mais bonitinha! Eu tô em... por isso que tô aproveitando agora que eu tô nova. Depois que eu ficar velha, querida!, muito serviço! Nem prostituição vai dar mais dinheiro. É me matar no serviço e viver minha vida.¹⁵⁶

Acho que travesti não é pra sempre! Travesti não... nunca é pra sempre. [...] Um dia a idade chega, meu amor!, que ninguém vai querer te querer, né?! E a vergonha de botar uma roupa de mulher como velha...! Deus me livre, tá amarrado, em nome de Jesus!¹⁵⁷

De um lado há um discurso de Kyara e Júlia que, aos 23 e 25 anos, respectivamente, julgando a velhice aos 40 anos como um impedimento para se ganhar a vida com a prostituição; por outro a cena em que uma travesti que se aproxima dos 50 anos, regozijar-se e afronta o grupo mais novo, por ter conseguido fazer um programa por 100 reais, mesmo sendo coroa. Percebe-se, com esta situação, que a idade, colocada como limite para a vivência da travestilidade, no caso de Kyara e Júlia, também pode ser requerida como motivo de orgulho em outra situação.

Durante todas as conversas, entrevistas e observações, nenhuma das travestis disse ter mais de 33 anos. A mais nova alegou, no início do trabalho, ter 15 anos. Dominique é uma das mais novas; disse ter 16 anos e vem de Macaé com frequência. Em uma das conversas na pista, ela disse que já fez programa com casal, duplas, com outras travestis, um vasto repertório. Enquanto falava de suas peripécias na prostituição, lamentou ver seu *namoradinho* (vício¹⁵⁸) saindo com outra travesti (mais velha que ela, e com o corpo mais siliconado que o seu). Eram quase duas horas da madrugada quando uma travesti mais experiente, conhecida

¹⁵⁶ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

¹⁵⁷ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

¹⁵⁸ Termo êmico utilizado para se referir à realização do sexo gratuito com algum pretense cliente. O cliente pode ser chamado de vício, e a prática de: fazer o vício, viçar.

como a *cafetina*¹⁵⁹ da rua, chegou de táxi na Rua Formosa, passou andando rapidamente pelo bar e se dirigiu à Dominique. Antes de dizer qualquer coisa, ela puxou seu cabelo (uma peruca preta), deu-lhe uma bolsada e gritou com ela. Esse *corretivo* seria devido à alguma atitude errada de Dominique, que ainda é muito nova. Essas situações de tensão não foram presenciadas muitas vezes, mas segundo as próprias travestis é uma forma de manutenção da ordem local, e cabe à *cafetina* esse controle. Cerca de dois meses depois dessa ocorrência, presenciei Dominique chegando à pista com a suposta *cafetina* e seu companheiro, que estava no local para resolver alguns problemas relativos à ordem. O conflito anterior parecia estar sanado; a relação de correção, castigo, lembrando a relação entre mães e filhos, fica expressa dessa maneira. É evidente que a *cafetina* só exerce esse poder de mando porque sua autoridade é reconhecida pelas outras travestis.

No início de 2011, enquanto caminhava pela Rua dos Andradas em direção à Avenida 7 de Setembro, encontrei Dominique e Renato. Como de costume, ela estava bem feminina, muito falante e simpática; trajava short jeans minúsculo e colocara um aplique de cabelo preto longo. Neste dia Renato assumira outra identidade: Yeda. Com uma calça jeans justa, tênis All Star, blusinha rosa-choque justíssima, evidenciando seu corpo franzino; os seios eram forjados com um sutiã de bojo; usava uma peruca loura, que era constantemente penteada com um pente enorme; a barba fora retirada e a marca era disfarçada com um pouco, ou muito, pó de arroz, sobre o qual fora aplicada uma maquiagem bem suave; suas unhas estavam pintadas com esmalte rosa com detalhe branco nas pontas, tentando suavizar as mãos que ainda pareciam pouco delicadas. Como observado por ela/ele, ainda não dispunha do traquejo no uso da feminilidade, que as travestis têm, pois seus gestos ainda eram muito brutos, portanto, masculinos; o que a/o colocava em descompasso com o ideal da feminilidade tradicional, que prevê uma performance suave, delicada. Depois que receberam os preservativos, as duas seguiram para a Rua Formosa. Em seguida Pauline foi avistada na esquina da FDC¹⁶⁰ com a Rua Formosa; ela disse que não pegaria os preservativos, alegando ter alergia à marca que estávamos entregando. Neste momento ocorreu uma confusão com um cliente de Renato/Yeda, que se recusava a pagar pelo programa que seria realizado. Renato/Yeda

¹⁵⁹ Pessoa que efetua a cobrança de um valor para que as outras pessoas possam se prostituir em determinados espaços urbanos, ou privados. Nas áreas de prostituição de travestis, em geral, a *cafetina* é uma travesti mais velha e experiente.

¹⁶⁰ Faculdade de Direito de Campos – localizada na rua perpendicular à Rua Formosa.

chamou Dominique e logo também apareceu Pauline. Elas iriam tombar¹⁶¹ o homem, mas o carro da polícia que se aproximava dissolveu a confusão. Pauline reclamou que, por conta do ocorrido, estava queimada com o cliente, que sempre saía com ela: “Ele gosta de chupar piru, bicha! Tô ferrada, não vai mais querer sair comigo... e ele paga bem, tá?!, 40, 50 reais.”¹⁶² Ela ainda mostrou uma marca de unhada e sangue em seu braço. Essa cena possibilitou que ela dissesse ter várias marcas em seu corpo e destacar que quando sai com os clientes tem gosto em dizer-lhes: “Cada marquinha do meu corpo tem uma história.”¹⁶³ Sempre muito agitada, ela falava e ria muito alto, dizendo faltar apenas 30 reais para completar 80 que ela precisava fazer na pista, para pagar uma conta no dia seguinte. Seu corpo, magro e ligeiramente musculoso, estava bronzeado, fruto do sol dos dias de praia na região litorânea de Campos (praia do Farol). Conseguiu produzir uma marquinha de biquíni, que ela orgulhosamente exibia com short jeans de cós baixo e top amarelo, que era constantemente ajeitado. O cabelo natural de Pauline, que segundo ela é sarará, ficava ora preso, ora solto. Renato/Yeda sugeriu que ela o pintasse de *morena* e alisasse; proposta que foi recusada de pronto. Como falávamos de cabelos, Renato/Yeda se aproximou de mim, pegou uma mexa de meu cabelo e tentou projetar quantos centímetros daria se cortasse para fazer um aplique. Dominique aproveitou a situação e tomou emprestado meu óculos, pôs em seu rosto e foi até a frente da vidraçaria, cuja porta de grades permitia o acesso às imagens refletidas nos espelhos do interior da loja. Com um ar de brincadeira, Dominique fez-se de professora. Disse que se fosse professora seria muito animada. Nesse momento a interpelei ponderando que poderia ser professora, e então ela me respondeu que: “Não iam aceitar uma professora travesti.”¹⁶⁴ Dominique parou de estudar no 1º ano do Ensino Médio, e Renato/Yeda disse estar cursando o 3º ano, em um município vizinho, São João da Barra.

Este pequeno relato de alguns momentos da pista, permite que se pontuem questões bastante sérias que permeiam o universo da prostituição de travestis em Campos dos Goytacazes. Os três sujeitos, que se apresentam como travestis, demonstraram vivências dispares de um mesmo *fenômeno*, a travestilidade. Ao longo de minha permanência no campo, vi que Pauline continuou frequentando a rua, e durante o dia também assumia essa

¹⁶¹ Termo êmico utilizado para se referir ao ato de roubar, furtar.

¹⁶² Diário de campo – 10 de janeiro de 2011.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Idem.

vivência da travestilidade. Dominique, que estava iniciando seu processo de construção, não foi mais vista na pista até o fim da pesquisa de campo; mas alguns comentários davam conta de que ela teria ido embora para o Rio de Janeiro. Já Renato continuou a frequentar a rua, e a fazer programas, mas não mais se apresentando como Yeda. Em sua análise, o fato de estar travestido potencializava a realização de programas, já que o assédio dos clientes era maior; todavia, maiores também eram as chances de ser agredido, por isso ele optou por continuar *fazendo vida* como boy: “O que essas bichas passam aqui?! É gente que bate, joga as coisas...!”¹⁶⁵ Com isso, percebemos que essa vivência da travestilidade não pode ser generalizada; enquanto algumas a experimentam como meio de vida, outras a consideram como uma possibilidade ou, quiçá, uma eventualidade.

Um aspecto comum, também evidenciado, foi a visão negativa que todas elas apresentaram sobre a travestilidade. Quando Dominique brincava dizendo querer ser professora, ela o fez como se esta não fosse uma possibilidade real, já considerando que o estigma depositado sobre ela inviabilizaria seu trânsito em alguns espaços de saber e poder.

Tal constatação não é produzida em descompasso com o cenário educacional da vida das travestis. Quando se compara o nível de escolaridade e a atuação profissional delas, percebe-se que este não-acesso a espaços que demandem maior nível de formação. Nenhuma delas possui formação de nível Superior; apenas duas possuem algum curso de formação técnica, e mais da metade possui, no máximo, o Ensino Fundamental Completo. Observa-se, ainda, que mais da metade delas identifica a prostituição como meio de vida, apresentando-se como profissionais do sexo¹⁶⁶. Não pretendo com este cruzamento de dados, justificar a escolha da prostituição como único caminho a ser trilhado pelas travestis. Primeiro por considerar esta uma associação muito simplista, e porque os dados acima apresentados foram produzidos a partir de um universo pequeno, que não se pretende demonstrativo da realidade mais ampla vivenciada pelas travestis. Todavia, seria leviano não constatar e considerar toda sorte de violências físicas e simbólicas sofridas pelas travestis quando começam seu processo

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Sobre esse termo, profissionais do sexo, Elizabeth Bernstein considera que: “Contudo, ao final do século XX, com a mudança de uma economia baseada na produção para uma economia baseada no consumo, o foco da crítica moral e da reforma política é gradualmente deslocado; a prostituta é normalizada, seja como ‘vítima’ ou como ‘trabalhadora do sexo’, enquanto a atenção e a sanção é afastada das práticas de trabalho em direção do comportamento do consumidor.” p. 323 Cf. BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu** (31), julho a dezembro de 2008: 315-362.

de transformação, que em geral ocorre entre os 12 e 15 anos, fase em que se encontram em idade escolar.

Uma análise mais cuidadosa é imprescindível para que se possa estabelecer de que maneira os processos discriminatórios sofridos no ambiente escolar, familiar, entre outros, contribuem, de fato, para que muitas travestis se engajem na prostituição. Em princípio, fica a constatação de que a discriminação tem um peso considerável. Em seu depoimento, Sabrina afirma que aos 13 anos saiu do interior do Espírito Santo, onde morava com sua família e foi morar na capital, onde iniciou a vida na prostituição, já que seu pai não lhe aceitava como travesti:

Ele não aceitava de jeito nenhum. Ele não aceitava ter um filho homossexual, muito menos travesti. E me agredia muito. E eu era muito nova, então eu optei em sair de casa.

Então, pra não ser agredida, eu saí de casa com 13 anos. E a forma de ganhar dinheiro que eu vi no momento, foi me prostituir. Aí eu optei... me prostituir até hoje. Na verdade eu me acomodei com a prostituição, entendeu?! Porque prostituição... Travesti é uma opção, prostituição também. A gente nasceu homossexual, mas o restante é tudo opção. Eu optei me prostituí porque eu achei mais fácil, e me acomodei, até hoje me acomodei, foi isso.¹⁶⁷

Sair de casa, vivenciar a travestilidade, tudo isso é visto por Sabrina como uma opção. Já a homossexualidade seria uma condição. A prostituição é apontada como uma situação de comodidade. Essas noções articuladas no discurso de Sabrina são recorrentes nos discursos midiáticos, e povoam o imaginário social sobre as travestis. Mas, quando atentamos para as informações que ela apresenta é possível ponderar: se aos 13 anos, em idade escolar, Sabrina identifica como opção sair de casa e viver da prostituição, como única possibilidade para escapar das agressões motivadas pela homofobia institucionalizada no ambiente familiar, há de se supor que na escola ela não tivesse um bom trânsito, ainda que tenha cursado até o 1º ano do Ensino Médio. É preciso pensar sobre os limites de aceitação de que a prostituição seja uma escolha deliberadamente cômoda, efetuada por esses sujeitos. Não é irrelevante a constatação de que a dominação masculina ainda exerce profundas influências nas relações sociais, tanto mais quando se trata da experiência de gêneros e sexualidades consideradas como marginais.

Com o cuidado de tratar as especificidades de cada cultura e sociedade, pode-se notar que este sistema de dominação atua em realidades diversas, como já constatado em alguns

¹⁶⁷ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

estudos.¹⁶⁸ No mesmo espaço da pista de Campos, duas realidades aparentemente distantes, são conectadas por essa dominação masculina que provoca os desdobramentos já citados. É o caso de Sabrina, que em 2010 tinha 24 anos, e o de Thábata, então com 14 anos.

Thábata disse que estava na pista há apenas dois meses, e que foi a primeira vez a convite de uma amiga da sua idade, que também é travesti. Ela é a mais velha de quatro irmãos, mora com os pais em uma comunidade próxima à UENF. Segundo ela, seus pais sabem, mas não gostam que ela se prostitua. Indo à rua de duas a três vezes por semana, disse faturar cerca de R\$ 200,00 por noite, cobrando R\$ 40,00 por programa, sem fazer descontos. Sobre o uso de hormônios, inicialmente ela disse que não usava e nem pretendia, mas pouco tempo depois, na mesma conversa, deixou escapar que gostaria de usar sim, mas sua mãe a proíbe. O dinheiro conseguido na pista é usado para comprar roupas novas, e parte é depositado no banco. À época do início da pesquisa, em 2010, Thábata cursava o 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola estadual no centro da cidade; quando o trabalho de campo foi finalizado, em setembro de 2011, ela já não estava mais frequentando a escola. Ela constatou que havia quatro gays em sua sala de aula, e que dois desses também se montavam como travestis, mas não iam para a escola montados, pois a direção não permitia. Para Thábata, travesti é homem que usa roupas de mulher e faz *coisas* femininas. Seu nome foi escolhido em homenagem a uma prima, com quem ela se relaciona muito bem, além de ter a mesma aparência quando está montada. Negra, baixa, com um corpo bem franzino, piercing no umbigo, e usando uma de suas três perucas, ela disse que frequentemente é confundida com mulher: “O cliente só descobre quando a gente chega no motel e eu tiro minha roupa.”¹⁶⁹ Por vezes o programa é consumado, ou ela é *devolvida* à pista. Com um ar de timidez e insegurança, ela recusou a possibilidade de fazer vício na pista: “só as bichas altas (mais velhas) é que fazem.”¹⁷⁰ Nesta primeira conversa ela não demonstrou entusiasmo em continuar a estudar; não falou de planos, sonhos; mas destacou que não pretende ficar na prostituição para sempre. Como seus pais não estão de acordo, muitas vezes deixam a casa trancada para que ela não consiga sair. Percebi em sua fala um incômodo na relação com os

¹⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. / WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

¹⁶⁹ Diário de campo – 03 de junho de 2010.

¹⁷⁰ Idem.

irmãos mais novos, que a chamavam de *viadinho*. Os colegas da rua onde ela morava alfinetavam seus irmãos, chamando-os de *cunhadinhos*.

Em 2000, há dez anos, no interior do Espírito Santo, Sabrina vivenciou esta mesma realidade experimentada por Thábata que vive hoje em Campos dos Goytacazes, no interior do Rio de Janeiro. Apesar do distanciamento geográfico e temporal, ambas experimentaram os efeitos e dissabores causados por uma ordem heterossexista que imputa valores e normas, sobre a qual devem estar orientados os comportamentos sexuais e de gênero. Quando escapam a esta normatização, sobrevivem-lhes a homofobia, a (s) violência (s) e a marginalização social.

Quatro meses depois de ter este primeiro contato com Thábata, ouvi de Sofia, o comentário de que Thábata estaria tomando hormônios e seus seios já estavam aparecendo, o que, de fato, pude constatar. Além do mais, as perucas foram substituídas por um aplique fixo, o que lhe garantia mais capital corporal no processo de elaboração de uma feminilidade mais próxima do ideal da mulher erotizada. Neste mesmo dia,¹⁷¹ Francisca, que chegara há poucas horas do Rio de Janeiro, com seus 35 anos, reprovou com veemência o fato de Thábata estar *fazendo vida*; disse que isso é absurdo, porque ela é uma criança e que na rua está sujeita a todo tipo de violência. Alguns dias depois, Luciana comentava que Thábata reclamara do movimento da pista. A esta altura, embora estivesse na pista praticamente todos os dias, o número de programas já diminuía e o assédio dos clientes já não era mais o mesmo. Luciana observou que é assim mesmo: “No início é novidade, todo mundo quer. Depois, vira figurinha fácil.”¹⁷² Carne nova no pedaço faz sucesso. Segundo as travestis, a rotatividade de *carnes* na pista é um dos atrativos para os clientes. Uma situação ilustrou bem essa consideração, feita por muitas delas. Em uma sexta-feira de abril, enquanto conversava com Tatiana, que mora sozinha em seu apartamento no centro de Campos, notei a chegada de Andréa – vinda de Niterói – RJ; em seu macacão de tecido que, colado ao corpo, acentuava suas formas pouco modestas: seios fartos, nádegas grandes, alta, loura, equilibrando-se cuidadosamente sobre um salto de acrílico. Logo que chegou pôs-se a conversar com Tatiana – negra, igualmente alta, seios e nádegas não menos exuberantes, cabelo comprido, vestido colado ao corpo. Em poucos minutos, enquanto elas conversavam, um carro parou, chamou por Andréa e saiu com ela. Esse cliente era um homem visivelmente alto, musculoso, e já havia passado uma vez na rua; na segunda vez parou. Ante a situação, Tatiana ponderou, em tom de reclamação: “Essas

¹⁷¹ Diário de campo – 23 de outubro de 2010.

¹⁷² Diário de campo – 13 de novembro de 2010.

bichas vem de fora e bate a porta na cara da gente! Mas também, quando eu vou na cidade dela, aí é babadeiro, bicha!”¹⁷³ Segundo Tatiana, o homem que saiu com Andréa é seu cliente há algum tempo. Nessa dinâmica da prostituição, a novidade torna-se um atrativo e, portanto, um elemento de disputa entre as travestis. Talvez, justamente por isso, a pista deve ser compreendida como um espaço de grande dinamismo, ficando praticamente impossível apresentá-la fixamente. Todas tem espaço; todas as formas, performances, estilos são acolhidos de alguma maneira:

As pessoas são... cada um tem a sua estrela; às vezes você faz um valor, no outro dia você não faz; às vezes você vai e não faz nada. [...] Oh, eu te digo assim, às vezes não, porque às vezes você vai num dia de segunda, você faz uma quantia maior do que o que você faz num dia de sáb... sexta e sábado, que são dias de movimento grande, em qualquer cidade! Às vezes você faz a quantia, do mesmo valor numa segunda, numa terça, numa quarta. Tudo depende daquele dia; se aquele dia for o seu dia de trabalhar, você vai trabalhar e fazer aquele dinheiro! Agora, se aquele dia não for o dia de você trabalhar, e você tá ali, você vai... e é a mesma coisa de nada. Eu já vi... eu já trabalhei aqui em Campos, já trabalhei em Macaé, já trabalhei no Rio, já trabalhei em Ipatinga - em Minas -, já trabalhei em Cachoeiro de Itapemirim; eu já via, na rua mesmo, de travas belíssimas, belíssimas mesmo, de toda plastificada... de mega...[...] É, de plástica (nariz feito, botox, prótese nos seios, silicone) ... e, ir pra rua, não fazer nada e aquela que num... num tem nada no corpo, é toda simples, fazer mais programa que ela! Então, tudo é... é o dia da pessoa! Entendeu?! Se for seu dia você vai fazer, se não for... é tentar a próxima. *Por isso que... rua de prostituição nunca fica vazia!*¹⁷⁴

Rua de prostituição é sempre movimentada. Todos os dias da semana tem programa: clientes e travestis. Embora, como destaca Sofia, sexta e sábado sejam os dias em que, teoricamente, o movimento é maior, todo dia é dia de trabalho, e pode-se ganhar muito mais dinheiro em um dia menos movimentado! A dinâmica e a lógica que levam os clientes a buscarem esse serviço nas ruas, não é tão óbvia quanto pode, em princípio, parecer. Como destacou Roberta em seu depoimento, o domingo à noite é muito interessante, já que os homens que circulam pela rua querem programa de fato, não ficam enrolando: chegam, param e perguntam, se lhes interessa, saem para o programa. Não tem tempo para ficar de *pantomima*¹⁷⁵, como ocorre em outros dias da semana, em que o intenso movimento traz também muitas pessoas que não estão em busca de programas, mas apenas zombaria e pequenas brincadeiras, por vezes ofensivas. Assim, como espero ter sido evidenciado, as

¹⁷³ Diário de campo – 8 de abril de 2011.

¹⁷⁴ Sofia Andrade – 20 de julho de 2011.

¹⁷⁵ Termo êmico utilizado para se referir alguma encenação feita pelo cliente ou por outra travesti, como insinuar interesse em fazer o programa mas não concretizá-lo.

travestis que atuam no *trottoir*¹⁷⁶ na região central da cidade têm mais questões em comum conosco do que a sociedade usualmente nos faz crer.

Ao longo da pesquisa conheci duas travestis que relataram suas experiências quando saíram do Brasil e foram para a Europa: Fabiana e Denise. Fabiana mora em um distrito afastado do centro da cidade, e relata ter morado alguns anos na Suíça. Tendo retornado a Campos, e mora com sua família, que a acolheu muito bem, ela frequenta a pista para conseguir *alguns trocados*. Essa temporada na Europa rendeu-lhe a possibilidade de tornar-se *mulheríssima*¹⁷⁷, ou seja, adquirir uma aparência feminina, com próteses nos seios, nariz operado, cabelos longos. No dia em que a encontrei¹⁷⁸, ela trajava um short jeans, corpete preto, jaqueta jeans e sandália de salto alto. Disse que, para chegar à pista conseguiu uma carona em um ônibus que não transportava passageiros. Ao longo do trajeto o motorista sugeriu que eles parassem o ônibus e ela fizesse sexo oral nele; recusando a proposta ela alegou, em tom de indignação: “E o meu prazer? Não... deixa... vamos conversando!”¹⁷⁹; por fim acabaram trocando os números de telefone. Essa chegada de Fabiana não foi isenta de tensão. Verônica, que está há mais tempo na rua, tentava intimidá-la, falando a respeito de uma briga recente, em que uma travesti havia ameaçado Fabiana com uma faca. Ao ser interpelada por Verônica, Fabiana justificou-se: “É bicha, depois que eu coloquei minha prótese, eu virei *viadinho* mesmo. Eu tenho muita coisa a perder: minha prótese caríssima, meu nariz... Ela não tem nada mesmo!”¹⁸⁰ Fabiana se refere à outra travesti com quem brigou, cujo corpo não está tão capitalizado quanto o seu, e por isso pode ser posto em risco.

Moradora de outro distrito de Campos, já mais próximo do centro, Denise, quando a conheci na pista em novembro de 2010, já estava no Brasil, há três meses. Alta, negra, seios grandes, cintura fina, quadril bem desenhado, e ostentando um longo aplique, sempre faz questão de estar sorridente enquanto caminha pela rua. Durante a conversa, falou muito sobre sua estada fora do Brasil. Ela teria morado dois anos na Suíça e os últimos oito meses na

¹⁷⁶ Em francês significa calçada. Em *O negócio do michê*, Néstor Perlongher utiliza este termo para se referir à prostituição de rua, a baixa prostituição.

¹⁷⁷ Na terminologia empregada pelas travestis, *mulheríssima* é aquela travesti que conseguiu construir um feminino que mais se aproxima do ideal almejado por elas, que envolve formas, gestos e comportamentos ligados à feminilidade tradicionalmente atribuída às mulheres de forma erotizada.

¹⁷⁸ Diário de campo – 08 de junho de 2011.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Idem.

Itália, onde colocou suas próteses de silicone nos seios. A volta teria sido motivada pela vontade de rever a família, mas em breve pretende retornar à Europa. Apesar de manifestar essa vontade, Denise ainda estava em Campos dos Goytacazes até o fim de 2011. Considerou que a vida por lá é muito melhor do que aqui no Brasil, pois o retorno financeiro é significativamente maior. Antes de viajar para a Europa já havia feito algumas aplicações de silicone em partes de seu corpo, inclusive nos seios. Destacou, ainda, que na Europa o mercado para a realização da cirurgia de transgenitalização é muito amplo, e todas que querem conseguem realizar tal procedimento, o que não é seu caso, pois, segundo ela o pênis “é um instrumento de trabalho. Muitos homens gostam!”¹⁸¹. Caberia o questionamento: será que só os homens é que gostam? E ela mesma? Ainda que muitas travestis atribuam a não realização da cirurgia às demandas dos clientes, o fato é que muitas também estão satisfeitas com o órgão sexual que possuem, não apresentando a vontade de serem reconhecidas pela identidade de transexuais.

Para a cidade de Campos essas travestis que frequentam a 21 de Abril são consideradas *os veados da 21*; entre elas mesmas, é comum que se chamem de *mona*, *monete* ou *bicha*; para alguns transeuntes que passam para zombar e debochar, elas são classificadas como *travas* ou *travecos*. Vê-se, todavia, que antes de serem enquadradas em qualquer uma dessas terminologias, elas são sujeitos cuja sujeição, não dócil, a um sistema normativo as faz parecer exóticas, perigosas e marginalizadas.

A pista é um espaço muito intenso de socialização das travestis e de *muitas gays* que também circulam por ali, mesmo que o objetivo não seja a realização de programas, mas apenas contar algum *bafão*¹⁸², fazer *pegação*¹⁸³ ou simplesmente passar em direção à casa ou trabalho. Nesse espaço, entrecortado pelo dinamismo, as trocas são permanentes, e realizadas em vários níveis e sentidos. Muitas das conversas que presenciei tinham como tema alguma festa, músicas do momento ou cuidados com a beleza. Por vezes deparei-me com algumas delas ouvindo alguma música do momento em seus celulares, sem o fone de ouvido, chamando a atenção das outras, que solicitavam o arquivo da música para seu celular também.

¹⁸¹ Diário de campo – 19 de janeiro de 2011.

¹⁸² Termo êmico utilizado para se referir a algum evento importante, alguma fofoca ou segredo.

¹⁸³ Termo utilizado no grupo LGBT para se referir ao ato de buscar parceiros sexuais eventuais, o que pode ocorrer em espaços públicos ou privados, como saunas, boates, praças, parques e ruas.

Outra modalidade de troca, talvez mais (in) tensa e densa dá-se no âmbito dos conselhos e orientações sobre as transformações corporais e o sentido da prostituição. Em um dos últimos dias da pesquisa de campo, no fim de agosto de 2011, presenciei uma cena que sintetizava essa relação de intercâmbio, em que Soraya, uma travesti considerada mais experiente, pela idade (31 anos), bem como pelo tempo em que está na prostituição (11 anos), oferecia alguns conselhos para Andressa, de 17 anos, travesti que está começando a *fazer-se na vida*. Soraya dedicou-se a explicar-lhe que existem vários tipos de hormônios disponíveis no mercado, e que cada um produz um efeito diferenciado sobre o corpo; ponderou, ainda, que se deve ter muito cuidado quando se relaciona com homens, pois em geral os homossexuais são muito carentes e por isso é preciso *ter cabeça*. Refletindo sobre a vida na prostituição, Soraya evidenciou que é uma ocupação com prazo de validade, já que quando chegar aos quarenta anos pretende parar de se prostituir: “Aí, as novinhas começam a chegar, aí já era, você não consegue mais nada! Por isso tem que se fazer agora. Eu aprendi isso com as bichas em São Paulo: tem que ser ambiciosa!”¹⁸⁴ Neste caso, nota-se que Soraya considera a prostituição, de fato, como um meio de fazer-se na vida, e por isso se planeja para que no futuro, não muito distante, possa sobreviver fora deste meio. Andressa ouvia atentamente as palavras de Soraya, aparentemente tomando-as como lições de vida. É claro que o fato de Soraya ser uma das travestis consideradas como *top* na pista, contribui para que seu discurso seja considerado como mais crível. Essa respeitabilidade conquistada por Soraya não é gratuita. Além de ser detentora de um capital corporal bastante valorizado: cabelos longos, corpo curvilíneo, próteses de silicone nos seios; ela, apesar de recatada e discreta, não admite que a desrespeitem: “Desde o dia que eu resolvi botar roupa de mulher, não levo mais desaforo pra casa!”¹⁸⁵ para ela, usar roupas femininas inaugurou uma nova fase em sua vida, significando abandonar o lugar de acanhamento, reflexo de sua condição como homossexual, para assumir uma postura de enfrentamento da realidade, que passa pelo processo de assumir uma identidade feminina.

Escolher ser travesti ou não, aparece em um universo de opções restritas. Não significa escolher entre ser gay, homem, mulher ou lésbica, mas sim, ser o que ela encarna como seu eu (travesti) ou ser alguém alvo das humilhações homofóbicas, como ocorre com os gays ou homens com performances consideradas femininas. A travestilidade, sob este prisma, é

¹⁸⁴ Diário de campo – 01 de setembro de 2011.

¹⁸⁵ Diário de campo – 02 de abril de 2011.

compreendida, então, como uma postura política de enfrentamento da realidade. Neste movimento, é essencial estar armada.

Cada dia, noite, em um simples passeio na praça ou ida à padaria da esquina, pode ser uma verdadeira batalha. Salto alto, vestidos decotados, maquiagens, cabelos bem cuidados são, talvez, as armas mais corriqueiras, mas não as únicas. O riso, o deboche e alguns gritos também podem ser utilizados como tática de defesa ou ataque. Essa busca por perceber alguns mecanismos de resistência utilizados pelas travestis, é fundamental para que não se reproduza um olhar de vitimização desses sujeitos. As travestis resistem, escapam e, não raro, se reencaixam à engrenagens do sistema heteronormativo, mas o fazem de uma maneira muito peculiar, não podendo ser reduzida a um simples retorno à norma. “Sua recusa nem sempre é crítica, contundente ou subversiva; por caminhos transversos, sua recusa pode acabar reforçando as mesmas regras e normas que pretendeu negar.”¹⁸⁶ Mas deve-se estar atento para perceber os efeitos dessa negação.

Em junho de 2010, tive contato com uma das muitas travestis que residem em Campos. Embora não tenha tido a oportunidade de entrevistá-la, a conversa que entabulamos na rua foi extremamente instigante; envolveu assuntos pessoais e profissionais. Morando com sua família em um bairro próximo ao centro da cidade, explicou-me que não tem qualquer tipo de despesa ou obrigação doméstica; tudo o que ganha na pista serve-lhe para comprar roupas, sapatos, cabelo, enfim, investir em si mesma. Em seu relato, descreveu o período em que trabalhou como recepcionista em um salão de cabeleireiros, localizado no centro da cidade, em que usava roupas sempre muito *comportadas*, por causa do ambiente. Em sua avaliação a travesti já é bastante discriminada, então, ela deve se portar bem para merecer o respeito das pessoas. Dayane explicou que muitos de seus clientes da rua passavam pelo seu local de trabalho diurno para debochar, mandavam flores, ligavam, acenavam, e isso a incomodava muito. Certa vez, após ser incessantemente importunada por um de seus clientes, ela foi até a casa dele e, na presença de sua esposa e de seu filho, fez um *babado*¹⁸⁷ com ele. Além dessas situações inconvenientes, ela alegou que outras cobranças burocráticas em seu serviço fizeram com que optasse por sair deste emprego, mantendo-se apenas com o que recebia na pista. Ela desconsidera a possibilidade de ir para outras cidades, já que aqui em

¹⁸⁶ LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19

¹⁸⁷ Termo êmico utilizado para se referir à alguma situação de confusão, alvoroço ou *barraco*.

Campos trabalha praticamente todos os dias da semana, e o que ganha é suficiente para pagar suas contas. Destaca, ainda, sua organização pessoal como sendo um dos fatores que a faz ser equilibrada com seus gastos. Parte desta organização implica em manter uma boa aparência durante o trânsito na prostituição, e isso pode demandar algumas horas de dedicação para o cuidado de si, antes de partir para a *batalha*: “O que eu tenho para vender é isso, né?! Tem que estar bonita.”¹⁸⁸ Uma das entrevistadas corrobora essa visão de Dayane, ao afirmar que: “Olha, quando eu tô na pista eu tenho que... eu tenho que me exibir, mostrar... ah... sei lá... tentar parar os carros e me oferecer de qualquer maneira, entendeu?! Essa é as nossas armas: se oferecer! Entendeu?! E tentar seduzir eles e conseguir o que a gente quer!”¹⁸⁹

Engana-se, porém, quem supõe que estas vidas sejam como rios de lágrimas. Participei de três momentos muito ricos: duas festas voltadas para o público LGBT e um concurso que elegeu a Musa Gay do carnaval de Campos de 2010. Nestes três espaços percebi a presença das travestis que também *faziam vida*. No concurso que elegeu a musa Gay do Carnaval de 2010, todas as quatro participantes eram travestis. No decorrer das semanas seguintes, o concurso foi o assunto recorrente nas conversas entre elas - o *bafão* da pista; todas comentavam sobre as performances realizadas, avaliavam se foi justo o resultado do concurso, dentre outras ponderações.

Pouco tempo depois, outro assunto já estava na pauta: o concurso Gala Gay, que seria realizado em agosto do mesmo ano (2010). Desde junho até a realização do evento, poucos temas foram tão discutidos. Dayane falava que o investimento para participar deste evento era muito alto; além da confecção do vestido, dever-se-ia organizar toda a apresentação, contratar dançarinos e construir o cenário. Algumas se gabavam dizendo que comprariam materiais no Rio de Janeiro, a fim de construir uma apresentação mais autêntica e impactante, utilizando produtos que não seriam encontrados na cidade, e com isso minimizando o risco de que outra travesti se apresentasse com acessórios idênticos. Poucas semanas antes do evento, Dayane e Roberta discutiam suas prováveis participações no evento. Dayane ponderava que poderia participar porque ela era gay, e não tinha silicone no corpo. Pelo teor da conversa, conclui que o concurso era direcionado somente para gays e transformistas; o silicone, associado às travestis, era um impeditivo. Embora Dayane se apresentasse na pista como travesti, ela não

¹⁸⁸ Diário de campo – 30 de junho de 2010.

¹⁸⁹ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

fazia uso de hormônios e tampouco, até a época, havia feito aplicações de silicone. Com isso ela poderia transitar entre as identidades de gay e travesti sem maiores celeumas.

Esse trânsito identitário pode ser observado em diversas situações, como o exemplo apresentado a seguir. No mês de abril de 2011 aconteceu mais uma edição da festa Eclétic Party, voltada para o público LGBT. Tendo início às 23h 59min de sábado, a festa terminara por volta das 7h da manhã de domingo, contando com um público majoritariamente gay, de várias faixas etárias, brancos, negros, pardos, fortes, magros. Havia também um pequeno grupo de lésbicas, em geral acompanhadas por namoradas. Visivelmente se identificava a presença de muito poucas travestis, cerca de cinco, das quais quatro eu já havia entrevistado ou conversado em algum momento. Elas pareciam investir consideravelmente na ostentação de uma aparência tida como feminina: salto alto, brincos chamativos, cabelos longos, soltos e bem penteados, vestidos justos e curtos, maquiagem; destacando-se do grupo de mulheres lésbicas, que parecia não se ocupar em garantir o reconhecimento por meio de sua aparência. Em determinado momento da festa encontrei outra travesti que já havia visto na rua, porém desta vez, ela não estava montada. Demorei algum tempo para reconhecê-la, até que ela veio em minha direção e me cumprimentou. Notei que, para ela, esta era uma situação muito comum, já que a travestilidade é utilizada como um recurso para *fazer vida*. Na vida diurna ela não se assumia enquanto travesti. Como tem silicone aplicado nas nádegas e coxas, utiliza-se de calças mais largas para *disfarçar*; até mesmo em seu emprego, na área da saúde. Ela percebia que ser travesti fora do espaço prostitucional não era algo que lhe trouxesse muitas vantagens.

Outro caso bastante emblemático é o de Roberta. Aos 33 anos de idade, e há quase 10 na prostituição, ela garante que essa atividade serve como complemento de renda, pois durante o dia tem um emprego como vendedora no comércio da cidade. No início, achava que viveria da rua, pois em uma noite ganhou quase um terço do salário mínimo da época, chegando a abandonar o emprego que tinha:

Eu parei de trabalhar, você acredita?! Parei de trabalhar, porque eu pensava que ia ficar rico me prostituindo. Porque eu pensava... se 85 reais, eu começando, vou ficar mais bonitinha, vou botar num sei o que... vou ficar rica. [...] Aí depois de um ano e pouquinho, eu vi que a realidade não era das melhores. Vi pessoas penando, e também, ai, é o sub-mundo. [...] Eu caí em si, entendeu?!, caí em mim, e falei: “não, pára com isso. Não é isso que eu quero pra mim não”. Voltei, arranjei um serviço, voltei a trabalhar. E eu trabalhei... saí de lá... aí saí... trabalhei na fábrica de doces em Guarus, [...]. Eu vou às vezes... geralmente trabalhando duas vezes na semana, uma vez... porque, é muito difícil, eu não gosto. A realidade da rua é muito difícil; porque tem gente que vai pra rua fica o dia todo, a noite toda na rua e não faz um centavo. Porque eles querem, na verdade, muitos clientes querem eles dar preço ao

seu serviço. E é complicado isso. Fica lá a noite todinha, aí chega três e pouca da manhã, chega um pra te oferecer ... chega no porta-luvas do carro, cata umas moedas e te oferecendo: “O que eu tenho é isso daqui, oh. Vamos?! Você tá aí a toa, pegando frio na esquina, sem fazer nada..., melhor isso do que nada”. Se você fala que é 50 reais um programa, eles falam: “Tá doido!!!... Tá doido RPAZ... 50 reais...?”. Eu falo assim: “É... 50 reais. “Mas não... tá muito caro, o que eu tenho é 20... o que eu tenho é 15, o que eu tenho é 10”. Então, é complicado. Eu não sou obrigado a sair com pessoas que querem dar preço ao meu serviço. Ou paga o valor que é X que eu cobro, ou não sai.¹⁹⁰

No dia em que realizei a entrevista com Roberta, enquanto aguardava próximo à sua casa, fiquei surpreso ao vê-la, pois estava desmontada, haja vista acabara de chegar do trabalho, e com isso não a reconheci. Explicou-me que sua família não sabe que ela é travesti, mas isso não lhe parece um problema. No trabalho, é obrigada a conviver com insinuações, deboches, mas que ocorrem de forma sutil, bem no estilo que pode assumir a homofobia em sua roupagem de violência simbólica, que se torna algo natural e, portanto, administrável:

Então, as pessoas já me conhecem, já me viram... aí, chega na loja, aí comenta com o outro... vi fulano de tal, tal... de tal jeito e tudo... só que é meu personagem noturno, o diurno é esse aqui (fazendo referência à imagem masculina com a qual se apresenta). Aí pronto, eu levo na esportiva, não me causa grandes transtornos. Por enquanto não me causou grandes transtornos até hoje.¹⁹¹

Seja no comércio ou na área da saúde, como identificado nos dois exemplos acima citados, o personagem apresentado na cena social diurna é o masculino, enquanto que o feminino tem sua circulação restrita às ruas de prostituição, durante a noite.

Segundo Josefina Fernández: “El travestismo interpreta, modela y experimenta su cuerpo como un texto que puede ser leído desde el género (femenino) y desde su sexo (varón).”¹⁹² Pode-se pensar, ainda, que sua experimentação de gênero é modelada de acordo com as circunstâncias, frente à sua percepção da travestilidade e sua relação com a prostituição. Assim, o corpo-texto da travesti é traduzido, resumido, reescrito em diversos momentos, buscando fazer com que a sociedade seja capaz e ler, compreender e aceitar esse sujeito-corpo.

Como foi apresentado neste sub-capítulo, a experimentação da travestilidade identificada entre as travestis de Campos dos Goytacazes é extremamente diversificada. Os trânsitos possíveis realizados por esses sujeitos estão, muitas vezes, além do que pode supor a

¹⁹⁰ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes**: travestismo e identidad de género. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 51

nossa imaginação; o que, todavia, não os faz menos legítimos. Espero, ainda, que as muitas situações apresentadas possam ter trazido a dimensão das possibilidades de ser/estar travesti, não havendo, portanto, a condição de que se estabeleça uma definição hermética do que é uma travesti verdadeira. Muito embora, em muitos momentos as trajetórias de vida desses sujeitos se toquem com muitos pontos em comum.

3.3 Travestilidades possíveis: arquitetando corpos hierarquizados

O discurso é instituidor de realidades que são legitimadas como possíveis. Isso se dá, por exemplo, quando se pensa no corpo. Como observado por Butler:

Para Foucault, o corpo não é ‘sexuado’ em nenhum sentido significativo antes de sua determinação num discurso pelo qual ele é investido de uma ‘ideia’ de um sexo natural ou essencial. O corpo só ganha significado no contexto das relações de poder. A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade.¹⁹³

Como efeito desse mesmo discurso produtor de corpos sexuados legítimos, tem-se a produção de corpos não inteligíveis, por conseguinte, considerados ilegítimos, impensáveis ou, como disse Butler, abjetos, corpos que não importam¹⁹⁴. “Não se pretende, com isso, negar a materialidade dos corpos, mas enfatizar os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos.”¹⁹⁵

Como destacado por Louro, não se trata de negar a materialidade do corpo, mas de perceber que alguns *detalhes* corporais têm sido tomados como definidores de gêneros, sexualidades e dos próprios sujeitos. Advogar por uma realidade que aceite a autonomia corporal é, pois, reconhecer que a transformação do corpo é possível, tanto quanto legítima, a despeito dos determinismos psico-biológicos, como já há muito tempo advertiram algumas feministas. É possível que o reconhecimento dessa gestão autônoma do próprio corpo

¹⁹³ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 137

¹⁹⁴ A este respeito ver a discussão feita por Nádía Perez Pino em *A teoria queer e os intersex*, em que a autora problematiza a necessidade que a sociedade se impõe para a construção de corpos que sejam inteligíveis a partir de um sexo que possa ser classificado; daí a não aceitação da posição do sujeito intersex, cuja genitália considerada ambígua destoa do padrão de inteligibilidade corporal.

¹⁹⁵ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 80

possibilite a construção de sujeitos menos orientados pela determinação imposta pela *natureza*, e assim nos permitamos perceber que:

O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam eles hetero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam.¹⁹⁶

Seu nome é Judite, em outubro de 2010 dizia ter seus 31 anos; e foi em uma das visitas ao campo de pesquisa que ela me ensinou, na prática, o que é ideia fartamente propalada pelos estudos das ciências humanas e sociais de que o corpo é plástico e de que sua construção dá-se na e pela cultura. Magra, longos cabelos louros ondulados, olhos expressivamente verdes, sua aparência lembra as bonecas da infância de muitas meninas. Aos 20 anos ela fez as primeiras aplicações de silicone industrial com uma *bombadeira*, que era sua amiga. Colocou 500 ml em cada lado do quadril e um pouco nos seios, além de uma quantidade mínima na face. Apesar de já ter feito essas aplicações há cerca de 10 anos, disse que ainda pretende, em breve, fazer algumas aplicações do mesmo silicone nas nádegas, mas em pouca quantidade, para não ficar em desarmonia com o restante do corpo. À época em que fez as aplicações passou por momentos delicados. Quando fez o procedimento no quadril usou anestesia, mas depois de fazer um lado, o efeito anestésico passou, e a dor foi intensa; mas não poderia desistir, pois já havia começado o trabalho. A situação dos seios pareceu ser ainda mais dramática. Após receber o silicone nos seios teve que usar uma atadura abaixo deles, para garantir que o silicone não descesse para a região da barriga (visto ser o silicone utilizado o industrial, e não a prótese cirúrgica). A *bombadeira* recomendou-lhe que ficasse 15 dias em repouso e com a atadura. Esse tempo, para Judite, era muito grande, e logo no terceiro dia, já entediada, ela resolveu sair para se divertir um pouco; foi a um bar beber e fumar com uns amigos. Esta estripulia rendeu-lhe momentos de muita tensão e desespero, quando o ferimento causado pela aplicação do silicone no seio direito se abriu e vazou parte do líquido; segundo ela, a única coisa que pode fazer foi enfiar o dedo no buraco e correr para o hospital, onde foi feito um curativo. Enquanto descrevia esse processo de feitura de seu corpo, Judite retirava parte de suas roupas e mostrava os respectivos resultados – no quadril, nos seios, na face; mostrou ainda a cicatriz no seio direito, por onde teria vazado parte do silicone (e, de fato, um seio parecia ser menor do que o outro). Quando falou das aplicações do rosto, ela destacou o

¹⁹⁶ WEEKS, Jeffrey. Apud: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 90-1

caráter mais arredondado que havia conseguido, o que a deixara mais feminina. Depois dessa aula, ela ainda se virou para uma travesti mais jovem que ela e aconselhou: “aplique logo o líquido mágico”¹⁹⁷, pois em sua avaliação, sendo mais nova, os efeitos são melhores e a dor é menor, já que a elasticidade da pele garantiria melhor aceitação do silicone. Finalizada a *aula*, Judite partiu para sua *batalha*.

Como ela, muitas outras estão nesta rua; batalhando por clientes, dinheiro, prazer, olhares, dizeres, satisfação de suas necessidades. A batalha diária ocorre na cidade noturna, e cada uma arma-se como pode, ou como quer.

Após fazer uma escova inteligente, July trocou os cachos pelo liso, além de ter acrescentado algumas mechas loiras em seu cabelo castanho; nesta noite escolhera um justo e curto vestidinho cinza com detalhes em rosa, que combinava com sua bolsa rosa pink. Nesta mesma noite fria, Beatriz, que é magra, loira e tem cabelo natural à altura dos ombros, investiu em uma maquiagem bem expressiva; seu desprendimento garantia que ela trocasse de roupa ali mesmo na pista: ora estava com um vestido curto e largo, ora com short jeans e blusinha de manga. Mais recatada que Beatriz, e também mais assediada, via-se também Tuany, com sua calça jeans justíssima e uma blusinha de manga sem muitos detalhes; apesar da simplicidade, as vestimentas pareciam suficientes para destacar suas curvas sinuosas, construídas com muito silicone e doses de coragem. Mirelle é branca, usa peruca comprida até a altura da cintura com pontas loiras, no rosto defende-se com uma maquiagem *babadeira*¹⁹⁸ e traça roupas bem femininas. Vinda de Macaé, Mayra também desfila pela pista; negra, de baixa estatura e com alguns quilos a mais que o desejável (para ela), seu cabelo natural chega à altura da cintura; costuma andar lentamente pela rua. Nesta noite usava um vestido de cor laranja, bem justo e curto; sem maquiagem, seu rosto limpo guardava resquícios de uma barba. Mais jovem que Mayra, Raica, de short jeans e um corpete vermelho de renda, mostrava discretamente o volume de seus seios medianos; seu longo cabelo negro era sensualmente movimentado, enquanto falava docemente sobre algumas amenidades. De outra geração, com idade para ser mãe de Raica, Sandra apareceu com carro ano 2000. Após estacioná-lo em uma esquina pouco movimentada, ela desceu imponente com seu vestido florido, acentuadamente justo e curto, destacando suas nádegas e seios modestos. Também com idade para ser considerada sua filha, mas não menos ousada por isso, Miriana, com seu

¹⁹⁷ Diário de campo – 22 de outubro de 2010.

¹⁹⁸ Termo êmico utilizado para se referir a algo de efeito, chamativo, interessante.

vestido de oncinha e com uma maquiagem bastante chamativa, também disputava os olhares dos transeuntes. Nancy optou por uma maquiagem mais leve, que compunha seu estilo *ninfetinha*, com short jeans curto, colete preto e seus longos cabelos castanho claro. Com uma blusa rosa tipo babylook e short jeans com bolsos decorados expostos, Mariana também garantia estar de acordo com a moda atual. Trajando uma minissaia jeans e um top preto, que deixava seus seios quase que completamente à mostra, Denise investiu em uma maquiagem mais leve, e deixou solta suas madeixas negras. Todo esse trânsito não as deixava isentas dos olhares e dizeres, que querem mesmo provocar. Sabrina estava muito maquiada, trajava vestidinho cinza sem mangas e tão curto quanto justo, que a fazia ficar arrepiada, ante o vento frio que soprava; o aplique nos cabelos deixava-a mais feminina, provocando comentários. Uma das mulheres que também se prostituía lançou a observação sobre Sabrina: “Olha o lamparão! Igual uma menininha mesmo! Fofinha... dá até vontade de apertar (risos)!”¹⁹⁹

Essa pequena montagem de muitas situações observadas ao longo da pesquisa de campo, busca indicar, sucintamente, a diversidade encontrada neste espaço e aguçar a reflexão. A oportunidade que se tem de aproximação desses corpos, que para muitos suscita abjeção (ou desejos) – lembrando o título do trabalho de Larissa Pelúcio -, é uma experiência ímpar na medida em que, de fato, aproxima-nos de um contexto complexo permeado por relações de poder, saber e dominação. Tanto mais quando eles adquirem seu status de sujeitos justamente a partir da sexualização de seus corpos e, em geral, ainda são reconhecidos apenas em contextos sexualizados, como a prostituição.

Problematizar a materialização dos corpos das travestis será o exercício que apresento a seguir. Como já explicitado, as reflexões são encadeadas em uma lógica que concebe essas travestilidades como possibilidades legítimas de produção dos sujeitos, articuladas em um contexto social que ainda é estruturado, de alguma forma, pela dominação masculina. Dessa forma, pretendo captar os momentos de inflexão que surgem quando esses atos performativos considerados transgressores, que fazem as travestis são encenados na realidade social pautada pela normatização: sexo/gênero/sexualidade. Dessa maneira, desviando-me de considerações precipitadamente conclusivas, privilegiarei a percepção de como as normas de sexo e gênero delineiam a materialização de corpos tão múltiplos e plásticos; muitas vezes a opção pelo uso dessa plasticidade surgirá como uma demanda para garantir uma reinserção no social, evitando uma marginalização completa, que seria sentida por aquelas quem empreendem

¹⁹⁹ Diário de campo – 15 de junho de 2011.

mudanças corporais *mais permanentes*. Lembrando Simone de Beauvoir, quando disse que *Ninguém nasce mulher: torna-se*, caberia uma analogia: *Ninguém nasce travesti: torna-se*. De igual forma, que não há, a despeito do homem de verdade (Elizabeth Badinter), a travesti de verdade, já que o trânsito que representa o fazer-se travesti é permeado por situações diversas e/ou adversas, que vão da ingestão de hormônios à colocação de próteses de silicone.

A partir das entrevistas, pude construir uma caracterização básica sobre como se apresentaram as travestis entrevistadas²⁰⁰ que atuaram/atuam na prostituição na região central de Campos dos Goytacazes, no período de fevereiro de 2010 a setembro de 2011; para tanto enumerarei alguns dos elementos identificados como fundamentais na construção das travestis, do ponto de vista de sua corporalidade. Esses elementos que considerarei foram selecionados a partir das observações no campo de pesquisa, bem como pelo levantamento bibliográfico realizado; são alguns aspectos que funcionam como marcadores diferenciais acionados para a hierarquização dos sujeitos que integram o grupo de travestis. Assim, tem-se: a) cabelo – natural, peruca, mega-hair; b) uso de hormônios femininos; c) aplicação de silicone industrial; c.1) local – nádegas, coxa, quadril, peito, rosto; d) prótese de silicone; d.1) local – nádegas, coxa, quadril, peito, e) intervenção cirúrgica; e.1) local – genitália, rosto, outro

²⁰⁰ Optei por apresentar um quadro apenas com a identificação das travestis que foram entrevistadas, por considerar que esse grupo selecionado ofereceu uma dimensão considerável do universo da pista; além do que, seria inviável apresentar uma descrição de todas as travestis que circularam pela localidade no referido período.

Quadro 02 – Corpos (re) feitos

Intervenção corporal realizada		Soraya	Tuany	Beatriz	Tatiana	Roberta	Kyara	Stéfany	Tamara	Pauline	Brenda	Thábata	Julia	Andressa	Eloah	Sabrina	Sofia	Total
Cabelo	Natural	X	X	X					X	X	X			X	X	X	X	10
	Peruca					X												1
	Mega-hair				X		X	X				X	X					5
Uso de hormônios femininos (hoje ou em outro momento)	Sim	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X		X		12
	Não			X					X						X		X	4
Aplicação de silicone industrial	Não			X			X		X		X	X	X	X	X		X	9
	Sim/Nádegas	X	X		X	X		X		X						X		7
	Sim/Coxa	X	X		X			X		X						X		6
	Sim/Quadril		X		X	X		X								X		5
	Sim/Peito		X					X										2
	Sim/Rosto		X		X													2
Prótese de Silicone	Não		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	14
	Sim/Nádegas																	0
	Sim/Coxa																	0
	Sim/Quadril																	0
	Sim/Peito	X			X													2
	Sim/Rosto																	0
Intervenção cirúrgica	Genitália	X																1
	Rosto																	0
	Outra															X		1

A construção da feminilidade pode ser percebida, pois, como um processo trabalhoso que demanda, além de recursos financeiros, uma disponibilidade constante de disciplinamento do corpo. Dietas, maquiagens, vestuário, pequenas ou grandes cirurgias, enfim, há um

processo de disciplinamento ao qual se submetem os indivíduos que se dispõem a vivenciar a feminilidade, da maneira como está construída atualmente.²⁰¹

Bordo, citando Mary Douglas, observa que o corpo “é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal completa.”²⁰² E é com este mesmo intuito que parece ser válido refletir sobre as travestis.

Ao refletir sobre esse processo de construção de si, realizado pelas travestis, percebe-se que não há uma regra que determine todas as transformações empreendidas. Todavia, pode-se notar um discurso comum que permeia a fala de muitas das travestis de Campos, quanto de outras regiões do país. Tomados em paralelo, esse discursos indicam que há alguma linearidade neste processo que vai, muitas vezes, da assunção da homossexualidade (para si ou para a família), até a adoção de uma performance feminina considerada mais completa. Em grande parte destas trajetórias identifica-se a fase de ser *pintosa*²⁰³, deixar o cabelo crescer, usar brincos, maquiagem, batons, pintar as unhas. É claro que este não é roteiro seguido por todas as travestis, mas por outro lado é interessante observar que a maior parte das travestis entrevistadas partilhou de um discurso semelhante. Quando indaguei Tuany se à época em que estudava havia alguma travesti que estudasse com ela, tive como resposta que:

Não, na minha sala não tinha nenhuma travesti, mas no colégio tinha aquela... não era nem travesti, era mais aquela coisa assim, mais pintosa, entendeu?!, aquela coisa que um pouquinho mais a frente ia ser travesti, entendeu?! Como era o meu caso também (risos); que no meu caso todo mundo que olhava pra mim, via que mais um pouquinho pra frente ia ser travesti. E foi isso que aconteceu.²⁰⁴

Nesta reflexão, Júlia comparou a travestilidade a uma carreira:

Assim, não é que eu quis virar travesti, já foi instinto que veio dentro de mim; me fez virar travesti. Instinto é: eu tenho umas amigas que, no começo da minha carreira, que ela... (que é uma carreira; travesti é uma carreira, um dia você tá no auge, no outro dia você tá no chão, na amargura!)... Então, é... eu tinha umas amigas, e quando eu comecei eu era uma bichinha boy; bicha boy é o que? É aquela bicha que se veste de homem; então, quando eu saía com elas a noite, os homens só

²⁰¹ BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, s.d.

²⁰² Idem. p. 19

²⁰³ Termo êmico utilizado para referir-se à sujeitos homossexuais masculinos que apresentam comportamentos ou gestos identificados como femininos, em geral associando-os às normas tradicionais de gênero, que considera como feminino traços de delicadeza, meiguice e comedimento, ou o oposto, falar alto, fazer escândalo, ser histérica.

²⁰⁴ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

queria as travesti; então, aquilo foi me formando umas coisa na minha cabeça que eu tinha que virar, que virar, que virei... já com 17 anos, por causa do hormônio, o hormônio me ajudou muito.²⁰⁵

E ela finaliza, constatando que: “Ninguém vira bicha ou travesti do dia pra noite!”²⁰⁶ E que, também: “Acho que travesti não é pra sempre! Travesti não... nunca é pra sempre.”²⁰⁷ Mesmo que esta carreira seja efêmera, é preciso ter dedicação, perspectiva e, sobretudo, estar disposta a enfrentar os obstáculos.

Assim, a partir da identificação desses pontos comuns nos discursos dessas travestis sobre suas trajetórias, pude construir um passo-a-passo que pretende oferecer uma noção mais geral sobre esse processo do *fazer-se*. Destaca-se, porém, que com esta apresentação não se pretende indicar uma fórmula-síntese que exemplifique a experiência possível de todas as travestis.

No início dessa trajetória, que nem sempre tem uma chegada esperada, o primeiro passo seria o uso de roupas e acessórios identificados como femininos, associados a um comportamento *tipicamente de menina*:

Eu não me aceitava usando roupa de homem; eu não me sentia bem; eu me sentia incomodada. Porque desde criança eu botava sandália da minha mãe, usava batom; desde os 6, 7 anos. Sempre quis botar roupa de mulher.²⁰⁸

Eu acho que eu sempre fui assim... feminina, menininha. Eu acho que com uns 13, 14 anos que eu comecei a vestir roupa de mulher. Mas eu sempre fui gay, né?! agora... vestir roupa de mulher?, eu acho que com uns 13, 14 anos!²⁰⁹

Os meus primos, ao brincar comigo, que falavam geralmente aquela coisa de querer brincar; eu brincava mais com as minhas primas que com meus primos. Eu não jogava bola, eu não soltava pipa. Ficava em casa, brincava de casinha.²¹⁰

Nestes três comentários pode-se perceber o quanto o gênero é construído como um aspecto definido a partir da identificação com uma sexualidade. As falas invocam uma identidade de gênero associada a um comportamento, reconhecido como feminino, a fim de legitimar a existência da homossexualidade. O fato de eles se reconhecerem como meninos que não atendiam às demandas para a construção da masculinidade, é acionado como um

²⁰⁵ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

²⁰⁹ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

²¹⁰ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

indício de que sua sexualidade não seria normal, heterossexual. Outro aspecto relevante é constatar uma vontade de encontrar na mais tenra idade elementos que justifiquem esses desejos apresentados como desviantes. Foucault²¹¹ já advertira que a sociedade Ocidental é tomada por um fascínio, quase que ensandecido, pelas origens; dedicamo-nos a uma busca incessante, a fim de descobrir as origens de tudo, como se esta guardasse a verdade última dos sujeitos, sendo capaz de oferecer, portanto, as explicações *mais verdadeiras*.

Essa *vontade de verdade* é percebida nos discursos das travestis que buscaram justificar seu gênero e sua sexualidade. Mais uma vez os repertórios possíveis para as vivências de gênero no masculino ou no feminino são elaborados como opostos, e tomados como determinantes das sexualidades. Ou seja, quando o sujeito se submete à vivência de uma feminilidade, deverá ser o que *recebe* o sexo do outro; quando mulher, será uma mulher heterossexual, quando homem, será um homem homossexual. Com isso, se fortalece a dicotomização entre ser ativo (penetrador) e passivo (penetrado). Embora essa dicotomia apareça como estabelecida, sabe-se que na realidade os limites entre essas marcações podem ser muito mais fluídos. Ainda que as travestis possam ser vistas como sujeitos homossexuais que buscam o enquadramento do gênero que recebe o sexo, efetivamente, em muitas situações, elas assumem a postura do sujeito que oferece o sexo; e sem que isso implique em uma diminuição de sua feminilidade.

Ainda nesta primeira fase do *fazer-se*, há uma dimensão que merece destaque: a construção do cabelo. O cabelo longo é indicado como um elemento fundamental de feminilização desses sujeitos. Além disso, a manipulação das transformações capilares são mais acessíveis do que as corporais. Deixar crescer, alisar, fazer apliques, o uso de mega-hair, perucas são algumas das possibilidades de intervenção capilar:

O cabelo é a primeira coisa; a primeira coisa que a gente deixa crescer é o cabelo! Porque o cabelo é uma... é... faz parte de um processo sensual, né?! Todo homem vê aquela mulher... é, prefere... se botar três mulheres: uma de cabelo médio, uma de cabelo curto e uma de cabelo comprido, o homem vai na de cabelo comprido, né?! Porque deixa a mulher muito mais sensual, o cabelo comprido, né?!²¹²

Ah, o cabelo eu deixo crescer desde os 14 anos... assim... eu nunca paro com cabelo; eu nunca paro com cabelo, eu sempre tô mudando de cor, corte, comprimen... eu sempre tô cortando, colocando mega-hair, tirando. Então, eu nunca tô com uma cor de cabelo só, nunca tô com um tamanho de cabelo certo. Tem gente que tem aquele cabelo... mesmo corte... mantém sempre o mesmo corte, a mesma cor; eu já não

²¹¹ FOUCAULT. Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

²¹² Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

consigo. Já tive o cabelo de várias... todas as cores, menos azul”, já tive roxo, rosa, vermelho, preto, louro, meio claro de marrom com louro...²¹³

Desde nova, desde que eu comecei a botar roupa de mulher, comecei a deixar o cabelo crescer, nunca mais cortei.²¹⁴

Há uma percepção de que a construção da feminilidade, por meio dos fios capilares, deve obedecer às demandas do masculino, que requer um feminino erótico, sexualizado. Destaca-se, ainda, que as possibilidades de desfrutar de um cabelo estão circunscritas às noções estéticas de um padrão branco, de liso, sedoso e longo. Neste universo o cabelo crespo é apontado como ruim. Considerando que 62,5% das entrevistadas se identificaram como negra ou parda e que nenhuma delas se apresenta com o cabelo crespo, é relevante destacar que essa noção do *cabelo ruim*, está materializada no tipo de cabelo que elas se permitem elaborar. O máximo que se percebeu, foi a aceitação do cabelo que seja ondulado ou com cachos, mas desde que o movimento fosse garantido.

O segundo momento desse *fazer-se* das travestis tem como matéria-prima os hormônios femininos; 75% das entrevistadas declarou usar ou ter usado algum tipo de hormônio feminino, com a ingestão de comprimidos ou aplicação de injeções de anticoncepcional feminino.

Então, quando a gente vira travesti, geralmente, a gente sempre vira assim com o acompanhamento de outras travestis; mas não tinha, entendeu?! Colegas da gente; aí elas ensina a gente... a tomar anticoncepcional, que o hormônio que as travestis toma é o anticoncepcional injetável e comprimido, só que a gente toma numa quantidade bem maior do que a mulher. A mulher toma uma injeção por mês, a gente toma de três em três dias. E eu comecei a me transformar assim, tomando anticoncepcional.²¹⁵

O hormônio representa a possibilidade de construção de um feminino obtido por meio de cápsulas ou seringas. Seu uso pode ser eventual ou constante, já que as reações são diferenciadas. Para algumas os resultados podem ficar muito distantes do esperado: “Ah, porque hormônio acaba muito com o sangue; os glóbulos vermelhos, então, qualquer coisa você dá, uma... uma garganta inflamada, uma coisa assim, sempre complica, fica tudo mais difícil, entendeu?! Seu corpo tá fraco.”²¹⁶ Essa reação adversa poderia ser controlada, se o sujeito dominasse algumas técnicas de cuidados corporais. Para Kyara, tudo depende de saber

²¹³ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

²¹⁴ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ Depoimento de Pauline – 03 de julho de 2011.

cuidar-se: “A maioria das bichas fala que dá furúnculo, dá isso, dá aquilo; em mim não, porque eu tomo vitamina também.”²¹⁷ Segundo Roberta:

Eu tomei quatro ampolas de hormônio só; me engordou, fiquei mais obesa do que nunca [...]. me dava uma fome... engraçado... me dava uma fome, e eu não vi, na verdade eu queria era criar corpo, e não aconteceu nada; porque eu vi meu peito criar um biquinho; meu corpo ficar a mesma coisa, porém eu engordei muito.²¹⁸

Os efeitos benéficos do uso dos hormônios estão associados, também, ao seu uso contínuo e sendo mais jovem.

Quanto mais novo você tomar o anticoncepcional, o teu corpo vai mudar mais rápido, entendeu?! Então, nossa!, comecei a nascer peito, o meu corpo começou a ficar igual ao corpo de mulher, cabelo crescer mais rápido, não nascer pelo no meu corpo, minha voz ficar igual a de mulher; os traços ficam mais femininos, entendeu?!²¹⁹

Chega um momento em que os hormônios não oferecem mais os efeitos almejados, como no caso de Roberta. É aí que algumas delas vão em direção ao terceiro passo:

E, a gente toma até um certo tempo hormônio, só que pro corpo ficar perfeito, igual ao de mulher mesmo, a gente vai e aplica silicone. Na verdade, o silicone que a gente aplica é aquele silicone industrial, entendeu?! Que é mais barato [...] e o resultado é melhor do que a prótese. [...] Eu coloquei um litro em cada bunda; depois de dois meses eu coloquei um litro e meio em cada coxa, entendeu?!, pra tornear as coxa e ficar igual corpo de mulher. Porque o hormônio, ele ajuda, mas não fica cem por cento feminino o corpo, porque o que deixa o corpo cem por cento feminino é o silicone. E aí a gente vai, a gente vai se transformando, vai fazendo várias mutações. Eu coloquei silicone no meu rosto; pro meu rosto ficar mais redondo, mais feminino, entendeu?!²²⁰

Ah, eu tomei hormônio uns cinco anos. Mas tem uma época, uma hora, que o hormônio já não faz mais efeito. Aí eu fui lá, foi onde eu parti pro silicone; botei silicone. [...] um amigo meu que bota silicone botou ne mim, entendeu?! Aí comecei a botar na bunda; botei na bunda em primeiro lugar, depois eu botei nas pernas e no quadril. E no peito. Seis litros, no total. De tudo, seis litros. [...] Foi aos poucos, levei uns 3, 4 meses botando.²²¹

O silicone é o material primordial na construção do corpo desejado, que quer ser apresentado como um corpo desejante. É com ele, apontado por algumas como *líquido mágico*, que o projeto de uma feminilidade sexualizada ganha materialidade, em corpos curvilíneos, com nádegas acentuadas, coxas bem torneadas, seios pequenos ou médios, além de rostos mais delicados, às vezes quase angelicais. Apesar da dor e dos riscos inerentes ao

²¹⁷ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

²¹⁸ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²¹⁹ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

²²⁰ Idem.

²²¹ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

processo de aplicação, que pode causar o óbito, a aplicação é vista por muitas como o único recurso capaz de conferir materialidade ao corpo almejado.

Então, eu achei que se eu quisesse colocar o silicone eu tava moldando o corpo... é um molde, [...] aquela coisa: cintura fininha, quadril, bundão, pernã. Então, eu achava que era assim, uma maravilha, nossa!²²²

Eu tinha... acho que meus 20; 19 pra 20 anos, assim, eu comecei tomando hormônio, hormônio, hormônio, aí meu corpo foi mudando... é! Aí tá. Aí eu queria ter mais corpo, foi aí que eu comecei a usar o silicone, né?! fiz aplicações de silicone no quadril, no bumbum, no peito, na perna, na coxa...²²³

Em 2008 eu adquirei a técnica do silicone industrial; me bombei com uma pessoa amiga, ela fez meu corpo. Eu bombei bunda e quadril. Aí, em 2009 eu comecei a adquirir a técnica do mega-hair, o implante de cabelo, capilar. Em 2009 também, eu fiz a minha perna e mexi mais um pouco no quadril, no Rio de Janeiro, com uma bombadeira. E agora, em 2009, no final de 2009, eu coloquei a prótese de silicone.²²⁴

Eu botei com um amigo meu. Um amigo meu que bota silicone, botou em mim, entendeu?! Aí comecei a botar na bunda; botei na bunda em primeiro lugar; depois botei nas pernas e no quadril. E no peito. Botei... seis litros, no total. De tudo, dez litros.²²⁵

O corpo parece que nunca está pronto. O silicone confere um novo status ao corpo e se apresenta como a materialização de uma vontade – ter um corpo que seja reconhecido como feminino. Mas, será que após a aplicação o processo se finda? Tatiana constata que não. Para ela: “O silicone vira vício!”²²⁶, e é acompanhada por Tuany, para quem: “[...] silicone também é um vício, você vai botando, botando, você vai vendo, aí você quer botar e mais, e mais, e mais.”²²⁷ Essas observações feitas por Tatiana e Tuany remetem à noção que muitas das travestis têm da dinâmica de construção de si. O que seria esse vício a que elas se referem?

Os efeitos provocados pelo silicone industrial são, muitas vezes, encantadores. As *formas femininas* nascem instantaneamente; e isso é motivo de euforia para quem está recebendo a aplicação. E é, talvez, essa sensação que as faz sublimar toda a sorte de riscos que envolve o procedimento. Lembrando a observação feita por Tuany, de que mesmo sabendo de todos os riscos e até mesmo tendo conhecimento de amigas que vieram a óbito

²²² Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²²³ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

²²⁴ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²²⁵ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

²²⁶ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²²⁷ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

após a aplicação do silicone industrial, se submeteu ao procedimento, pois era a única forma vislumbrada de satisfazer sua vontade de ter formas femininas. A descrição feita por Roberta ilustra parte dessa dimensão que envolve dor e satisfação, durante e após a aplicação do silicone:

Nossa! Eu fiquei muito inchada. Na verdade era um misto de felicidade com tristeza, porque eu sentia muita dor naquele momento, muita dor. Eu falei com minha irmã: senti uma dor muito forte, eu acho que é a dor do parto, num sei! O meu corpo latejava dos pés à cabeça. Estava com silicone aqui (no quadril) mas latejava dos pés à cabeça. [...]. Quando eu olhava no espelho, eu estava desse tamanho (sinal de grande), imensa, meu Deus! [...] Mas aí, depois, depois de um certo dias... Depois de três dias começou a desinchar. Mas ainda doía muito, muito, muito. Aí, depois do quarto dia, tava bem desinchado, bem desinchado. E aí tava menos; ficou bom, eu gostei daquilo. Já não tinha mais dor. A dor já era!, totalmente, quase nada, entendeu?! Eu tinha gostado daquilo, tinha gostado. Aí, assim, ficou mais ou menos como eu queria. Não ficou cem por cento o que eu queria, mas ficou bem próximo ao que eu queria.²²⁸

Mas, então, o que poderia faltar para chegar ao cem por cento?

Falta o que? Não, é que na verdade, é o que ela (bombadeira) falou comigo: ‘cada um tem um formato de corpo’. É complicado. Eu olhava as pessoas, achava que era mais redondinha, tinha mais definição em relação à quadril e cintura. Mas ela (bombadeira) falou comigo que eu não tinha; minha cintura não era fina, por eu ser meio gordinha; então, não tinha como ser fininha, e você ver tanta diferença entre uma coisa e outra, entendeu?! Teria que colocar muito mais aqui (no quadril), pra ver uma diferença maior de cintura e quadril. É isso que eu queria entender, por que o meu não tinha ficado igual ao de a, b, c e d.²²⁹

Esse repertório de riscos, que não é tão restrito, é reconhecido pelas travestis que sabem, ser o óbito uma possibilidade não muito distante. Como elas mesmas dizem: “É loucura. Porque, tipo assim, é uma coisa que tá se arriscando, né?! Porque você tá dando seu corpo pra uma pessoa que não é um profissional; você tá usando uma coisa que não é ideal, né?!”²³⁰

O material ao qual se refere Tuany é o silicone industrial, como já explicitado anteriormente. Mas, e esse não-profissional, quem é? Mais conhecida como *bombadeira*, ela é a pessoa responsável por esculpir os corpos com silicone industrial. Legalmente, esse tipo de atividade é considerado como crime. Todavia, no universo das travestilidades seu papel é praticamente indispensável, considerando que participa ativamente de uma das etapas mais determinantes da construção corporal. E são os trabalhos (corpos) já realizados que servem

²²⁸ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

como propaganda dos serviços de cada *bombadeira*. Segundo Pauline: “Até deitar pra botar é muito difícil; você tem que tá disposta mesmo, porque é muito perigo. Você dá seu corpo na mão de outra pessoa, né?!”²³¹ O processo de escolha da *bombadeira* pode ser criterioso:

É, foi uma pessoa que aplicava silicone. Aí eu conversei com ela. Já tinha visto o trabalho dela na rua, né?! O corpo das outras pessoas; gostei e paguei pra ela me bombar.²³²

Eu via as pessoas que trabalhavam no centro... colocavam silicone no corpo... trabalhavam com prostituição... as travestis lá do centro. Eu passava ali e ficava parada olhando... cada uma tinha um peitão, quadril assim, bundão... [...] Aí falava assim, tomei hormônio, e botei silicone... botei o peito... “Ah, botou com quem?”... Botei com A, com B, fulano, sicrano, todo esse tempo... eu fui acumulando, fazendo uma pesquisa. Aí eu olhava, a que tinha o corpo mais bonito... “fez com quem?”, Ah, fez com fulano. Aí eu procurei, que eu achei o corpo que era mais bonito, e fui fazer...²³³

Então, antes de fazer em mim, eu procurei me informar bastante primeiro. Eu não fui dando meu corpo pra qualquer um não!²³⁴

Esse cuidado com a construção de si dá-se, portanto, em circunstâncias apresentadas como arriscadas. Em geral, as travestis realizam essa pesquisa apontada por Marcela, a fim de escolher aquela a quem dará seu corpo para ser *feito*, e os corpos considerados mais bem feitos são justamente aqueles que apresentam alguns atributos femininos em destaque, como: nádegas, seios, coxas, quadril e rosto. Quanto mais próximo desse ideal de feminino estiver o corpo feito pela *bombadeira*, mais status terá sua mão de obra no circuito de construção dos corpos.

Avaliando esse processo com o suporte das reflexões elaboradas por Pierre Bourdieu, sobre a dominação masculina, destaca-se que este cenário de transformações corporais é salpicado por indícios da presença desta forma de dominação. Isso porque, constata-se que na maior parte das vezes as travestis submetem-se à aplicação do silicone industrial a fim de elaborar corpos que sejam socialmente aceitos, na medida em que representem uma feminilidade capaz de ser desejada pelos homens, em sintonia, portanto, com o ideal da mulher erotizada – a puta. Essa leitura, todavia, não é a única possível, já que podemos perceber, também, todo esse processo como uma possibilidade de produção de si, reivindicando a validade de uma autonomia, não disponível no sistema heterossexista, de

²³¹ Depoimento de Pauline – 03 de julho de 2011.

²³² Idem.

²³³ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²³⁴ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

inventar corporalidades legítimas, mesmo que *subvertam* a ordem arquitetada pelo sistema sexo-gênero.

Para tentar compreender por que, mesmo sabendo de todos os riscos, as travestis ainda se submetem à aplicação do silicone industrial, vale à pena dedicar mais alguns parágrafos sobre esta reflexão. Não com intuito de encontrar a verdadeira causa que as motiva, mas como um exercício de complexificação do olhar sobre essas motivações.

Ao indagar as entrevistadas sobre esse porque, elas invocaram dois elementos primordiais: coragem e vontade. Então, questionei o que motivaria tamanha coragem, tive como respostas:

Não, eu não sei. Acho que foi a vontade, tipo assim, de ter o corpo mais feminino; e acho que a vontade foi maior, aí eu acabei fazendo. Mas é uma loucura muito grande.²³⁵

Ah, porque eu queria ficar bonita, queria me sentir bonita, entendeu?! A qualquer preço. Só que o preço foi minha vida; arrisquei, mas deu tudo certo. Não tenho mais coragem de colocar, não tenho coragem de mexer mais. A dor é muito grande, é uma dor insuportável. Uma dor que eu nunca senti na minha vida. Nossa!, muito grande mesmo, uma dor muito grande. E eu apliquei com anestesia. Mas é uma dor insuportável; eu chorava de dor. Colocando, eu mordía o travesseiro, eu chorava, entendeu?! Mas já tinha começado, não podia parar, pra não ficar com o corpo deformado. Mas eu não tenho mais coragem de colocar, pelo risco que é e pela dor também.²³⁶

Mesmo sabendo de todos os riscos implicados no processo de aplicação do silicone industrial em seu corpo, a maior parte das travestis ainda se submete a este tipo de procedimento. Ou seria mais correto pensar que elas acionam esse procedimento como um dispositivo na produção de corpos cada vez mais femininos? Penso que esta segunda opção seja mais coerente com o processo do fazer-se das travestis; já que não há submissão ao silicone. Ele é um artifício, um material que dá forma e, às vezes deforma. É um jogo em que o preço pode ser mais que algumas dezenas de reais pagos à *bombadeira* pela mão de obra e pelo produto; pode custar a própria vida de quem utiliza o silicone industrial. Sendo assim, considerando que este material tem sido utilizado desde meados da década de 1980, quando foi trazido da França e introduzido no circuito das travestis brasileiras, haveria de se considerar que as travestis já, há muito, sabem dos riscos e das potencialidades do seu uso; não raro, a maior parte delas conhece algum caso de aplicação malsucedida, que resultou na materialização de corpos deformados ou mesmo em óbitos. Ainda assim, depois de 30 anos, e

²³⁵ Idem.

²³⁶ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

com uma extensa ficha de mortes e processos de pouco êxito, o silicone continua a ser utilizado por muitas das travestis que investem nas transformações mais incisivas e instantâneas de seus corpos; como foi o caso de Tuany e mais 40 % das travestis entrevistadas neste estudo.

Caso se opte por avaliar esta situação sob a lógica da boa saúde e do bem-viver, como orientam alguns dos muitos manuais médicos presentes atualmente, seríamos levados a considerar que estes sujeitos, as travestis, são de fato, pouco normais, para não classificá-las como transtornadas, como faz o CID-10. Acontece, que esta lógica que nos regimenta é insuficiente para iluminar este campo. Identificar essa ação como mero descontrole da razão é fechar a possibilidade de perscrutar uma realidade extremamente rica, apresentada nos universos das travestilidades. Desse prisma pode-se compreender que, a despeito de todos os riscos apresentados pelo silicone, as travestis avaliam ser melhor enfrentar esses riscos, do que permanecer com um corpo que não lhes agrada. Segundo a fala de Tuany, embora todo esse processo seja visto por ela como uma loucura, já que se arrisca a própria vida, a vontade de ter um corpo feminino é muito maior, e a faz superar esses riscos. É claro, todavia, que se pode avaliar, também, o que motiva essas travestis a buscar formas corporais tão perfeitas e em sintonia com as demandas de gênero em voga, e aí, nota-se uma busca intensa pela reprodução de um padrão de beleza desenhado nos discursos midiáticos e sociais.

As feminilidades reivindicadas pelas travestis não se limitam, porém, à dimensão do corpo físico. Algumas delas identificam que haveria outro lugar no sujeito que abrigaria o *verdadeiro feminino*. Para Soraya, por exemplo, o feminino não se limita à dimensão estética, havendo por detrás dela, todo um repertório característico da feminilidade, quase que como uma *ética feminina*. Neste esquema, o âmbito da psique seria o lugar seguro dessa verdade:

Tem pessoas que são femininas, assim, são lindas. Você olha a capa, mas você vê as atitudes delas, você vê que não é aquela coisa feminina, que uma mulher jamais teria coragem de fazer aquilo, entendeu?! Aí você já nota que não é uma coisa tanto feminina.²³⁷

Em sintonia com as normatizações tradicionais de gênero, que hoje em dia tem no argumento psicológico uma roupagem aparentemente mais sutil, Soraya considera que o jeito de pensar da mulher é diferente:

²³⁷ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

Porque, às vezes, tem gente que não pensa como mulher; pensa como travesti, como homem; tem um corpo feminino, mas a cabeça dela não é de mulher. Faz coisas que só homem faz.²³⁸

Esses valores tradicionais de gênero são acionados para a construção dos argumentos que identificam as noções de masculino e feminino elaboradas por elas:

Por exemplo: tem travesti que só pensa em sexo; 24 horas sexo. Não pode ver um homem, não pode ver um piru que já fica desorientada. Isso aí é coisa de homem, né?! Porque o homem que não pode ver uma bunda que já tá logo querendo comer, seja ela qual for, entendeu?! A mulher já não é assim; a mulher tem que ter aquele carinho, aquele romance. Tanto é que os homens, a maioria dos homens, prefere pagar pra ter aquilo, do que, do que..., por exemplo: “Ah, eu prefiro ligar pra uma garota de programa e marcar um programa, do que conquistar uma mulher.” Porque a mulher, pra você levar ela pra cama, tem todo aquele trajeto, né?!, conquistar pra levar pra cama. Pagando, não. Você vai lá, paga e acabou!²³⁹

Ai meu Deus! Homem, homem, homem... homem pega qualquer coisa. Ele quer satisfazer ali na hora o desejo dele, entendeu?! Depois que ele faz isso, ele pega a reta e cabou! Tem essa não. Homem, home, homem não vale nada. [...] Mulher é mais sensata, né?!, mulher é mais coisa, entendeu?! Tem mulher, também, né?!, tem mulher que é babadeira. Mas... acho que mulher é mais diferente que o homem, né?! Mais calma, eu acho!²⁴⁰

É interessante pontuar que, por mais que seja usado um discurso em que a feminilidade é concebida como uma essência, sua condição legítima só é estabelecida quando materializada no corpo e na performance. Não basta ter essência, é preciso saber produzir uma aparência:

Quando você já tem, assim, já tem uma estrutura feminina, você anda de salto, você coloca uma roupa, você tem uma peruca, ou o seu cabelo, uma maquiagem, aí as atitudes femininas são mais fáceis de serem adquiridas. [...]. Quando você tá montada é diferente; que eu acho que você já incorporou o personagem; você vê que a fala sai naturalmente; você fala mais calmo, fala mais devagar, fala manso. Pra mim, no meu caso, funciona desse jeito.²⁴¹

Por mais que se possa considerar como normativa essa associação estabelecida entre essência e aparência, não se pode desconsiderar a provocação feita pelas travestis ao sistema de gênero. A construção de femininos em corpos concebidos e orientados para serem masculinos pode ser tanto árdua quanto prazerosa; além de ser composta por uma miríade de possibilidades, como o caso de Roberta:

Tem uma coisa: eu me sinto mais a vontade no masculino do que no feminino, você acredita?! Adoro andar de boné, de camiseta, de bermuda, dentro de casa; sem

²³⁸ Idem.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

²⁴¹ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

camisa. [...] Eu me acho... eu me sinto mais feliz desse jeito. Fico, gente! Eu adoro ficar dentro de casa de boné e camiseta; andar sem ter aquela preocupação. Porque quando você tá no feminino, o povo... você tem a preocupação de você ser observada, porque as pessoas acham assim: “você está de mulher?!, você tem que ter o máximo, ou então melhor do que elas.” Porque é assim: você quer se espelhar?, tem que fazer bem. Então, eles olham, eles acham que você... sua roupa não tá tão, sua maquiagem, seu cabelo. É uma... você se preocupa mais com os outros do que com você mesmo.²⁴²

Roberta demonstra como a feminilidade passa por um crivo social de reconhecimento. É marcante sua ponderação de que o feminino é construído para o outro, para ser visto, avaliado, julgado, tal como um produto que é oferecido e, portanto, deve ser apresentando de forma atraente, a fim de obter aprovação do público e ser consumido por expectadores desejantes e sedentos por satisfazer suas *necessidades* sexuais. Nesse mercado em que corpos são consumidos, esculpidos, experimentados e desejados, as mídias exercem um papel importante na divulgação de modelos corporais que atendam às demandas masculinas.

O discurso de Roberta pode parecer contraditório, ao dizer que prefere estar no masculino, porém, ela se apressa em advertir que estar no feminino tem algumas vantagens consideráveis:

Eu também gosto. Um exemplo, assim: é quando você está... quando eu estou montada, no caso, vestida de mulher, o que que acontece?, o tratamento dos homens são diferentes. Bem diferente! O mesmo homem que passa por mim quando eu tô desmontada, de boyzinho, que fala, que sacaneia, que mexe, que brinca... que mexe, que sacaneia e fala alguma palavra ofensiva, é o mesmo, aquele que quando eu tô montada em algum lugar, passa... quer sair comigo, me elogia, faz proposta financeira; às vezes fica tentando me convencer na lábia, pra sair comigo.²⁴³

Ainda que possa ser apreendido no circuito da dominação masculina, o bônus identificado por Roberta não é irrelevante.

Encaminhando as reflexões para as considerações finais, espero ter evidenciado que o corpo é realidade um pouco mais complexa do que supõem alguns olhares menos atentos que pretendem tomá-lo como uma realidade estritamente biológica, ou, no oposto, como mero efeito da cultura que o circunda. Ora como efeito do discurso, noutras sendo ele próprio o discurso, é inviável pensar o corpo como algo que seja essencial e estático: as doenças, formas a alimentação, a prática de atividades físicas, enfim, há uma série de possibilidades que incidem sobre o corpo. A despeito dessas constatações, a sociedade Ocidental ainda parece dedicar-se a apresentar corpos-modelos que sirvam de parâmetro da normalidade, com apenas

²⁴² Idem.

²⁴³ Idem.

duas opções válidas: masculinos para sujeitos com pênis e femininos para sujeitos com vagina.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e essa passa a ser referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os ‘outros’ sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência.²⁴⁴

Ora, as travestilidades são apenas um dos muitos movimentos que demonstram ser esta dicotomização tão restritiva quanto pouco real, visto que a realidade permite, e até mesmo incita a proliferação de experimentações outras que terminam por pulverizar essa associação determinista entre sexo e gênero, como se o gênero pudesse ser simplesmente a manifestação cultural de uma realidade biológica.

Essa provocação pode ser retribuída com violência, dominação e exclusão, como se constata pelos depoimentos de muitas travestis de diversas partes do Brasil. Por outro lado, essa mesma provocação pode ser sentida como uma incitação à compreensão de outra lógica que, se não completamente dissociada da racionalidade Ocidental, ao menos oferece outros caminhos também razoáveis. Um dos campos afetados nessa provocação, e que nos instiga a tentar uma (re) compreensão com menos pudores, é o do prazer. Ainda que não pretenda, nesta reflexão, discutir longamente o seu significado para as travestis, não posso furtar-me em pontuar que elas dão visibilidade a outras formas de uso do corpo e elaboração de prazeres.

Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. [...] A questão de saber que prazeres viverão e que outros morrerão está frequentemente ligada a qual deles serve às práticas legitimadoras de formação de identidade que ocorrem na matriz das normas de gênero.²⁴⁵

Pode-se considerar que essas normas orientam, por exemplo, as cirurgias de transgenitalização. É a existência de “uma matriz heterossexual (que) delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões.”²⁴⁶; neste contexto tenta-se indicar os gêneros possíveis, bem como estabelecer os prazeres legítimos. Tal argumento tem sido fartamente utilizado no discurso daqueles que

²⁴⁴ LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 15-6

²⁴⁵ BUTLER, Judith P. *Op. cit.* p. 108-9

²⁴⁶ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17

se posicionam contrariamente à cirurgia de transgenitalização, dizendo ser este um processo mutilador, no caso de MTF²⁴⁷, já que este sujeito perderia a capacidade de ejacular. O sêmen é concebido, ainda, como a materialização do *verdadeiro* gozo. Ainda que não seja o caso aqui de defender ou se posicionar contra tal procedimento, cujo debate acalorado esquentava ainda mais neste ano de 2012, com o movimento mundial de despatologização da transexualidade: Stop Trans!; o que se quer sublinhar é que tal argumentação ainda está calcada na naturalização de campos de experimentação individual, como o gozo, o prazer. E que tais argumentos, como frutos de saberes historicamente estabelecidos, são utilizados politicamente para a gestão da vida dos sujeitos.

3.4 Prostituição: sentidos e significados

A prostituição realizada pelas travestis difere-se da praticada pelos homens, chamados de *michês*. Mas, como observado por Josefina Fernández:

También a diferencia del caso de las mujeres, la prostitución es para las travestis la oportunidad para la presentación de si mismas y de su trabajo como espectáculo. Y el espectáculo se arma con un vestido y una apariencia física que son diferentes para mujeres y travestis en prostitución porque responden a modelos femeninos distintos.²⁴⁸

Ainda é corrente a visibilidade das travestis associada à prostituição. Constatada tal realidade, poderia tentar responder a questões tais como: Por que elas vão para a prostituição? Não haveria outro caminho possível? Isso é resultado do processo de marginalização sofrido por elas? É resultado da homofobia e toda sorte de discriminações? Enfim, há muitas questões que poderiam ser elencadas, mas que mantêm em comum uma pretensão de encontrar um motivo ou causa verdadeira que seria responsável pela produção dessa associação: travestis e prostituição.

Neste espaço do trabalho não dedicarei esforços para responder a questões como as citadas acima, por dois motivos principais: primeiro porque não imagino que seja possível encontrar esses *motivos verdadeiros*, e porque percebi que a relação das travestis com o universo da prostituição supera essa dinâmica de causa e efeito; apresentando-se como uma

²⁴⁷ Sigla que identifica sujeitos transexuais de homem para mulher: *male to female*.

²⁴⁸ FERNÁNDEZ, Josefina. *Op. cit.* p. 100

relação complexa e repleta de rupturas, normatizações e negociações variadas, com a família, amigos, consigo mesmas. Assim, proponho analisar como as travestis experimentam e vivenciam a prostituição, associando-a as outras dimensões de suas vidas, e destacando os sentidos e significados que elas atribuem a este trânsito.

Larissa Pelúcio²⁴⁹ observou que a pista ainda é um espaço rico no processo de transformação corporal empreendido pelas travestis já que, na maior parte das vezes, é nele que elas aprendem a montar-se, usar os hormônios femininos, além de ter acesso às *bombadeiras*. As travestis de Campos também compreendem a pista como este local de socialização, superando a questão da prostituição. Mesmo aquelas que não atuam na prostituição circulam eventualmente pelo local de *batalha* para conversar com as amigas, trocar acessórios, roupas e informações valiosas. Ao descrever a dimensão pedagógica desse ambiente, Sofia comparou-o a uma escola, um espaço de aprendizagem, de trocar experiências, expectativas, problemas e minúcias do cotidiano.

No caso, a rua não é nossa casa, mas é como se fosse uma escola; você tá ali quase todos os dias; você aprende coisa todos os dias. Às vezes experiências que não aconteceu com você, mas aconteceu com uma amiga sua; aconteceu com o cliente. O cliente acaba te passando, um problema em casa, um problema que ele viu. Tipo assim, um assunto que passou na televisão, aí ele acaba, o cliente, debatendo com você... não debatendo de briga; assim debatendo o assunto. [...], então, é tipo uma escola também, de vida, entendeu?!²⁵⁰

Esse universo de aprendizagem é compreendido e reconhecido pelas travestis que, por vezes, usam-no como justificativa para explicar sua entrada na prostituição, quando iniciam o processo de vivência de um feminino.

Ah, sei lá, foi a única opção que eu tive, assim no momento. Foi onde eu tive acolhimento das pessoas, né?! queria ser o que eu queria ser; queria vestir roupa de mulher. Queria ser travesti... e fui acolhida aqui na rua. Viajei pra fora e já voltei com outra cabeça; mas se eu tivesse outra oportunidade de serviço, alguma coisa, te juro que eu não taria nessa vida!²⁵¹

Isso não significa, porém, que elas se tornem travestis apenas com vistas à prostituição. As 16 entrevistadas desta pesquisa foram indagadas sobre o processo de transformação corporal e a entrada na prostituição; nove delas (56%) identificaram que houve uma relação direta entre as mudanças empreendidas no corpo e a entrada na prostituição,

²⁴⁹ PELÚCIO, Larissa M. Na noite nem todos os gatos são pardos – notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, p. 217-48.

²⁵⁰ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

²⁵¹ Depoimento de Pauline – 03 de julho de 2011.

enquanto que sete (44%) demonstraram que o início do processo de *fazer-se* como travesti deu-se muito antes de iniciar o *fazer vida*. Ainda que este seja um grupo pequeno, percebe-se que praticamente a metade das entrevistadas indicou já vivenciar a travestilidade antes de estar na prostituição. É claro que, muitas vezes, o espaço prostitucional potencializa esse processo, por duas questões fundamentais: o retorno financeiro e as relações de amizade com outras travestis, o que pode garantir o acesso a tecnologias mais eficazes na transformação corporal, bem como o acesso a espaços de maior visibilidade fora desse local, como no carnaval, em festas e concursos de beleza.

Mas, então, o que significaria, para as travestis, estar na prostituição: vender-se, alugar-se, gozar, satisfazer-se? Arriscaria dizer que todos esses elementos estão presentes em maior ou menor grau. Para a maior parte das entrevistadas a prostituição foi descrita como um evento contingencial. Apenas três delas disseram atuar efetivamente como profissionais da área, justificando seus investimentos como qualquer profissional faz para ser reconhecido e obter destaque no mercado em que atua, como se pode observar:

Eu trabalho por jornal e trabalho por internet. Mas eu trabalho em sites; eu tô em grandes sites do Rio de Janeiro, eu tô no Rio Relax, o [...], eu tô em vários sites. Eu corro muito atrás. *Eu faço da prostituição minha profissão, minha estabilidade, meus objetivos.* Eu me mantenho reta na prostituição; tudo que eu quero vai ser dali; se ali eu me mantenho, então eu tenho que ser profissional. Eu me foco muito na prostituição. Porque eu sou uma travesti que é muito difícil de se ver, mas tem outras. Eu tenho colegas que fazem também. Eu não me drogo, eu não bebo, eu nunca fumei um cigarro! Nunca fiz nada! Então, eu costume... como até minha amiga Júlia costuma falar: eu não compro uma bala pra não jogar o papel fora. Mas, é o que eu falo pra todas: “o importante não é quantidade, não é o que você ganha, e sim o que você faz com o que você ganha.” Eu sou muito inteligente, graças a Deus! Eu nasci com esse dom!²⁵²

Eu não vou pra rua porque eu não gosto. Porque, eu não sou obrigada a ir não. Eu vou porque eu gosto. Tudo o que eu tenho hoje, que eu fiz, foi a prostituição que me deu. Talvez se eu tivesse trabalhando lá no hospital; talvez não teria nada, entendeu?!²⁵³

Na verdade, a gente que é travesti e se prostitui, um pouco é por comodismo, entendeu?! Porque, na verdade, é assim: eu, por noite, tiro aí 150, 200 reais, 250 por noite, entendeu?! Não é mentira, é verdade mesmo. É uma coisa muito arriscada. Lógico que não é fácil você se deitar com vários homens que você nem conhece; tem arrogante, muito homem asqueroso; é nojento. Às vezes você faz com nojo; na maioria das vezes com nojo. Você pega tudo que é tipo de pessoa; só que o dinheiro fala mais alto, entendeu?! Eu faço porque eu gosto também, me acomodei; já me acostumei a fazer; não tenho vontade de parar não, entendeu?!²⁵⁴

²⁵² Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²⁵³ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

²⁵⁴ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

Essas três falas foram proferidas por travestis que, na hierarquia corporal da pista, são consideradas como belíssimas ou tops, e conseguem obter sucesso financeiro com a prostituição. Entre as 16 entrevistadas, algumas vivem exclusivamente dos recursos obtidos na prostituição, porém, essas três foram as que, destacadamente, aparentam desfrutar de maior estabilidade financeira, além de terem atribuído seu êxito material à inserção na prostituição: uma das provas desse êxito, além do capital corporal, é o local de moradia – as duas primeiras concederam seus depoimentos em seus apartamentos, em que moram sozinhas, e que estão localizados em bairros considerados nobres na cidade.

Nota-se, ainda, uma ligação muito estreita entre o modelo de feminino pretendido pelas travestis e seu uso na prostituição. A construção desse feminino erotizado é complexa e muito custosa, financeiramente:

Eu não conseguiria viver com um salário mínimo hoje. Trabalhar o mês inteiro pra ter dinheiro uma vez só por mês, sendo que eu tenho dinheiro todo dia?! É uma coisa que dá costume; todo dia descer, saber que vai ter dinheiro, saber que vai poder sair e comprar roupa no outro dia, entendeu?! [...] Gasta muito dinheiro. A gente ganha muito, mas a gente gasta muito dinheiro. Porque, pra você... a gente que é travesti e se prostitui, é uma concorrência; então, você tem que gastar sempre, entendeu?! Com sandália bonita, roupa bonita; tá sempre cabelão, corpão. Isso tudo faz a diferença, entendeu?! Sempre tem que tá bonita; tem que tá gastando sempre. Então, você ganha, mas você gasta, seu gasto é muito grande.²⁵⁵

Olha, não vou mentir pra você: eu odeio trabalhar com prostituição. Odeio! Mas é... é o único jeito. Não tem serviço; e ali eu já me acostumei ganhar vida fácil; porque eu gasto muito, entendeu?! Porque vem fácil e vai embora fácil. Gasto muito. É todo final de semana bebendo, divertindo com os amigos, é uma roupa, é mega-hair, então, prostituição eu ganho mais do que se eu tivesse trabalhando, mas eu odeio. Eu acho que ninguém gosta de tá com prostituição. Ninguém quer se deitar com uma pessoa que você não sente prazer. é horrível!²⁵⁶

Esse gasto grande é o preço da produção de uma feminilidade voltada para o consumo masculino, de acordo com a antiga noção, bastante criticada pelas feministas e os respectivos estudos, de que a mulher é tratada como objeto sexual. Nesta lógica, não é de se estranhar que o argumento do retorno financeiro ganhe força como elemento explicativo da inserção desse sujeito na prostituição. A partir disso, percebe-se também que, muitas vezes, a travestilidade encontra-se associada a um corte de classe; a maior parte das travesti é proveniente dos extratos menos abastados da sociedade. E assim, a prostituição serviria, além de possibilidade de produção de si, como um recurso de ascensão social, que pode permitir um retorno à família:

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

[...] a prostituição foi, assim, um meio de vida em que eu vivi; porque minha família é muito pobre, minha família é muito pobre mesmo. Eu venho de família... eu venho de família pobre, e no ramo em que eu vivo, e no estilo e vida que eu vivo, eu ainda consigo ajudar a minha família e ainda levar a vida que sempre tive sonho. Até aquilo que eu sonhava e pensava que nunca ia realizar, hoje eu realizei. Muitas coisas! Sou muito guerreira, e corro atrás dos meus sonhos.²⁵⁷

Porém, nem todas as travestis vivem exclusivamente com esses recursos. Quando constata-se a profissão assumida por cada uma, nota-se uma prevalência daquelas que se assumem como profissionais do sexo, ainda que suas posturas não remetam aos modelos tradicionais do que é ser uma profissional, como argumentado por Soraya, Tatiana e Sabrina, nas falas acima (notas 255, 256 e 257).

Das 16 entrevistadas, verificou-se casos em que o trânsito na prostituição foi apresentado como uma possibilidade de complementação de renda. Para duas delas, a travestilidade só é vivenciada no momento em que vão para a pista, pois enquanto trabalham durante o dia, assumem a postura de *boy*. Uma delas atua como vendedora em uma loja da cidade e a outra como doméstica em uma residência na qual também mora. Além dessas duas, mais três travestis (18,75%) trabalham como cabeleireiras em salões ou por conta própria:

Sempre trabalhei, mesmo fazendo prostituição, eu sempre trabalhei. Nunca dependi disso aqui não, entendeu?! Eu venho aqui, que às vezes, dá vontade também, né?! [...] é, apertada, o negócio fica feio, aí eu venho. Mas eu não vivo só daqui não!²⁵⁸

E as outras onze (68,75%) tem a prostituição como fonte exclusiva de renda.

Esse quadro deve ser visto com cuidados redobrados, para que não se corrobore o senso comum de que as travestis só podem transitar entre a pista e o salão de cabeleireiros, como elas mesmas destacam:

Se eu chegar numa loja do centro e colocar meu currículo; se a gay chegar, o meu currículo vai pro lixo e a gay consegue ser empregada. Não existe uma loja em Campos que tenha uma travesti trabalhando. E é aquela coisa: travesti só tem duas opções – ou ela é cabeleireira ou ela é prostituta. Travesti não pode ser outra coisa. Então, quem quer ficar num salão puxando escova pra ganhar seis, cinco reais, oito no máximo?! Então, ela chega numa rua, um cliente paga um programa 50 reais; elas fazem dois, aí já acha: “Eu tô rica!”; e não querem outra vida. É onde a prostituição foi o meio mais fácil de vida pra todas nós.²⁵⁹

Além de ser questionável a ideia de que optar entre a pista e o salão pode ser tomado como um universo de escolha, vale problematizar essa noção de *dinheiro fácil*. Em algumas falas aparece a incorporação e reiteração do discurso de que o dinheiro conseguido na

²⁵⁷ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²⁵⁸ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011

²⁵⁹ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011

prostituição é obtido sem qualquer esforço, como o advindo do trabalho, e por isso é chamado de *dinheiro fácil*. Em alguns momentos, argumenta-se que isso é uma questão de acostumar-se. Para Sabrina, estar na prostituição explica-se, entre outras coisas por: “Gostar de dinheiro fácil; se acostumar com dinheiro fácil, sabe? A gente acostuma com dinheiro fácil então, eu acho que eu não... Eu me acostumei com certo padrão de vida assim, entende?!”²⁶⁰ Stéfany explica o que é esse fácil:

O fácil, o dinheiro vem fácil, né?! você ganha dinheiro rapidinho. Porque tem gente que trabalha o mês todo pra ganhar um salário, né?! Aqui não. Aqui, em uma semana, você faz esse dinheiro. Mas é difícil esses homens drogados, esses homens aí, e doença também, né?!, que é um risco muito grande.²⁶¹

É como se o costume fosse um ingrediente do destino; naturalizando a condição desses sujeitos. Mesmo porque, no contexto social em que vivemos atualmente, por mais que as profissionais do sexo tenham se organizado e estejam reivindicando seus direitos enquanto categoria profissional, ainda é acentuado o estigma que repousa sobre esses sujeitos. Reconhecendo esta realidade, algumas travestis buscam desvincular o aspecto de escolha, que envolve seu trânsito neste universo.

Brenda, que atua como doméstica, refletindo sobre essa dinâmica da facilidade do dinheiro advindo da prostituição, pondera que seu futuro deve ser longe da pista. E esse afastamento tem sido construído com o investimento que ela faz em sua formação profissional como cabeleireira.

Eu trabalho só... mas fora da prostituição eu tenho uma vida normal: trabalho, sou independente; porque, viver na prostituição eu não sinto que é futuro não; porque é um dinheiro que vem, mas vai rapidinho, entendeu?! Às vezes, até mesmo ali na rua, ele fica ali na rua, entendeu?! Então, eu pretendo batalhar pelo meu futuro, entendeu?! [...], quero abrir meu salão também, ser independente. Então, viver na prostituição, pra mim, é mais uma diversão só, uma curtição, entendeu?! Mas, minha vida que quero totalmente diferente. E, se eu encontrar um homem, nunca mais eu boto meus pés lá nas ruas de prostituição, essas coisas assim. Nunca mais!²⁶²

Essa fala de Brenda sinaliza a existência de outra possibilidade de leitura dos sentidos e significados atribuídos à prostituição. Ainda que os argumentos do retorno financeiro, da necessidade e até mesmo do costume, sejam colocados como preponderantes, não se pode ocultar a existência de outras pulsões que motivem as travestis a estarem nas pistas, nas esquinas, nos pontos. Uma delas é, por certo, a possibilidade de experimentar alguns

²⁶⁰ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011

²⁶¹ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011

²⁶² Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

prazeres.²⁶³ Arriscar-me-ei a abordar essa dimensão por considerar que ela contribui para que se complexifique o olhar sobre esta realidade que não se esgota nas trocas econômicas.

Durante os depoimentos fornecidos por cada uma delas, houve um momento em que indaguei sobre o significado da prostituição. E obtive como resposta recorrente que o dinheiro seria o principal fator. Entre o dinheiro, a necessidade e o prazer, as respostas foram bastante sinuosas. Houve aquelas que apontaram o dinheiro como o fator preponderante para estarem na prostituição:

Um pouco de cada coisa; necessidade... pra mim mais necessidade, entendeu?! Prazer não! Necessidade... eu acho necessidade. Prazer eu não tenho. Se eu quiser um homem, eu vou na rua e pego um homem. Entendeu?! Então, é mais necessidade... e costume também. [...]. A gente acostuma com o dinheiro fácil! Né?! Rapidinho vem aqui e faz um dinheirinho. Numa noite você ganha aí quase uns 200 reais. Aí você acostuma, entendeu?! Tem dia também, né?! que tem dia que você não ganha nada! (risos)²⁶⁴

Hum... nada mais nada menos que... vamos dizer que um emprego, né?! Mas, é aquilo, tem dia que você ganha, tem dia que você não ganha. [...] É, porque prazer a gente não sente. Como que você vai sentir prazer com um homem que você nunca viu na sua vida, às vezes é feio... ah, mas quando é bonito é outra história. (risos)²⁶⁵

Pra mim dinheiro. Necessidade?!, um pouco. Prazer, não! Eu vejo assim: dinheiro e necessidade, agora... prazer, não!. Porque... é difícil você sentir prazer com uma pessoa assim quando você sai, entendeu?! É muito difícil, porque a maioria... [ahh...], a maioria é só sexo mesmo e mais nada; então, você dizer que vai sentir prazer é meio... meio difícil. Eu, pessoalmente não, eu vou mais pelo dinheiro e pela necessidade mesmo, e não pelo prazer.²⁶⁶

É... é dinheiro, eu acho! Por dinheiro.²⁶⁷

Dinheiro! Por dinheiro, lógico, né?! Prazer nem... se for pra ter isso... você vai por causa do dinheiro, né?!, não é por causa do prazer não. Aham, por causa do dinheiro.²⁶⁸

Eu acho que desde o momento que a pessoa tá pagando ali, o prazer acaba; o tesão fica finan... totalmente financeiro. Eu nunca tive. Só de graça! Eu tive prazer ali na

²⁶³ Não pretendo analisar os mecanismos psicológicos implicados nesse processo de escolha e satisfação pessoal, mas simplesmente destacar que este é um dos elementos que integra a experiência das travestis, fazendo com que a prostituição tenha significados que não podem ser apreendidos quando se supõe que ela oferece apenas dinheiro.

²⁶⁴ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

²⁶⁵ Depoimento de Andressa – 01 de setembro de 2011.

²⁶⁶ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

²⁶⁷ Depoimento de Thábata – 27 de julho de 2011.

²⁶⁸ Depoimento de Tamara – 08 de junho de 2011.

rua com homens que eu fiz de graça. Agora, por dinheiro, nenhum me deu prazer até hoje.²⁶⁹

Pra mim a pista na verdade é ... dinheiro. Claro que é dinheiro que provém do sexo, que tá na pista; só que prazer... o único prazer que eu tenho é financeiro. É o prazer de eu estar conseguindo, entendeu?! um dinheiro. Agora, prazer, em relação à prazer satisfação, em 90% das vezes não acontece.²⁷⁰

Foram recorrentes as ponderações de que *essa não é vida pra ela, odeia isso*. Argumentou-se, também, exclusivamente como profissional, buscando dissociar a prática da prostituição à possibilidade de desejos sexuais e prazeres. Profissionalizar a prostituição soou como uma tentativa de minimizar o estigma que recai sobre os sujeitos que a exercem.

Então, foi aquele negócio que eu te falei: eu era tão profissional que quando eu já sabia que o cliente... assim, quando ele passava, eu sabia se você era cliente, me chamava, eu saía mas, tipo assim, quando eu entrava dentro do carro, eu já não era... tipo assim, não era a Sofia que entrava no carro, era a Sofia Profissional. Entrava, fazia meu serviço; quando u voltava, já voltava, tipo assim: eu saí com aquele ali, acabou, o dinheiro tá na minha bolsa; já voltava com outra mente, já voltando em outro cliente, entendeu?! Eu nunca focava; procurava não me envolver [...].²⁷¹

Em vários momentos as entrevistadas buscaram demonstrar a ausência de envolvimento pessoal.

Porque, na verdade, você tem que interpretar um personagem, [...] te vê em situação em que você sai com um cliente que você, em situação normal, você nem olharia pra cara dele; você teria nojo de olhar pra cara dele. Mas, no meu caso, eu quando eu vou pra rua, o dia que eu tô precisando de dinheiro, então, o que que acontece? Aí eu vou pra fazer o que? Sexo e clientes. Eu tô ali pra fazer sexo e clientes. Às vezes eu olho pra cara da pessoa, que eu tenho que imaginar qualquer coisa, menos aquele homem na minha frente. Claro, por n fatores, assim, ele pode ter atitudes que não me agradam; assim, mas eu tô precisando tanto, que eu acabo tendo que fazer com ele. Só que tem que ter limites, porque eu preciso, eu não necessito tanto do dinheiro da rua. Claro que qualquer dinheiro bem-vindo, mas também, tem situação que eu não, eu não vou pelo dinheiro. Porque, às vezes, tem situações que chega na hora, o cara tá bêbado, tá alcoolizado, tá drogado; e eu sei que vai trazer grandes transtornos.²⁷²

Houve, todavia, aquelas que disseram abertamente, que a prostituição é uma possibilidade que elas têm de conseguir prazer.

Prazer, entendeu?! Aí eu vim pra rua; mas não é porque é necessidade, nada não; é prazer mesmo!²⁷³

²⁶⁹ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

²⁷⁰ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²⁷¹ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

²⁷² Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²⁷³ Depoimento de Eloah – 20 de julho de 2011.

É, são uma resposta e uma só: prazer e dinheiro. Faço o que gosto e tenho meu lucro.²⁷⁴

Uma das entrevistadas apresentou um argumento incomum, ao dizer que a prostituição é uma possibilidade de se vingar dos homens.

Hum... porque, sabe o que que fez eu passar a me prostituir? Porque eu cansei de dar dinheiro a homem. Eu só arrumei coisas que me prejudicou muito. Eu bancava os homens. Então, pra mim, isso era insuportável. Chegou um ponto que eu fiquei endividada, sem saber o que fazer. Eu falei assim: ‘Agora chega! Agora eu vou tentar tirar dos homens, porque eles tão tirando de mim; então, chegou a vez de eu tirar deles!’²⁷⁵

Júlia foi uma das poucas a falar diretamente sobre o quão interessante pode ser desfrutar tanto do retorno financeiro, quanto do carnal. Sofia também admitiu que pode-se obter prazeres diversos, mas alertou que com isso acaba se arriscando, de forma diversa também:

Na realidade, a prostituição proporciona tudo isso (necessidade, prazer e dinheiro). Isso; mas pra quem gosta, pra quem usa, droga também, entende?! Proporciona isso tudo, mas não tá trazendo felicidade. Você vê... às vezes você sai com uma pessoa, gosta de sair, mas sabe que aquilo ali é só prazer mesmo, e que a pessoa vai embora e que você não tem aquela pessoa, entendeu?! Acaba você saindo mesmo... você tendo que ser profissional e pelo dinheiro, porque se você se apaixonar pelo cliente... babau!²⁷⁶

Esse risco de apaixonar-se é mais um risco inerente a essa realidade. Por mais que se assuma uma postura de profissional, como explicitado por Sofia, sempre há o risco de que outro cliente desperte alguns sentimentos como carinho, paixão, tesão.

Mas não é só o coração que fica vulnerável na pista. As travestis sofrem muitas formas de violência e reconhecem que estão expostas a esta sorte:

Olha! Pra mim, prostituição é, sabe o que? Antigamente era lucro se prostitui, hoje em dia não é aquela coisa de, de... quem começa agora, né?! Nossa!, acha que é mil maravilhas; só que é muito perigoso; é uma vida que eu não ofereço a ninguém. Tem que ter muita disposição pra ficar em pé numa esquina; pra arrumar o dinheiro. Porque, nossa!, é muito perigoso. A gente sai com uns homens, não sabe se vai voltar, também sai com pessoas maravilhosas!²⁷⁷

A despeito das vantagens econômicas e dos prazeres, a pista reserva alguns detalhes cruéis. Além das violências simbólicas, o fato de estar naquele ambiente *fazendo vida*, faz

²⁷⁴ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

²⁷⁵ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

²⁷⁶ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

²⁷⁷ Depoimento de Pauline – 03 de julho de 2011.

com que esses sujeitos se exponham a muitas formas de agressão que misturam ódio e requintes de humilhação.

Vi pessoas pensando, e também, ali é o submundo. Você vê muita coisa assim... é muita coisa errada, é muito furto, muita droga, muita violência. Eu já vi gente sendo baleada; às vezes você ouvia tiro na rua; era gente dando tiro pra cima; às vezes passava gente e agredia, dava paulada, eles jogavam ovo [...]. numa mesma noite eu levei três ovadas, fui pro hotel, tomei banho; quando voltei, jogaram extintor, pó de extintor em mim. Eu não tinha feito nada... eu nunca... não vou dizer que eu sou perfeita. Mas em relação à rua, eu nunca peguei nada de ninguém. Eu nunca tive medo de ir pra rua porque eu nunca mexi em nada de ninguém. mas jogavam ovo na gente, xixi, garrafa com mijo, eles passavam dando cacetada de dentro do carro, moto... cacetete, então, a gente sofre muito na rua, e eu vi que a realidade não é tão boa não!²⁷⁸

Nesta descrição apresentada por Roberta nota-se que grande parte desses processos violentos não pretendem *somente* à agressão física; cada um desses eventos enseja uma humilhação do sujeito agredido, expondo-o ao contato com excrementos, ovos, enfim, diversos materiais que além da humilhação, destrói a personagem que ali se apresenta. Essa é uma face da homofobia que as travestis experimentam como poucos; e é um tipo de evento que ilustra esse ódio alimentado contra os homossexuais, e que parece estar associado à misoginia. Já que as agressões são perpetradas também contra algumas mulheres que atuam no *trottoir*.

Durante a realização da pesquisa de campo, pude presenciar diversas situações em que grupos de amigos e amigas que passavam de carro, a pé ou de bicicleta agrediram verbalmente as travestis, com deboches e xingamentos, além de carros sendo jogados contra elas. Não presenciei, algum caso efetivo de violência física. Contudo, durante as entrevistas foram relatadas várias situações em que as travestis foram agredidas por clientes durante a realização dos programas e por transeuntes. O caso que me pareceu mais grave foi o ocorrido com Brenda, no final de 2010, em um terreno baldio da Rua 21 de Abril, próximo ao estacionamento da Igreja Universal do Reino de Deus. Brenda descreveu-me como foi o evento:

Teve, o espancamento. O cliente saiu comigo, ele me perguntou quanto que era o programa, eu falei, e aí fomos. [...] Até que era um rapaz bonito, mas eu não sabia que por traz daquela cara dele tinha algo diferente nele. Chegamos ao ponto que... ele chegou... eu não queria entrar; ele perguntou... nesse local, era um lugar imundo, sujo, nojento. Ele era branco, baixo, forte, só isso que eu lembro dele! A idade deve ser uns 22 anos, só que era forte! (Chegou) A pé... a pé, mas bem arrumado, entendeu?! Eu num imagina que ele ia fazer aquilo comigo; ele tava me levando pra me roubar! Mas chegamos ter o programa, entendeu?!, fizemos, mas o que me deixou intrigado, foi na hora que... [posso falar?] Na hora que ele realmente ia gozar

²⁷⁸ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

foi na hora que ele tampou comigo! Ele não sei o que realmente deu na cabeça dele; foi na hora que ele tampou e começou me espancando. Eu tentei me defender, mas naquele escuridão ali, aquele lugar imundo, eu tava de salto muito alto, caí, quase virei o pé, entendeu?!, aí foi na hora que ele trepou em cima de mim e começou me porrando... aí eu saí correndo, e ele ficou... minha bolsa ficou lá dentro, com meu dinheiro, com meu celular... ele roubou, entendeu?! Quando ele saiu, eu estava na rua, em pé; aí, ele pegou um pedrão e falou que ia pocar a minha cabeça! Tinha a igreja Universal, assim, cheia de gente; as pessoas, em vez de me ajudar, mesmo eu sendo como eu sou, poderia me dar a mão de amigo, pelo menos. Fechou a porta; eu fiquei apavorada; o pessoa que diz ser crente, fazer aquele tipo, fechar a igreja para eu poder não entrar; ninguém fez nada, uma porção de homem... ninguém fez nada; o que me deixou muito triste foi isso, sabe?! Entendeu?! Então, eu acho que eles estão ali perdendo tempo, perdendo tempo dos outros. Se fosse realmente, povo usado de Deus, como eles diz que eles são, eles tinham me ajudado. Eu realmente saí dali arrasada aquele dia.²⁷⁹

Depois desta ocasião, não mais encontrei Brenda na pista, ao menos até a finalização da pesquisa de campo, em setembro de 2011. Todavia, como ela mesma relatara, ainda atendia alguns clientes que agendavam o programa por telefone. Um desses clientes é citado com grande euforia:

[...] tem até um rapaz que me liga, muito legal, entendeu?! É do Rio; vem só pra ficar comigo; esse eu curto bastante, eu nem cobro. Porque é uma pessoa que eu sinto desejo, eu sinto vontade de ficar com ele.²⁸⁰

Como já explicitado nos depoimentos precedentes, o desejo e a vontade são dois elementos que sempre estão presentes nos discursos das entrevistadas. Porém, sua explicitação dá-se basicamente de duas maneiras. Como forma de negação, quando percebido como sinônimo do não-profissionalismo, assim, ter vontade ou desejo é parte do repertório das não-profissionais, o que muitas delas querem negar. Por outro lado, essas duas categorias podem ser invocadas como justificativa para o sexo gratuito, conhecido no grupo como *fazer vício*, como pode ser percebido na fala de Brenda, que sai gratuitamente com um cliente por considerá-lo desejável.

Além dessa dimensão de prazeres da carne, as travestis argumentam que na pista são admiradas, desejadas e às vezes temidas, e isso faz com que elas se sintam bem. É evidente que isso não sublima as agressões já descritas. Porém, se o exercício ao qual me proponho é compreender os sentidos e significados que elas atribuem à vivência na prostituição é relevante considerar essa noção do *sentir-se bem*. Em muitos momentos elas dão pistas que corroboram essa percepção mais complexa do que significa estar na prostituição e construir

²⁷⁹ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

²⁸⁰ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

um corpo que seja desejado pelos homens e admirado por outras travestis e mulheres. Como elas mesmas disseram:

Eu gosto de me sentir... eu sinto bem quando eu me transformo em mulher, eu me sinto realizada, eu sinto que eu sou uma mulher de verdade; nem que seja dentro da minha cabeça, mas eu sinto isso. Quando eu passo assim, os homens olhando, essas coisas tudo assim. Aí sinto bem, feliz!²⁸¹

Pra me sentir bem. Eu quis botar muito silicone pra ter corpão, mas pra mim mesma, entendeu?! Pra me sentir bem comigo mesma, porque eu não gostava do meu corpinho magrinho. Eu queria ter corpão, entendeu?! Corpo de mulherão. Foi onde eu coloquei e me senti bem comigo mesma.²⁸²

Você não se transforma porque você quer, você é levado àquilo, entendeu?! Você se vê... você não se enquadra nos parâmetros; mesmo que eu disse, por exemplo, se eu tivesse na condição de gay, eu não me enquadrava na condição de gay, eu não me sentia bem daquele jeito. Eu me sentia, eu me sinto bem agora, do jeito que eu tô. Às vezes eu vejo fotos minhas de, é... doze anos atrás, treze anos atrás, eu não me sinto bem vendo aquelas fotos. Gente!, não sou eu aqui.²⁸³

Você sabe que se você se montar, aquela coisa toda, montar bem montada, quando você tá bem construído, você vai receber elogios. [...] Então, tudo isso faz bem pro ego da pessoa; massageia, aquela coisa toda.²⁸⁴

Ainda que este sentir-se bem possa ser compreendido como um enquadramento na normatividade de gênero, não me parece justo ocultar que as travestis dedicam esforços consideráveis na sua elaboração, como demonstrado nos capítulos anteriores.

Por fim, uma questão merece ser pontuada nesta reflexão que se faz sobre as travestis e o trânsito que realizam na prostituição: não pode haver prostituição se não houver uma clientela que a consuma e construa. No capítulo subsequente, esforçar-me-ei em problematizar a relação estabelecida entre as travestis e seus clientes, buscando evidenciar a percepção que as travestis constroem sobre a clientela que atendem.

²⁸¹ Idem.

²⁸² Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

²⁸³ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

²⁸⁴ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

3.5 *Bofes, mariconas e vícios: norma e desvio no jogo das masculinidades sexualizadas*

A gente só sabe quando é homem, quando tá na cama.²⁸⁵

3.5.1 Sobre o (não) contato com os clientes

Era o dia 22 de julho de 2011, passavam poucos minutos das 21 horas, eu, Fagno e Soraya estávamos na esquina da Avenida 7 de Setembro com a rua dos Andradas. Soraya usava um vestido rosa bem curto, meia calça da cor de sua pele clara, sandália também rosa de salto alto, com uma fita não menos rosa que subia por suas pernas até a altura dos joelhos; seus olhos verdes, obtidos com a ajuda de lentes de contato, eram destacados pela leve maquiagem que aplicara sobre o rosto, emoldurado por seu longo cabelo preto e liso. Notei que um carro vermelho, que protegia seu condutor com uma película de insulfim bem escuro aplicada nos vidros, passou lentamente por nós cerca de duas ou três vezes. Minutos depois, aproximou-se um homem que aparentava ter quase 30 anos, moreno, magro, usando óculos de grau e trajando calça jeans e sapato preto, com a camisa da empresa em que trabalha. Aparentemente sereno, ele se dirigiu à Soraya e disse-lhe:

Cliente: Boa Noite.

Soraya: Oi.

Cliente: Está resolvendo com eles? [referindo-se a mim e ao Fagno]

Soraya: Não. São minhas amigas; elas trabalham aqui.

Cliente: Quanto é o programa?

Soraya: 50 reais.

Cliente: Atende em algum lugar especial?

Soraya: Tem um hotelzinho ali.

Cliente: Quanto é?

Soraya: 10 reais.

Cliente: Vamos?²⁸⁶

²⁸⁵ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

²⁸⁶ Diário de campo – 22 de julho de 2011.

Soraya despediu-se de nós, e foi em direção ao carro, acompanhando o cliente. Em seguida o carro deu partida e seguiu para o hotelzinho.

Essa cena do contrato entre a travesti e o cliente, representa apenas uma das muitas dinâmicas de negociação de um programa. Penso ser importante destacar que esse campo será tomado sob o prisma do poder e da sexualidade, considerados como dimensões de um mesmo processo, que tangenciam as concepções que estes sujeitos têm do que é o gênero que representam e as possibilidades de uso de seus corpos. Tal consideração faz-se relevante, pois são relações estabelecidas entre sujeitos que se envolvem, ou são vistos, como portadores de uma sexualidade marginal – não heterossexual.

Muitas vezes o pesquisador pode ser tentado a desventurar-se por searas que lhe são inacessíveis. Uma questão, por exemplo, seria tentar responder o porque de os homens serem apontados como os maiores agressores das travestis, compreendendo a dinâmica bipolar verificada na realização dos programas, nos quais, em questão de segundos, eles são capazes de transitar entre o tesão e o ódio extremo – como se o tempo da ejaculação instaurasse a mágica do horror. Por certo, grande parte das indagações passíveis de serem feitas, demandariam investigações capazes de acessar, efetivamente, a psique desses sujeitos masculinos. Todavia, é possível, também, construir algumas considerações consistentes a partir da observação dos desdobramentos sociais desse tipo de ação masculina; o que poderia ser visto como um esquema cultural reproduzido a fim de garantir a perpetuação de um esquema de dominação.

Com isso, não suponho que o campo da psicologia, psicanálise e psiquiatria, e a análise do social sejam opostos ou que devam sempre serem tomados separadamente. Porém, considero importante localizar o espaço de onde lanço meu olhar, para evitar leituras equivocadas.

Assim, interessa-me perceber como alguns homens, reconhecidos socialmente como heterossexuais, se relacionam afetivamente, sexualmente, comercialmente e fraternalmente com as travestis que atuam no *trottoir* na região central de Campos dos Goytacazes. Vale destacar, ainda, que as reflexões a seguir apresentadas foram elaboradas a partir dos dados produzidos em dois momentos distintos: por meio da observação direta no campo de pesquisa, em que pude constatar a circulação de vários homens que se relacionam com as travestis; e a partir das 16 entrevistas realizadas. No início da pesquisa pretendia entrevistar alguns clientes, a fim de dar mais visibilidade a estes sujeitos que participam ativamente (às vezes

passivamente) do universo da prostituição. Entretanto, o contato direto com eles foi impossível, por dois motivos principais: não há, na pista, um local específico em que estes clientes fiquem concentrados²⁸⁷, como um bar, hotel ou bordel; eles estão sempre em trânsito, e isso inviabilizou qualquer tipo de aproximação, já que a simples tentativa de interpelá-los no momento em que parassem para negociar algum programa, estava fora de cogitação (por motivos óbvios). Sabendo, de antemão, que encontraria estes obstáculos, supus que conseguiria contato com alguns clientes por meio das travestis que seriam entrevistadas, considerando que muitas delas diziam ter certos clientes que são fixos, procurando-as regularmente. Tal expectativa também foi frustrada. No momento das entrevistas, após falarmos sobre a clientela atendida, eu lhes perguntava se elas teriam algum cliente que aceitaria falar comigo; e as respostas eram oferecidas com aguda certeza:

Ah, meu filho, você não vai conseguir. Fácil pra você é conseguir michê que sai com as travas, ou um boy, mas cliente mesmo, é muito difícil pra você conseguir; até porque, eles não vão querer revelar pra você que ele sai. Geralmente eles são gente conhecida, e não quer ser reconhecido... e aí tá gravando, alguém vai reconhecer a minha voz... você sabe como é.²⁸⁸

Ahhh não... com certeza não! [...]. Ah é... jamais se você falar assim: "Ah, vamos fazer uma entrevista?" ... nossa! Você quer matar eles é falar uma coisa dessas pra eles... não vão aparecer nunca! [...](risos) Nunca! Nunca, nunca, nunca... [...]. É... e de repente assim,... ficar e o povo ficar sabendo, né?!, que sai com travesti, né?!, que fazem passivo também, aquelas coisas toda, então, nunca que eles fariam uma entrevista! (risos)²⁸⁹

Com isso, talvez, essa mirada *distante* que será apresentada sobre a clientela das travestis decepcione alguns (mas) que, aguçados por uma curiosidade especulativa, esperavam descobrir com nitidez, quem são os homens que buscam as travestis das ruas de Campos dos Goytacazes. Posso advertir que estes clientes estão muito mais próximos do que se imagina, ou se quer ver; eles são: os amigos da balada, professores, políticos, comerciantes, seguranças diurnos e noturnos, médicos, dentistas, líderes religiosos, pais de família. Como foi constado pelas entrevistadas, esses clientes estão por toda parte:

²⁸⁷ No estudo apresentado por Larissa Pelúcio, *Abjeção e desejo*, a clientela das travestis foi acessada por meio de um bar em que estes homens se encontravam a partir de uma rede de relacionamentos disponível na internet. Já Ilmar de Sousa, que pesquisou a clientela de mulheres prostitutas, conseguiu acessar estes homens em um estabelecimento específico, onde elas atuavam; os resultados de sua pesquisa são apresentados em *O cliente: o outro lado da prostituição*.

²⁸⁸ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²⁸⁹ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

Eu já entrei em restaurante, e quando eu sei por si era cliente. Eu já entrei na prefeitura da cidade pra resolver alguma coisa, quando notei, era um cliente.²⁹⁰

Ah, tem clientes muito variados. Eu falei pra você, na maioria das vezes eles tão entre 30 e 50 anos, entendeu?!; são pessoas de crasse média, não são tão baixas, e é desde assim, empresário, político... até um simples funcionário. [...]. Até um simples auxiliar de serviços gerais, é médico, é dentista.²⁹¹

3.5.2 Relações insólitas: o que querem os clientes?

Conforme demonstrado em alguns estudos históricos, como os desenvolvidos por Michele Perrot, o espaço público foi construído como um espaço masculino, enquanto que às mulheres caberia *reinar* sobre o mundo privado. Tanto durante o dia, quanto pela noite, a circulação de homens pelas ruas do centro de Campos é intensa. No período noturno esse trânsito é marcado por uma dinâmica que envolve a busca por aventuras sexuais com outros homens, mulheres e travestis, além da possibilidade de obter drogas, realizar pequenos furtos, ou apenas se divertir com o grupo de amigos.

No espaço da prostituição de travestis no centro da cidade, a presença masculina é constante. Eles aparecem de carro, a pé, de bicicleta; estão sozinhos, acompanhados por um ou vários amigos; são brancos, negros, pardos; novos, adultos, idosos.

A possibilidade de obter algum tipo de prazer promove interações repletas de códigos compreendidos pelos *sujeitos da noite*²⁹². Certa noite²⁹³, estava sentado na esquina da Rua dos Andradas com a Avenida 7 de Setembro, aguardando a chegada das travestis; percebi que um homem, aparentando de 25 a 30 anos, posicionou-se na outra esquina, buscando, com o olhar, estabelecer algum contato comigo, a fim de que pudéssemos firmar um contrato (que poderia envolver relação sexual ou compra e venda de drogas); discretamente ele segurou seu órgão sexual e fixou o olhar em mim. Interessava-me compreender como se arquitetava essa dinâmica de interação promovida com olhares e insinuações e, quem sabe, até mesmo conseguir

²⁹⁰ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²⁹¹ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

²⁹² Considero como sujeitos da noite esse grupo de sujeitos que cria uma dinâmica própria no ambiente noturno, estabelecendo códigos de conduta e contato. No espaço da prostituição observa-se a presença das travestis, dos clientes (os pagantes e os vícios), homens homossexuais *caçando* e transeuntes a caminho de casa ou do trabalho.

²⁹³ Diário de campo – 10 de dezembro de 2010.

conversar com ele para uma possível entrevista informal, ali mesmo. Todavia, tive receio de continuar no espaço, já que estava só e o risco seria grande. Como não correspondi à sua investida, ele se afastou. Minutos mais tarde, avistei-o sentado à mesa de um bar localizado na Rua Formosa, por certo esperando a possibilidade de outro contato.

Um grupo de sujeitos muito presente na pista são os adolescentes. Esses jovens rapazes quase nunca estão sozinhos e buscam não pagar pela realização do programa. A interação entre eles e as travestis da pista pode ser amistosa, conflituosa e interessante para ambos, visto que em alguns casos, programas são efetivados. Não foram raras as vezes em que grupos de adolescentes com 4 a 7 sujeitos, chegaram de bicicleta à pista, e circularam incessantemente. Eventualmente eles paravam para conversar com alguma travesti que lhe parecia mais interessante, do ponto de vista do seu capital corporal, ou que lhe fosse mais acessível, aquelas que eles sabiam que sairiam gratuitamente para transar com eles. Nesses diálogos, às vezes com tom de voz bem elevando, eles se gabavam de terem a *mala boa*²⁹⁴, e por vezes permitiam que a travesti comprovasse a afirmativa, tocand-lhe. Esse momento era experimentado com grande euforia por estes rapazes que estão acompanhados por seus amigos. Em momento algum sua masculinidade era questionada pelo fato de ele se envolver com uma travesti, tendo em vista que, tacitamente, já se compreendia que ele, como ativo da relação, não é *veado*; pois o estigma recai sobre o sujeito que assumirá o papel de passivo, a travesti²⁹⁵. Além disso, quando estão acompanhados dos amigos, não se admite que a travesti fique com apenas um deles, ou seja, todos devem participar da *aventura*, de maneira que tenham no segredo do grupo a garantia de que *ninguém fique sabendo* do ocorrido.

A noite de 23 de junho de 2010 demonstrou-me o quão democrático é o acesso dos clientes à pista. Em quase cinco horas de observação presenciei a chegada de um rapaz de bicicleta, que procurava Luciana, a fim de fazer o vício; em seguida um carro, com dois jovens rapazes brancos, que já circulara pela pista várias vezes, parou para falar com Dayane; quase que simultaneamente, um homem em uma motocicleta chamou Luciana e solicitou que ela fizesse o programa fiado; além disso, alguns rapazes transitaram a pé. Todos que têm algum interesse podem chegar à pista. E, nem sempre, aquele que está com um veículo mais

²⁹⁴ Termo êmico utilizado para se referir ao pênis; uma *boa mala* deve ser preferencialmente grande e grossa.

²⁹⁵ Annick Prieur indica o caso dos *mayates*, na Cidade do México. São homens masculinos que transam com outros homens, mas que não assumem-se como homossexuais e tampouco se permitem alguma atitude considerada feminina. Cf. PRIEUR, Annick. **Mesma's House, Mexico City: on travestites, queens and machos.** University of Chicago, 1998. p. 179

novo e caro, é o melhor cliente para o programa. Segundo Judite, os clientes que passam de *carrão* são os piores, pois nunca querem pagar o preço certo do programa, sempre pedem algum tipo de abatimento; enquanto que os homens que param em carros *ferrados*, pagam o preço que for estipulado. Enquanto fazia esta observação, Judite avistou um de seus clientes, um senhor de mais de 50 anos, que vinha em uma Brasília azul e que, segundo ela, pagava o preço combinado, embora fosse muito chato, por gostar de beijá-la, querer muito carinho e demorar para ejacular.²⁹⁶

A relação das travestis com seus clientes é sempre descrita por elas como sendo envolta por momentos de tensão, as mesmo tempo em que é apresentada como se ambos fossem cúmplices de um ato ilícito. Por mais que elas dissessem, de uma maneira ou de outra, detalhes dos programas, a identidade dos clientes não foi revelada em momento algum. Esse segredo é parte de um contrato celebrado entre eles; ao mesmo tempo em que pode ser usado pela travesti se, durante o programa, houver algum conflito: neste momento o cliente pode se recusar a pagar pelo programa e agredi-la, ou ela pode ameaçá-lo com um escândalo. Tudo vai depender do local em que o programa for realizado, bem como do porte físico da travesti e do cliente. Como observa Tatiana:

Às vezes você se sente um objeto. Não ao ponto que o cliente grite comigo: “Estou pagando”, porque se ele gritar, eu saio do quarto. Ele está me pagando, mas eu que estou vendendo. Eu que sou a vendedora, a comerciante sou eu, eu comercializo meu corpo; então eu falo o que eu faço, e o que eu não faço. Homem não diz a mim o que eu tenho que fazer. [...]. Lógico, eles têm que aceitar. *São 1,83 de altura; e eu não levo desaforo pra casa, tudo que me dão, eu devolvo.* (grifo meu)²⁹⁷

Outro importante aspecto que compõe essa relação é o gênero. O depoimento das entrevistadas confirmou a hipótese de que a tradicional noção de masculino e feminino é acionada tanto pelas travestis quanto pelos clientes; e a sexualidade também é compreendida a partir de uma matriz heteronormativa, ainda que as vivências, experimentações e possibilidades, superem o padrão heterossexual. A performance de gênero identificada é compreendida como o definidor primordial da sexualidade a ser desempenhada: o feminino da travesti deve, portanto, oferecer o sexo (ser passiva), enquanto que o masculino do cliente é o próprio sexo (ativo). Nesse jogo está expressa a compreensão de que: “A libido-como-masculino é a fonte de que brota, presumivelmente, toda sexualidade possível.”²⁹⁸; fazendo

²⁹⁶ Diário de campo – 11 de fevereiro de 2011.

²⁹⁷ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

²⁹⁸ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 86

com que se reflita sobre a importância conferida à materialização do prazer, do gozo; o gozo masculino, associado à substância obtida no momento da ejaculação é visto como superior ao feminino, já que o orgasmo não passaria de um conjunto de sensações, cuja materialidade pode não ser tão óbvia. Será que a existência do *sêmem feminino* minimizaria essa desigualdade, ou bastaria que se compreendesse a importância dos fluídos corporais na construção das hierarquias estabelecidas no trinômio sexo-gênero-sexualidade?

Em fina sintonia com o discurso da norma heterossexual, as travestis compreendem como normal a ideia de que elas devem ser passivas e seus clientes ativos. Isso não significa que na prática, essa ideia se efetive. E é justamente neste jogo que os clientes são classificados pelas travestis, basicamente em três grupos: os *bofes*, os *mariconas* e os *vícios*²⁹⁹.

Os homens vistos como *bofes* são aqueles que, além de representarem as características tipicamente reconhecidas como masculinas³⁰⁰, assumem o papel de *ativos* (penetradores) na relação sexual, e usam o corpo das travestis a partir de seus atributos femininos: seios, cabelos longos, nádegas; o que implica o não-toque ou estímulo direto do pênis delas. O fato de possuir um pênis não necessariamente masculiniza a travesti, mesmo quando elas assumem um papel sexual associado à masculinidade verdadeira, ou seja, ser ativa na relação sexual. Em seus estudos sobre as travestis argentinas, Josefina Fernández observa que: “Las travestis tienen cuerpo de varón y de mujer y su sexo y su género no son algo que pueda ser definido según categorías pré-establecidas.”³⁰¹ Por isso, a relação entre travestis e clientes supera a dimensão econômica, bem como a dicotomização entre ativos e passivos. Como também destacado por Fernández: “Travestis y clientes se encuentran en un territorio erótico común del que están excluidas las mujeres en prostitución, un *habitus* generizado reúne a ambos en el mercado de los cuerpos y de los deseos.”³⁰²

Nesse mercado de corpos e desejos, as travestis classificam como *mariconas*, aqueles clientes que buscam no corpo delas, o órgão masculino, e assumem na relação sexual o papel

²⁹⁹ Ainda que a categoria vício possa ser vista como um não-cliente, optei por considerá-lo no grupo dos clientes, já que em determinadas circunstâncias os bofes podem se tornar um vício.

³⁰⁰ Ser viril, provedor, macho. Cf. WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

³⁰¹ FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes**: travestismo e identidad de género. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 114

³⁰² Idem. p. 112

de passivos. Essa diferenciação entre *bofes* e *mariconas* sustenta um repertório de escolhas efetuado pelas travestis, bem como a definição apresentada sobre os melhores e os piores clientes para cada tipo de programa. A percepção que se tem acerca do que é o corpo e os usos legítimos que podem ser feitos dele, é o que respalda as classificações produzidas pelas travestis sobre seus clientes; e é a partir deste sistema classificatório, não estático, que elas escolhem os homens com quem podem fazer sexo gratuitamente. De acordo com os depoimentos e as observações no campo, para que um homem seja escolhido pela travesti, sua performance de gênero deve se aproximar ao máximo da noção do *homem de verdade*³⁰³. Nesses casos em que a travesti se permite realizar o programa e não cobrar pelo mesmo, diz-se que ela fez vício. Esse termo, vício, passa a ser usado para designar os sujeitos com os quais as travestis saem para transar no momento em que estão *batalhando na pista*.

Nesse repertório, em que os homens são classificados de acordo com a sexualidade que eles se permitem experimentar, aquelas que não correspondem à norma: masculino = ativo, são menosprezados pelas travestis. Elas reconhecem como demérito o fato de um *homem de verdade* se permitir ser penetrado por outro homem, ainda que este outro seja uma travesti, vista como uma mulher de pênis e não um homem de peito.

Para as entrevistadas, o *bofe* é diferente da *maricona* porque:

Ah, os bofes são aqueles caras que curte, né?!, travesti, essas coisas toda; que fazem o papel do ativo. Já as mariconas, são aqueles caras que curtem também os travestis, sendo que eles fazem os dois lados: ativo e passivo. Aí, por isso são chamada as mariconas! (risos)³⁰⁴

Porque o cliente bofe ele, ele só é ativo.[...]. É só ativo. Entendeu?! Ele tá ali porque ele quer matar um desejo dele. Bofe é assim. Agora tem as maricona, que a gente fala que é os dois, mais passivo.³⁰⁵

quando é cliente que é maricona, trata a gente com mais respeito e carinho; quando são os bofes, que faz ativo, é mais aquilo: eu quero fazer isso, quero gozar umas três vezes, que eu tô pagando... é mais aquela coisa... dura!³⁰⁶

Em alguns conflitos entre travestis e clientes, que foram vistos durante a pesquisa de campo, observei que elas, quando queriam ofender um cliente, diziam que ele era “uma maricona.”³⁰⁷

³⁰³ Cf. BADINTER, Elizabeth. *XY*: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

³⁰⁴ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

³⁰⁵ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

³⁰⁶ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

Se por um lado as travestis indicam que ser mariconas é um demérito, por outro, elas reconhecem que os *mariconas* são os melhores clientes quando se trata do retorno financeiro:

É porque os bofes são os ativos mesmo, os homens mesmo; as mariconas são as bichas encubada, que procuram as travesti pra fazer o que elas gostam, o que elas mais escondem; mas *são as mariconas que pagam bem*.³⁰⁸

Este comentário de Andressa corrobora a compreensão apresentada pelas travestis sobre os clientes. Diferentemente dos *vícios*, com quem se faz o programa de graça, os *mariconas* devem pagar mais caro pelo programa, já que serão *passivas* na relação sexual. Esta compreensão ilustra a ideia de que o papel de passivo é um processo de rebaixamento da masculinidade deste homem, e por isso ele deve pagar mais caro para que a travesti o penetre.

Oral é 25 pra cima, no meu caso, né?!, Querida! 25 pra cima... oral e anal 50 pra cima também; e pra ser ativa eu cobro mais caro, 70 mais ou menos, porque a mariconas tem dinheiro, né?! Ela paga.³⁰⁹

Os *mariconas*, em geral, não dispõem de capital corporal, tampouco de masculinidade, para negociar um desconto ou mesmo a gratuidade do programa. Enquanto que os *bofes* têm como capital seu corpo e sua masculinidade, o único capital disponível para os *mariconas* é o financeiro. Tanto as travestis quanto os clientes partilham de valores semelhantes, quando se trata da percepção acerca do corpo e da idade. Segundo a avaliação de Brenda, os clientes mais novos nunca querem pagar pelo programa:

Os novos, eles quer mesmo só se divertir e não pagar; são aqueles rapazes bonitos, gostosos, às vezes a gente acaba, por tentação, fazendo eles de graça, entendeu?! Eu já fiz muito de graça ali na 21 mesmo! Porque eu gosto mesmo... aqueles rapazes bonitos, quando vem pro meu lado, querendo... eu não consigo dizer não. Porque eu gosto... eu faço mesmo. Entendeu?! Às vezes, até a maioria fica de implicância comigo por isso, entendeu?! Às vezes, tem dia, os rapazes que queria, entendeu?!, de graça, eu fazia mesmo.³¹⁰

O corpo é um capital do qual dispõem tanto as travestis, que oferecem os serviços sexuais, quanto os clientes que buscam tais serviços. Da mesma maneira que uma travesti com muitos atributos considerados femininos (seios, cabelo, vestimentas) possui muito capital para negociar o valor de seu programa, um cliente bofe, com aparência e atitude representativa do padrão de masculinidade verdadeira, tem para negociar abatimentos e até mesmo a gratuidade do serviço requerido. Isso fica patente no caso de rapazes jovens, cujos

³⁰⁷ Diário de campo – 06 de agosto de 2010.

³⁰⁸ Depoimento de Andressa – 01 de setembro de 2011.

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

corpos esculpidos em academias de musculação, correspondem ao ideal masculino veiculado pelas mídias, e desejado pelas travestis. Em várias situações esse tipo de homem foi visto circulando pela pista. Na noite de 11 de fevereiro de 2011, três rapazes, aparentando de 18 a 25 anos se aproximaram de Soraya, uma das travestis consideradas belíssimas na pista. Um era branco, de cabelo comprido, um moreno e o outro negro. Ela conversou longamente com eles, enquanto os três olhavam fixamente para seus enormes seios, que estavam quase totalmente à mostra. Ela se aproximou do rapaz branco e, com uma das mãos, avaliou o tamanho de seu pênis. Eles tinham uma fala carregada por um sotaque que Soraya identificou como nordestino, e supôs que eles, provavelmente, estivessem trabalhando em alguma empreiteira na cidade. O rapaz negro disse que tinha os 50 reais que ela cobrara pelo programa, mas ela se interessou pelo branco. Por fim não houve negociação, e ela acabou saindo com outro cliente que passava de carro. Esses três rapazes estavam visivelmente alcoolizados; o moreno, em maior grau, se gabara de ter um pênis enorme, causando animosidade em outra travesti, que se aproximara do grupo, e interessou-se em ver. Logo depois passou Pedro; já conhecido das travestis da pista, ele é um homem pardo, malhado, aparenta cerca de 30 anos, tem tatuagem no braço e sempre sai com alguma travesti; como dispõe de capital corporal e atributos reconhecidos como masculinos, ele nunca paga pelo programa e até mesmo consegue dinheiro com a travesti que sai com ele.³¹¹

Até o momento, busquei demonstrar o quão diverso é o universo da clientela das travestis, e algumas formas de negociação estabelecida entre elas e os clientes. Vale notar que estes clientes não demandam apenas serviços sexuais, muitas vezes querem uma companhia, uma aventura. As travestis entrevistadas avaliaram o que possivelmente faria com que os homens as procurassem:

Por exemplo, na Europa eu era travesti, então o homem já saía comigo sabendo que eu era travesti; então quando você sai com um travesti, você sabe que ali vai ter um órgão genital masculino; então alguma coisa ele quer diferente naquela relação; não significa que ele vai ser passivo, entendeu?! Mas ele quer ver uma coisa diferente; ele sabe que tem alguma coisa diferente. É o fascínio da cabeça do homem em ver assim: gente, é uma mulher com órgão genital masculino, e isso vem na mente dele. No Rio de Janeiro, é a mesma coisa; lá é diferente, onde ficam as mulheres, ficam as mulheres; aonde ficam os homens; [onde] ficam os travestis, ficam os travestis.³¹²

A travesti é compreendida como um ser exótico. Seu pênis lhe confere um status diferenciado, mesmo que não seja utilizado para a penetração do cliente. Ainda que não fique

³¹¹ Diário de campo – 11 de fevereiro de 2011.

³¹² Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

totalmente ereto, ou seja, manuseado pelo cliente, a presença do pênis em uma performance de gênero feminina, define uma dinâmica própria da relação entre clientes e travestis. Na medida em que a travesti é compreendida como uma mulher de pênis, e não um homem de peito, os homens que se relacionam com elas não são necessariamente *veados*; o pênis torna-se um acessório que perde seu potencial representativo frente à construção de uma feminilidade. Isso não significa que seu valor seja menosprezado, mesmo porque, quando requerido pelo cliente, ele pode funcionar e contribuir para o enquadramento do cliente como *maricona*. Todavia, quando não acionado pelo cliente, o pênis da travesti deixa de representar a virilidade masculina e passa a ser um *plus* do feminino por ela elaborado.

Mesmo que, tecnicamente, a relação entre as travestis e seus clientes possa ser descrita como homossexual, os clientes *bofes* e os *vícios* não podem ser identificados como gays ou veados, visto que o papel desempenhado por eles, na relação sexual, não macula sua masculinidade, como ocorre com os *mariconas*. Além do mais, muitas vezes, essas relações fazem parte da construção ou reafirmação de uma masculinidade, principalmente entre rapazes jovens de estratos sociais menos abastados, que circulam pela pista em grupos. Em 1º de novembro de 2010, perto da Avenida 7 de Setembro, observei que seis rapazes, de bicicleta, tentavam negociar um programa com duas travestis jovens. Uma delas foi conversar com eles e logo voltou indignada, pois ouvira que uma *puta* eles pagariam, mas *veado* eles *comem* de graça.³¹³ Essa foi apenas uma de muitas situações em que grupos de adolescentes foram vistos na pista a procura de *fazer vício*.

Seria possível explicar por que os clientes procuram a travesti na prostituição? Como não pude ouvir deles mesmos, investi na percepção que as travestis têm dessa situação, bem como as justificativas que eles apresentam para elas. Elas dizem que o exotismo é o que atrai o cliente; misturar signos do feminino em uma anatomia dita masculina é algo que desperta a curiosidade. Para Kyara:

É... um brinquedinho diferente, né?! Então eles querem o que? É isso. Porque se eles quisessem... Eu acho que um homem que paga um travesti, ele não quer o travesti como se fosse a mulé, ele quer o travesti, mas com a coisinha aqui na frente; se não ele pegava uma mulé!³¹⁴

De vez em quando pergunta... será que é operada?!, muitos não querem. Engraçado, eles querem uma figura feminina de pênis; vai entender a cabeça do homem, né?! É, engraçado. Fala assim: “Ah, eu gosto de você, tem um jeito feminino, você tem

³¹³ Diário de campo – 13 de novembro de 2010.

³¹⁴ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

corpo, um jeito de mulher, aquela coisa toda... fica pelada pra mim, fica, fica peladinha... Fica de costas não, de frente”; E aí?! Eles querem... uma figura feminina, mas sem ser operada.³¹⁵

Segundo as travestis, os clientes usam diversas justificativas para dizerem porque estão buscando uma travesti e não uma mulher. Muitos argumentam que elas oferecem um sexo mais liberal do que aquele que é conseguido com a esposa, noiva ou namorada, em casa. Há ainda os que dizem ser movidos por uma curiosidade pelo *diferente*, além de considerarem que elas são mais habilidosas para satisfazê-los, com o sexo oral e anal, do que *suas* mulheres.

É... muitos falam... na maioria das vezes dizem, é assim: que as mulher deles não gostam de sexo oral, sexo anal; muitos dizem que mesmo a mulher fazendo, não fazem do jeito que eles gostam, que faz uma coisa meio, tipo com nojo... que faz pra agradar a ele, porque na verdade ela não gosta de fazer; ou muitos dizem que elas não fazem mesmo; ou, muitos dizem que elas fazem tudo isso, mas mesmo assim, eles procuram. Mas assim... tem clientes mais novo, que assim... mais na fase da adolescência... entre 18, assim... 18, 20, 21 anos... é meninos... tem a namorada, mas às vezes a namorada ainda não faz sexo com eles, e que eles querem fazer... ou por curiosidade mesmo, muitos por curiosidade, porque nunca tinha feito isso, e queria ver como que era. Mas muitos dizem também que nunca tinha feito, mas já fizeram 50 vezes. “Ah, é minha primeira vez, não liga não... É minha primeira vez... nunca fiz isso,” aquela coisa toda... mas, na verdade já fez.³¹⁶

Os clientes querem, desejam, buscam essa figura feminina que tenha um pênis. Com o dinheiro, eles compram muito mais do que um simples sexo, ou um gozo aventureiro e diferente. Instaura-se, como em qualquer relação sexual, um jogo de poder, dominação e muita adrenalina. Não é em qualquer lugar que se pode encontrar um feminino com pênis e dispor dele ora como homem, ora como mulher. Muitas vezes, o dinheiro é que conduz a possibilidade de efetivação dos desejos dos clientes. Quanto mais dinheiro tem o cliente, maiores são as exigências que ele pode fazer:

Quando me paga bem. Independente, pode ser lindo, belíssimo, um deus grego, não vai me pagar?, ou pagar mixaria... pra mim, o cliente é aquele que paga bem... pode exigir muito de mim, mas porém que ele pague... o que ele exigir de mim, entendeu?!, pague bem pra isso. Porque às vezes você decepiona muito, às vezes pára um cliente com um carrão, imenso, carro do ano, zerado, sem placa... e vem com mixaria; e quando não fala assim: “Entra aí, vamos dar uma volta. Você acha, eu, bonito desse jeito, novo, gostoso... tem coragem de me cobrar?”, eu tô trabalhando, ele fala “Eu sei, e o lazer?!”; lazer eu faço, dia de domingo na minha casa, vou passear, como pizza, vou ao cinema, meu lazer é esse... aqui é trabalho; eu falo: “É trabalho”.³¹⁷

³¹⁵ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

³¹⁶ Idem.

³¹⁷ Idem.

Duas falas recorrentes no senso comum são ponderadas por Roberta, em uma avaliação bastante sóbria: a de que a maior parte dos clientes das travestis são homens casados e que quase todos os clientes são passivos. Segundo Roberta:

Não!... não é. E uma coisa, às vezes... eu tenho 70%, às vezes assim, clientes... tem uma média de 90 a 70%... muitos é aquela curiosidade de saber, muitos é assim, olha... pergunta... tá fazendo sexo... eu sou muito tímida, eu sento, eu deito, eu boto uma almofada na minha frente, boto alguma coisa... muito falam: “Não, fica a vontade... pode tirar... eu sei que você não é mulher”, e num sei o que; muitos já chegam e mete a mão; muitos perguntam o que é... muitos já chegam descarado e perguntam: “Você é ativa??? Eu quero ser sua mulher hoje...”, então, é aquela coisa que, assim, que você se surpreende; não tem uma assim... uma média... dizer que todo mundo faz isso... Não. Eu tenho clientes que são heteros mesmo. Por mais que dizem que é, porque transou com o mesmo sexo e não seja mais hetero, mas uns clientes, assim, que sejam ativos mesmo, em nenhum momento, se tentar encostar a mão numa parte do corpo dele que seje... eles dão tapa, dão uma porrada, bota pra trás e aí...

Cara... eles diz, uns diz que olha na rua... “Pow... você tem um corpão... tem um bundão... e a maioria das mulher não tem isso... eu gosto de bundão”, aquela coisa toda. Às vezes eu passo pelo tamanho da bunda... “Ah, porque sua bunda é muito grande...”, que num sei o que, aquela coisa toda... “e eu quero fazer isso; você tem cara de safada, tem cara de fazer isso, aquilo...”. Que muitos, às vezes são assim... eu já ouvi uns relatos que são assim: que às vezes você não tem o costume de fazer uma coisa com sua namorada, que se namorada no começo você não faz, depois de casado você não faz mais. Casou... depois de casado, você não faz mais. Não tem aquela... Teve um cliente que falou comigo: “Eu tentei amaciar a minha esposa, levando filme pra ela assistir, de troca de casais, levando filmes que tinham mulheres com sexo oral e anal, mas minha esposa fazia cara de nojo...”, entendeu?!, e não fazia. Então, é muito relativo. Muitos são muitas coisas, se eu falar pra você... uns falam que gosta mesmo, que tem preferência por travesti, outros já acham que pra curiosidade de saber como que é transar com um travesti; outros já diz que, que sei lá, porque não tinha nada o que fazer, e quis sair... são muitos relatos... diferentes, entendeu?!³¹⁸

Isso não significa que muitos dos clientes não sejam casados. Porém, tomar essa afirmativa como verdadeira sem a possibilidade de confirmação, é corroborar um discurso, proferido pelas travestis, que é proferido em um contexto de disputas por poder, status e reconhecimento.

Judite é uma travesti que vai pouco à pista, no máximo duas vezes por semana; pois também atende clientes por telefone. Em uma de suas idas, explicou-me como é sua atuação na prostituição, que é sua única fonte de renda. Ela alegou que tem alguns clientes que são fixos e saem com ela há mais de 8 anos, desde que começou na pista. Como só vai à pista em alguns finais de semana, muitos programas com esses clientes são agendados por telefone. Esses programas agendados podem ser realizados durante a noite, quando o homem sai de casa para ir à farmácia, por exemplo, passa na pista a pega e eles dão uma *rapidinha*, ou

³¹⁸ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

durante o dia em motéis da cidade. Ela diz que esses homens que saem diurnamente são, na maioria, casados, donos de estabelecimentos comerciais, e dispõem apenas do horário comercial para encontrá-la. Esses clientes já são cativos, e com frequência procuram seus serviços. Esse fato é atribuído a seu desempenho durante os programas, por ela *topar tudo*, não ter frescuras. O preço do programa varia de 50 a 80 reais, podendo ser ativa, passiva ou os dois. Alguns clientes lhe oferecem drogas; às vezes, ao longo de um programa, ela e o cliente só *cheiram*³¹⁹ e na hora do sexo o pênis do cliente não fica ereto; mas ele paga pelo tempo do programa conforme o combinado. Segundo Judite, as drogas funcionam como anestésico, e é a única maneira de aguentar o ritmo da pista.³²⁰

O cliente não quer apenas sexo. Judite citou a possibilidade do consumo de drogas. Essa é uma realidade de algumas travestis da pista; outras, entretanto, afirmam que não usam qualquer tipo de entorpecente, nem mesmo bebidas alcoólicas e cigarros. Alguns clientes recorrem às travestis da pista para comprarem drogas e/ou consumir com eles. Kyara descreve esse tipo de situação e diz que esses clientes:

Aí, pra falar a verdade, esses que são os melhores, né?! Esses que gastam mais, por que? Tão drogado, não querem ficar sozinho, então, vão pagando mais a gente, porque aí vai acabando o nosso tempo, e eles vão pagando pra ficar mais tempo com eles. Se a gente tiver paciente; mas se a gente for uma impaciente, eles deixa a gente aí vai lá e pega outra. Até achar a que eles querem, pra ter paciência... Porque, na verdade, cliente drogado, ele não quer transar, ele quer uma pessoa pra se drogar com ele e pra ouvir ele. Aí, geralmente, eu faço o que?, às vezes eu dou uns tequinhos com eles, e às vezes eu sopro e finjo que cheirei. Se eu não tô afim...³²¹

Mas, nem só de drogas e sexo são feitos os programas. Muitas vezes, as travestis alegam que seus clientes são carentes e querem conversar com elas, contar seus problemas pessoais. Como elas relatam:

São muitas histórias, aí me contam histórias boas dos filhos; aí eu fico ouvindo; assim, eu acho que é por isso que eles vêm e voltam sempre comigo. Não é nem pela beleza, por nada não, é pela paciência que eu dou a eles. Porque a maioria que, ahhh, vambora, goza logo, acabou, cabou!. Eu não, alguns crientes, eu tenho paciência de conversar e ouvir.³²²

Conversam... falam. Muitos te pegam como se fosse psicóloga... conta os problemas... é... é muito engraçado. Às vezes tem gente que sai com você, te juro, te paga duas horas de programa, uma hora e meia ele te conta os problemas, os problemas coma família dele, problemas no escritório, problemas no consultório,

³¹⁹ Termo utilizado para se referir ao ato de consumir cocaína.

³²⁰ Diário de campo – 22 de outubro de 2010 e 27 de abril de 2011.

³²¹ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

³²² Idem.

conta da vida dele; muitos falam abertamente [...]; são casados... que dizem que gostam de uma aventura, uma coisa diferente...³²³

Esse é mais um elemento que corrobora a ideia de que a prostituição não é composta apenas de trocas econômico-sexuais. Mesmo que o dinheiro, como demonstrado pela fala de muitas entrevistadas, seja descrito como algo capaz de inserir a impessoalidade e conferir o caráter de profissionalismo à atuação na prostituição, não se pode reduzir todo esse complexo processo à dimensão financeira. Quando dizem quem são os seus melhores clientes, por exemplo, as entrevistadas citam características masculinas que lhe agradam, como forma de obterem prazer, ou satisfazer algumas de suas vontades. Na opinião de Soraya, já citada como uma das travestis belíssimas da pista, o melhor cliente é:

Eu acho que o homem com mais de 30 anos, né?! Com 32, mais a minha idade, né?! É aquele homem que já fez de tudo, e sabe fazer de tudo. É esse! [...] Não; porque o menino de 18 anos, 19, ele só quer gozar, né?! Ele tá com os hormônios fervendo ali no corpo, então, pra ele; ele se satisfaz até com um... qualquer coisa que aparecer na frente dele. E um homem de 30 anos não, né?! ele sabe o que ele quer, ele sabe fazer direitinho; é diferente! Totalmente diferente!³²⁴

Tuany apresenta uma fala de acordo com a exposta por Soraya, e acrescenta:

Porque as pessoas mais velha, ah... eu... hum... se for pra mim fazer a ativa, entendeu?!, com as pessoas mais velhas, vai ser mais difícil pra mim, entendeu?! Porque até então até eu me excitar, aquela coisa toda, vai demorar um pouco, então, eu não gosto muito, de sair com pessoas mais velhas. Pra mim, tem que ser assim, meia idade, aí... os mais novos, entendeu?! Porque os mais velhos, pra mim fica mais difícil, eu não consigo.³²⁵

Tanto a fala de Tuany quanto a de Soraya, evidenciam que as relações com os clientes não são estritamente financeiras. Elas demonstram uma predileção por clientes que sejam atraentes, de acordo com o protótipo de masculinidade definido por cada uma das travestis. Assim, mais uma vez, vê-se em cena a possibilidade do prazer, o desejo, a vontade, como fatores que integram o processo de negociação dos programas. O preço cobrado pode ser menor para um cliente que seja identificado como interessante, ou maior para aqueles que não sejam atraentes, como quando tem-se que ser ativa com um *maricona* de mais idade. Inflacionar o valor do programa pode ser uma estratégia para desestimular o cliente a concretizá-lo. Caso esta estratégia não funcione, o preço mais elevado serve como uma espécie de compensação para a travesti, já que realizará um esforço maior: deitar-se com um homem não desejável. Nesse sentido, nota-se que a performance de gênero masculina

³²³ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

³²⁴ Depoimento de Soraya – 15 de março de 2011.

³²⁵ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

funciona como um capital acionado pelos clientes na negociação dos programas. Os homens estão cientes disso, e a maior parte deles, particularmente os rapazes mais jovens, buscam abatimentos no valor do programa, pois se consideram, e as travestis legitimam a ideia de que eles são: homens de verdade. Tamara avalia a diferença entre o cliente jovem e o mais velho:

Na hora de fazer o programa os mais novo são melhores; mas, assim, de dinheiro, os mais velhos são melhores ainda! (risos) Aham... por sempre os mais velhos quer... Os mais novinho quer pagar, às vezes a metade do preço que a gente cobra... ou, oitenta... Oitenta! Ou 30% do preço que a gente cobra, assim, entendeu?! [...] Já os outros não; os mais velhos não, tão acostumados já. Já vai... com o dinheiro certinho, pra sair com a gente.³²⁶

Essa não é uma situação particular. Tatiana também descreve um acontecimento em que clientes jovens reivindicam descontos ou até mesmo a gratuidade do programa:

Parou um Astra vinho, eu tinha até que falar a placa, mas não pode né?!, pra destruir; ele parou com dois... tinha quatro amigos dentro do carro, dois novinhos e dois garotões, um desceu e começou a me abraçar, me apertar,, e eu não gosto que homem fica me abraçando, como eu falei lá atrás, eu não gosto de garotão, nunca fui muito fã. [...]. Porque garotão não paga. Garotão não vai me adquirir nada, não vai mudar meu poder aquisitivo na minha conta bancária. O cliente sim; as mariconas que sai comigo, os homens de mais idade, pagam. [...], e garotão quer brincadeira, então, já não... não tenho afinidade e nem quero ter, não é bom.³²⁷

Nesse mercado do sexo, desejo e prazeres, a idade tem muita relevância. Ao constatar que os clientes considerados mais velhos já vão com o dinheiro certo para pagá-la, Tamara indica que eles não dispõem de outra forma de capital para negociar o programa, como ocorre com os mais novos. Essa situação reforça a reflexão, já indicada, de que não é apenas a troca financeira que se faz presente. Ainda que por vias sinuosas, o prazer integra a experiência da prostituição e pode indicar, também, a permanência de modelos de dominação e exploração que são redesenhados sob um discurso de autonomia de liberdade.

Como se viu, em alguns momentos o cliente preferido pode ser de um rapaz jovem, e noutros um homem mais velho, dependendo do interesse da travesti na realização de cada programa. Kyara, por exemplo, é taxativa ao dizer que prefere *os coroas*:

Ah... eles me agradam , me elogiam! Ahhm... me tratam bem , entendeu?! Por isso que eu falo que eu gosto mais dos coroas; os coroas são mais carinhosos. [...]. Olha, eu gosto mais dos coroas, dos mais velhos. Não gosto dos clientes novos, não sei porque! Eu gosto, sabe porque... os velhinhos, além de eles pagar mais, eu consigo ter mais paciência. Se eu quiser sair com eles, e falar assim chega, ah, tá bom... tchau, tchau, entendeu?! Os mais novinhos, os novinhos não; tá ali, ele só sai quando gozar. Os clientes mais velhos não. Eu falo assim: “Cabou!”, cabou, cabou. Eles não

³²⁶ Depoimento de Tamara – 08 de junho de 2011.

³²⁷ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

arrumam confusão, não faz nada. Se eu falar que cabou, cabou, eu saio do quarto e eles quieto, ficam com medo e vai embora. E... não sei, ah, não sei, não consigo sair com cliente novo.³²⁸

Kyara toca no ponto da dinâmica de negociação com o cliente durante a realização do programa. Mas, e como se dá o contrato para eles saírem para o programa? O que eles querem saber sobre elas? Durante as observações feitas no campo de pesquisa presenciei, à distância, diversas abordagens feitas por clientes: de carro, moto, bicicleta, a pé; homens sozinhos, com amigos; programas que foram realizados na rua, na esquina, no hotel próximo da Rua Formosa, no interior de veículos, na praça da igreja. Além dessa possibilidade de acessar diretamente a travesti na pista, muitos clientes recorrem ao telefone, quando já possuem o seu número (apenas uma das dezesseis entrevistadas, disse ter anúncio em jornais e sites da internet, e assim consegue agendar programas mesmo sem ter tido contato prévio com o cliente). Como elas disseram:

É... eu tenho cliente de... desde quando eu comecei, sempre... apesar de eu... parei de ir pra rua mas continuo atendendo por telefone. Tem cliente que me acompanha desde quando eu comecei. Sai comigo até hoje.³²⁹

Ligam! Olha; já tem um que me ligou pra fazer um programa hoje! Um amanhã; tenho um domingo. Tem um segunda; tudo cliente de rua. [...]. Um me pega em casa e os outros me pegam na rua e me leva pro motel; ou marca em algum lugar e vou.³³⁰

E aí quando a gente sai e gosta, pega o número do telefone da gente e liga pra gente. Alguns pede e liga, outros pede, e nem sei pra que...³³¹

E na pista, como é feito esse contrato? Sofia diz que:

Tem cliente que gosta de sair, mas não gosta de ficar rodando muito, pra ninguém observar ele rodando ali naquela região. [...]. Aí, passa uma vez só. Se te viu, sabe que você tá na rua; dá uma rodada só, aí quando ele quer sair mesmo, dá uma volta no quarteirão, te pega sai, e te deixa na rua de novo. Homem casado, principalmente, não gosta de ficar rodando muito tempo; a não ser quando aqueles... alguns enjoados que ficam rodando direto, que a gente sabe que gosta de sair, não adianta! Fica rodando direto, pra ver tipo assim, acha que você tá na rua hoje, aí fica rodando, rodando, rodando, rodando, pra ver se você volta de algum programa, ou pra ver se você vai chegar, aí às vezes acaba não saindo com ninguém. Aí fica atrapalhando até a gente trabalhar.³³²

³²⁸ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

³²⁹ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

³³⁰ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

³³¹ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

³³² Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

E quando esses clientes param, o repertório de perguntas que eles fazem é basicamente o mesmo:

Ah, o cliente chega na rua, e tipo assim, ele gostou de você, vai parar, vai te chamar, aí tá, vai perguntar quanto que é, né?! , o programa, aí você vai e dá o seu preço e tal, aí vai e tem toda a negociação... “Ah... vai por tanto...!”. Tem uns que negocia antes de ir, entendeu?! [...]. Alguns perguntam, se você é ativa e passiva, outros não perguntam, já... tipo assim, já sai com você, lá na hora é o que der... tipo assim, se você for passiva e ativa, se você for só passiva, ou se você for só ativa, aí o negócio vai ser ali na hora.³³³

Eles já perguntam: “O que que você faz?”. Eu falo: “Sou ativa e passiva.” Aí ele... vamos lá então. Eles preferem assim. [...]. Geralmente quando perguntam, chega na hora eles são mais passivos. Quando pergunta isso.³³⁴

É quando o carro pára; ele para o carro e pergunta: “Quanto que é o programa?”, aí a gente fala. O oral é um preço; o programa no carro é um preço, e o programa no motel é outro preço. Aí ali combina antes, entendeu? [...]. É, o que vai fazer... quando entra no carro, recebe o dinheiro adiantado e faz o que tem que fazer.³³⁵

Ah, ele pergunta como eu sou e eu vou respondendo o que ele quer ouvir. Aí, tá, ele pergunta: “Local?”, eu falo assim: “Não tenho.” Aí, ele pergunta: “Atende de dia?”, “Sim”; “Faz o que? Ativa, passiva, flex, versátil?”, “Tudo”. Aí pergunta: “Saí com casal?”, “Sim”; “Faz sexo com a mulher?”, “Sim”, e assim vai... eu vou falando os preços, até chegar num acordo com ele; aí, se ele gostar do meu serviço, ele vira meu cliente, entendeu?!³³⁶

“Você é passiva ou ativa?” Eu falei: “Eu sou obediente.” [...]. “Mas, como assim?”, Eu faço tudo que você pedir, ou melhor, mandar.³³⁷

A posição sexual assumida pela travesti é um dos fatores importantes para a concretização ou não do programa. Elas relatam, ainda, que o tamanho do pênis é algo que chama a atenção dos clientes, particularmente daqueles que são vistos como mariconas.

Pergunta se você é bem dotada. “Você é bem dotada?”. É, perguntam eles perguntam! [...]. “Sobe? O negócio é duro?” Aí a gente fala, a gente fala.³³⁸

Eles já param pra você e perguntam: “Qual o seu dote?”; é a primeira pergunta. “Fica duro?”, são as perguntas. “Qual o seu dote?”, você responde, eles falam: “Fica duro?”; e se chegar no quarto e não ficar, eles querem confusão, eles nem tocam no seu corpo.³³⁹

³³³ Depoimento de Tuany – 21 de setembro de 2011.

³³⁴ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

³³⁵ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

³³⁶ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

³³⁷ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

³³⁸ Depoimento de Stéfany – 22 de julho de 2011.

³³⁹ Depoimento de Tatiana – 02 de março de 2011.

Não adianta mentir... tá bom... se eu fosse só passiva, “você é ativa?”; sou ativa... chega na hora, dá confusão. Ele quer... ele quer ser passivo, e aí? Como que eu vou fazer? Tem que muitos... quase muitos deles não aceitam de você levar brinquedinho, você levar é... consolo, muitos não aceitam não. Eu tenho... tenho dois três, de treze a vinte e seis centímetros. Então, o que que acontece, muitas das vezes eles não aceitam, porque eles não querem aquilo. Porque muitas são só passivas, elas usam consolo; em clientes que aceitam, mas tem uns que não aceitam. E, dificilmente você consegue enganar. Tem uns que é adaptado na calcinha... mas eles querem meter a mão, aí acaba vendo... aquela borracha rígida demais, aí é complicado.³⁴⁰

Roberta, que se diz obediente na hora do programa, vale-se da ideia recorrente que se tem sobre o tamanho do pênis dos sujeitos negros. Como ela é negra, muitos *mariconas* a procuram por suporem que ela, negra, alta e *encorpada*, tem um pênis *avantajado*.

Assim, acontece bastante, eu não digo que não aconteça... acontece bastante, e principalmente assim, por eu ser negra; negra alta, aí aquela fantasia, equivocada deles (risos). [...]. Que você é negra, é bem dotada, aquela coisa toda, então, geralmente... uns chegam e fala na cara, no cara a cara: “Olha, eu quero você. Ah, porque você é negra, negra é bem dotada, aquela coisa toda, negra tem força, tem isso, tem aquilo...”. Eu não digo que não, se eu disser que não ele não sai comigo, né?!; eu só concordo, eu também, eu não minto, eu omito... eu não falei nada que eu tenho... eles falam assim “vamos?”... vamos... várias pessoas fazem isso.³⁴¹

E é por isso que ela diz que jamais pretende fazer a cirurgia de transgenitalização, pois seu pênis:

Nossa, tem uma utilidade e tanto. Já pensou, eu acordo e não dou de cara com meu amigo?! Eu dou bom dia pra ele; eu converso com ele, eu falo: “Querido, se você tivesse se alimentado melhor, você teria crescido. Acho que quando você era criança, você não se alimentou direito, não cresceu tanto.”; mas, é o que eu tenho, tô satisfeito com ele.³⁴²

Em algumas situações as aparências enganam, principalmente quando se trata dos clientes. Muitas vezes um cliente que parece ser um homem de verdade, acaba demonstrando, na cama, ser uma mariconna. Seria possível distinguir *bofes* e *mariconas* fora da cama?

Olha! Os clientes são... hoje em dia tá difícil da gente saber qual homem que é e num é! Porque eu já sai com muitos homens casados, que é pai mesmo, advogado, e chega na hora, em vez de ele me comer, queria que eu comisse ele. Mas comigo não rola esse tipo de programa assim; eu gosto de me sentir mulher, uma verdadeira cachorra ali, entendeu?!, na hora. É difícil, entendeu?!, eles querem aumentar até o preço. Entendeu?!, o valor; quer dobrar o valor que a gente pede.³⁴³

Hoje nós tamos num nivelzinho bem elevado, tem uns garotões que decepcionam. Às vezes para um carro e eu digo: “Nossa Senhora, eu vou tirar a minha barriga da

³⁴⁰ Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

³⁴¹ Idem.

³⁴² Idem.

³⁴³ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

miséria”, e quando chega lá, você tira a roupa, eles já começam me alisando de frente, no meio das pernas. Aí enfraquece a corrente, né?!³⁴⁴

Assim, torna-se anda mais válida a observação feita por Júlia, de que: “A gente só sabe quando é homem quando tá na cama.”³⁴⁵ A cama é a arena que determina a marcação do sujeito enquanto homem, gay, bicha. Na fala de Júlia, o gênero perde seu potencial definidor da identidade do sujeito, e a sexualidade é que assume este papel. Ora, para ser homem de verdade não basta ter uma performance de gênero masculina, é preciso ser ativo e viril na relação sexual. E esta delimitação se dá pelo tipo de contato com as partes sexualizadas do corpo: pênis, ânus, nádegas, seios, tanto da travesti quanto do próprio cliente.

³⁴⁴ Depoimento de Tatiana - 02 de março de 2011.

³⁴⁵ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

Considerações finais

A pergunta-título deste trabalho: *As aparências enganam?*, foi uma provocação que orientou minha trajetória ao longo do processo, que teve início no fim de 2009 quando comecei a delinear o projeto que daria sustentação à pesquisa que foi feita em 2010 e 2011. Penso esta pergunta como uma provocação, justamente porque ela tenciona um aspecto fundamental do debate sobre o tema em questão neste trabalho: a existência ou não de um gênero, um sexo e uma sexualidade que sejam verdadeiros, e os usos políticos feitos dessas dimensões, que envolvem a produção de sujeitos.

Se o gênero for pensado como a representação social da ordem sexual existente, pode-se concluir que, no caso das travestis, as aparências enganam. Todavia, a construção de gênero realizada pelas travestis está distante de uma tentativa de enganar, na medida em que o gênero é construído, compreendido e redimensionado como uma possibilidade de trânsito social, experimentação de sexualidades e mesmo como instrumento de trabalho. Nesse sentido, seria equivocado imaginar que as aparências enganam, porque o gênero das travestis não pretende ser a expressão de um *verdadeiro sexo*, mas apenas uma experimentação legítima de si, de seu corpo, suas potencialidades e limites.

As travestis, querendo ou não, representam uma possibilidade de transgressão, justamente na medida em que denunciam os limites da associação, socialmente definida, de que o gênero seria a expressão do sexo. Ainda que essas mesmas travestis atuem, na maior parte das vezes, na construção de femininos aceitáveis, legítimos na ordem masculina, não se pode negar que elas evidenciem os limites dessa lógica binária.

Não se pretendeu dizer *a verdade* sobre as travestis, enquadrando-as como transgressoras das normas ou simples reprodutoras do sistema binário de gênero e heteronormativo. O que se quis evidenciar é que ao analisar esses sujeitos, tem-se indícios interessantes para a compreensão de um cenário instigante formado por elementos de coerção e resistência. Ao mesmo tempo em que se vislumbra a existência de elementos coercitivos e pretensamente estruturantes, que são as normas de sexo-gênero-sexualidade, identifica-se processos de resistência, oferecidos, paradoxalmente, por sujeitos concebidos como desviantes, marginais e, em última instância, transgressores.

Avaliar a travestilidade como uma simples aceitação da norma seria desconsiderar os efeitos provocadores que ela permite. Isso significa que, embora de fato se verifique uma permanência do discurso tradicional de gênero tanto nas falas quanto no corpo e nas experiências vividas, as travestis põem em jogo uma série de possibilidades reivindicando sua autonomia corporal, por meio da experimentação de si. É possível que essas experimentações já ocorram no âmbito do privado, é verdade também que elas permanecem como tabu. Assim, as experiências das travestilidades aparecem como um campo em que os gêneros e as sexualidades tornam-se dizíveis; é o campo em que tudo pode, tudo é permitido, e merece uma apresentação espetacularizada. Para além do exotismo, as travestis parecem ser o bode-expiatório de uma sociedade que ainda pretende dizer-se nas entrelinhas, falar ocultando-se.

Em sua aula inaugural no Collège de France, ao ponderar sobre a questão dos discursos Foucault apresentou algumas reflexões:

[...], suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.³⁴⁶

As travestis podem ser percebidas como uma construção discursiva controlada, vigiada, dominada, mas que, todavia, é também um rompimento, já que conseguem escapar das regras e procedimentos que pretendem enquadrá-las. Ainda que se deva questionar a visão idílica que vislumbra na travestilidade o rompimento com todas as normas, não se pode ocultar seu potencial desestabilizador.

Por mais que o gênero seja reafirmado discursivamente como a expressão do biológico, na prática elas demonstram o contrário. As entrevistadas, quase em sua totalidade, assentiram que não são mulheres, por não possuírem vagina. Mas isso não foi colocado como impeditivo para que pudessem dedicar-se à elaboração de uma feminilidade. Como não dispunham de uma *essência* feminina, percebiam que seus esforços deveriam ser até maiores do que o das *mulheres de verdade*. Ser vaidosa, cuidar da aparência, são atributos eminentemente femininos, e é isso que elas advogam como recurso possível para se construir uma feminilidade que seja socialmente legitimada, ainda que seja no campo das experimentações sexuais, em que vale a elaboração de um feminino sexualizado. Essa busca pelos femininos possíveis e legítimos nem sempre tem ponto de chegada:

³⁴⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 09

Continuarei tentando me mudar, porque eu quero. Quero ser uma travesti bonita, eu acho isso legal. Porque um travesti já é vaidoso; às vezes é mais vaidoso que qualquer mulher, e eu quero ser assim.³⁴⁷

Ah, ser travesti é ser... ser o que eu gosto de ser, né?! Não ficar escondida atrás do armário, igual certas pessoas! Ser assumida... todo mundo. Aham!, é isso pra mim, ser travesti.³⁴⁸

[...] Não adianta, porque o nosso psicológico vai continuar sendo masculino; a gente vai continuar pensando... a gente pode ser feminina, o que for, mas vai continuar pensando como homem, só não vai continuar agindo como homem, mas o psicológico, a mente mesmo...³⁴⁹

As categorias de homem e mulher, masculino e feminino, biológico e psicológico, são embaralhadas e redefinidas nas experiências da travestilidade. Três, das dezesseis entrevistadas manifestaram interesse em realizar a cirurgia de transgenitalização; todas as demais disseram que jamais realizariam tal procedimento:

Eu, sabe?!, gosto de ser travesti, mas mudar de sexo, eu não tenho, não teria coragem não; não tenho vontade, entendeu?! Eu não tenho vontade de ser mulher. Eu quero sim, me sentir igual mulher, ter corpo de mulher, mas não ser mulher. Eu gosto de ser travesti; por mais que eu não use o meu órgão genital masculino, mas eu não tenho vontade de tirar. Eu num sei, um dia eu posso me arrepender, mudar de vida, entrar para uma igreja; eu não sei o meu futuro, entendeu?! Só Deus sabe!³⁵⁰

Em outro caso, o corpo feminino é descrito como uma realidade que, de fato, independe do órgão sexual ostentado. Isso não é uma ruptura com a normatividade de gênero? Analisando a literatura consultada nesta pesquisa, é-se levado a responder afirmativamente à questão posta. Enquanto a norma de gênero estabelece que o feminino e o masculino sejam a expressão social do biológico, as travestis sustentam um gênero que seria oposto à realidade biológica de seu corpo.

No caso, quem muda de sexo é aquela pessoa que é transexual. Eu não sou transexual, eu sou travesti. Eu posso até botar uma prótese, silicone, mas eu sou travesti. Por que? Porque eu tenho o corpo externo, tenho o corpo feminino, mas eu continuo tendo tesão e usando o que eu tenho na frente. Mas já a transexual é aquela coisa que já nasce com a cabeça feminina. Ela já nasce mulé, com a cabeça feminina; quer virar mulé, quer tirar, quer botar buceta. Eu já não tenho; então, essa é a transexual, é diferente.³⁵¹

Além deste argumento, foram comuns justificativas de que a não opção pela cirurgia dá-se em função do exercício da prostituição, já que, após operadas elas perderiam o seu

³⁴⁷ Depoimento de Brenda – 16 de março de 2011.

³⁴⁸ Depoimento de Tamara – 08 de junho de 2011.

³⁴⁹ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

³⁵⁰ Depoimento de Sabrina – 03 de julho de 2011.

³⁵¹ Depoimento de Kyara – 28 de julho de 2011.

diferencial, que é ser um sujeito feminino com pênis. Além do que, a vontade de realização da cirurgia de transgenitalização pode ser fruto de um desconhecimento que em última instância reflete a associação do biológico com o gênero. A opinião apresentada por Roberta reflete isso:

Porque eu não faria? Porque não me fascina. Nunca passou... não, digo assim que nunca. Quando eu era novinha eu queria fazer, porque queria virar mulherzinha; achando que travesti era mulher. Então, eu achava que teria que operar, aquela coisa toda. Só que, hoje em dia, eu gosto tanto do meu amiguinho, tadinho! (risos) Não posso tirá-lo daqui; abandoná-lo?, nunca! Ele me serve bastante!³⁵²

Ah, eu não penso em mudar de sexo não! É... passou esses dias na televisão, aí... a diferença entre transex e travesti. Quando o home vai procurar o travesti, ele vai procurar algo diferente: uma figura feminina com pênis; quando ele vai procurar a transex, ele sabe que já foi um homem e tem vagina. Então, se um homem for transar com uma pessoa que já tem vagina, então é melhor ele transar com a mulher em casa. Porque, às vezes, um homem procura a gente pela diferença que é, entendeu?!³⁵³

O mesmo argumento construído por Sofia pôde ser identificado na justificativa apresentada por Júlia, para a não realização da mudança de sexo:

Agora eu não posso... jamais vou fazer isso! Operar? Nunca, nunca! Dá onde vai vim meu sustento? Meu sustento é ele agora.³⁵⁴

Já que a proposta é perceber as várias nuances de uma mesma questão, é interessante verificar essas leituras sobre a opção por não fazer a cirurgia. Além dos argumentos já apresentados, há ainda uma noção de que ser travesti é melhor do que ser mulher, como definido por Andressa, de 17 anos:

Eu tenho mais sonho de colocar prótese, por que? Eu não acho close³⁵⁵ você ser transexual, porque depois da troca de sexo, você vira mulher; que graça tem mulher? Casar, ter filhos... acabou a vida de mulher. Ah, já vida de travesti é um close, né?! você com peitão, toda mulheríssima, cabelão, belíssima... belíssima, mas ser travesti. Ah... eu acho, eu acho. Porque eu gosto de surpreender o povo; chegar naquele lugar, isso, aquilo, depois as pessoas: “Mentira...”. Ah, eu adoro esse close, adoro!³⁵⁶

O argumento de Andressa tem como parâmetro uma feminilidade tradicional, que se encontra subserviente ao masculino. O que, bem se sabe, não é regra atualmente. Ela considera que a vida de mulher é muito previsível, enquanto que a da travesti é marcada por

³⁵² Depoimento de Roberta – 21 de junho de 2011.

³⁵³ Depoimento de Sofia – 20 de julho de 2011.

³⁵⁴ Depoimento de Júlia – 31 de agosto de 2011.

³⁵⁵ Termo êmico utilizado para se referir a alguma situação interessante, marcante, de reconhecimento.

³⁵⁶ Depoimento de Andressa – 01 de setembro de 2011.

fortes emoções. O close dado a cada momento, em cada lugar que ela aparece, é valorizado como um elemento positivado, talvez como forma de minimizar as muitas situações de constrangimento pelas quais ela já passou. A imagem de mulher acionada pelo exemplo, remete a uma compreensão de que a mulher é a mãe, a dona de casa; enquanto que ela, sendo travesti, advoga para si outro feminino: o erotizado, que socialmente é representado na figura da prostituta. Esse é um paradoxo, ainda em vias de ser analisado.

Para finalizar, após ter indicado diversas situações adversas que envolvem a experiência da travestilidade, gostaria de apresentar a empolgante fala de Pauline. Não espero, com isso, minimizar as violências, discriminações, sofrimentos e agonias que permeiam as trajetórias desses sujeitos. Todavia, creio ser relevante destacar, como me esforcei ao longo do trabalho, que este cenário não é tão cinza quanto alguns o pintam, tampouco colorido como o arco-íris, reivindicado por muitos outros e outras. Como toda realidade, é repleta de tons, nuances, cheiros, sabores, texturas. Para Pauline, ser travesti é:

Ah, um luxo. Adoro ser travesti, tenho orgulho! Te juro... te juro; e nunca quero passar [como] mulher, quero sempre ser travesti. Passar na rua, todo mundo parar e olhar. Que é o centro das atenções, o travesti. Te juro! Ai, é bem gostoso! Só que tem seus lados ruins também, né?!, que eu te falei; mas é uma delícia! [...]³⁵⁷

³⁵⁷ Depoimento de Pauline – 03 de julho de 2011.

Referências bibliográficas

Livros, artigos e teses:

ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário**: homossexualidade, casamento, família. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2010.

ALTOÉ, André Pizetta. A TFP em Campos dos Goytacazes: a participação feminina e a luta pela unidade. In: SILVA, Marinete dos Santos (org.). **Gênero, tradição e poder na terra do coronel e do lobisomem**. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, 2009.

ANDRIMANI, Danilo. **Nicola**: um romance transgênero. São Paulo: Summus, 1999. (Edições GLS)

ARÁN, Márcia e PEIXOTO Jr, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 129-147

ARAÚJO Jr, Jose Carlos de. **A metamorfose encarnada**: travestimento em Londrina (1970-1980). Campinas – SP, 2006. (disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000376582>)

BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos, 328)

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A construção da realidade social**. 31. ed., Petrópolis: Vozes, 2009.

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu** (31), julho-dezembro de 2008, p. 315-362.

BERUTTI, Eliane Borges. **Gays, lésbicas, transgenders**: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BILA, Fábio Pessanha. **Cidadania sob o sol de Ipanema**: os gays da Farme de Amoedo e suas estratégias de afirmação. Campos dos Goytacazes: UENF, 2009. (dissertação de mestrado – mimeo)

_____. **O médico, o padre e o jornalista:** mídia, justiça e homofobia em Campos dos Goytacazes. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, 2006.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, s.d.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

BUTLER, Judith P. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Problemas de gênero:** feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 375-405.

CARVALHO, José Jorge. **O olhar etnográfico e a voz subalterna.** Brasília: Série Antropologia/UNB - 261, 1999.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa?:** identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASTLE, Terry. A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: ROSSEUAU, G.S. et all (orgs.). **Submundos do sexo no Iluminismo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O nativo relativo.** Mana, vol. 8, nº 1; Rio de Janeiro, 2002.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Bastidores e estreias:** performers trans e boates gays “abalando” a cidade. Fortaleza: Universidade federal do Ceará, 2009. (dissertação de mestrado em Sociologia – mimeo)

COMBESSIE, Jean-Claude. **O método em sociologia:** o que é, como faz. São Paulo: Loyola, 2004.

DUBY, Georges e ARIÈS, Philippe. **História da vida privada:** da Revolução Francesa à Primeira Guerra. V. 4, 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** 23. ed., São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos 85)

FERNÁNDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes**: travestismo e identidade de gênero. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 16. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural – Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. **Pra inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 10. ed., Petrópolis/RJ, 2008.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. In: **Etnográfica**, vol. X (1), 2006. p. 161-173

GREEN, James N. e POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Baú de Histórias)

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE Jr, Jorge Leite. “Que nunca chegue o dia que irá nos separar”: notas sobre epistêmê arcaica, mutilados e suas (des) continuidades modernas. **Cadernos Pagu** (33), julho-dezembro de 2009, p. 285-312.

_____. **“Nosso corpos também mudam”**: sexo, gênero e a invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico. São Paulo: PUC-SP, 2008. (mimeo)

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu** (11) Campinas: UNICAMP, 1998, p. 107-125.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, p. 249-281.

MALINOWISK, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. 4. ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.

NEVES, José Luiz. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em administração**. vol. 1, nº 3, 2º semestre de 1996.

PELÚCIO, Larissa M. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, p. 217-48.

_____. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERLONGHER, NÉSTOR. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. 1. reimp., São Paulo: UNESP, 1998.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. In. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 149-174.

PRIEUR, Annick. **Mesma's House, Mexico City**: on travestites, queens and machos. University of Chicago, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Paulo Reis dos. **Entre necas, peitos e picumãs**: subjetividade e construção identitária das travestis do Jardim Itatinga. São Paulo: UNICAMP, 2008. (dissertação de mestrado – mimeo)

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992.

_____. **Prefácio a Gender and Politics of History**. **Cadernos Pagu** (3), p. 11 – 27, 1994.

SILVA, Fagno Pereira da. **Ordem tensa na pista**: as rotinas da prostituição travesti na cidade de Campos dos Goytacazes. Monografia UFF / Serviço Social – Campos dos Goytacazes, 2009. (mimeo)

SILVA, Hélio. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, Marinete dos Santos e BILA, Fábio P. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. **Dimensões** – Revista de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, vol. 23, 2009.

SILVA, Marinete dos Santos e SANTOS, Rafael F. G. dos. O travesti, a travesti: nomeação, trajetórias, perdas e ganhos. In: **CONLAB**, nº XI, 2011, Salvador-BA. (anais eletrônicos)

SIMÕES, Soraya Silveira. **Vila Mimosa**: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca. Niterói: EdUFF, 2010.

SOUSA, Ilnar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. 2. ed., São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

SZAZS, Thomas S. **A fabricação da loucura**: um estudo comparativo entre a Inquisição e o Movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VENTURA, Miriam. **A transexualidade no tribunal**: saúde e cidadania. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

VEYNE, Paul. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

WALKOWITZ, Judith. Sexualidades peligrosas. In: In: DUBY, George e PERROT, Michelle. **História de las mujeres em Occidente**. Madrid: Taurus, 1992.

WEEKS, Jeffrey. Apud: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 90-1.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

_____. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

ZELIZER, Viviana A. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu** (32), janeiro-junho de 2009, p. 135-157.

Sites:

maps.google.com.br/maps?hl=ptBR&q=mapa+de+campos+dos+goytacazes&um=1&ie=UTF8&hq=&hnear=Campos+dos+Goytacazes++RJ&gl=br&ei=wJwqTKTNCIPGlQeJ0piIBA&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CBoQ8gEwAA - Acessado em 29 de junho de 2010.

rhetoric.berkeley.edu/faculty_bios/judith_butler.html - Judith Butler

www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm - Acessado em 28 de março de 2011.

http://www.ggb.org.br/imagens/Tabelas_COMPLETAS_2008_-_assassinatos.pdf - Acessado em 20 de junho de 2010.

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/05/472102.shtml> - Acessado em 20 de junho de 2010.

www.ggb.org.br/imagens/Tabela%20geral%20Assassintos%20de%20Homossexual%20Brasil%202010.pdf – Acessado em 17 de janeiro de 2012.

www.ozknews.com.br – Acessado em 02 de janeiro de 2012.

www.youtube.com/watch?v=FyIhayHXO2I – Documentário *Muito prazer: travestis e transexuais de Juiz de Fora* (parte 1)

Jornais e revistas:

Jornal A Cidade – 03 de maio de 2002.

Jornal O Diário – 19 de agosto de 2006.

Jornal O Diário – 21 de agosto de 2006.

O Diário – 10 de agosto de 2004.

O Diário – 10 de maio de 2004.

Revista Época. **Amor e ódio aos gays**. Editora Globo, n. 668; 07/03/2011. p. 96-102. 122 p.

Revista Marie Claire. **Taiti**: os homens-flores de Bora-Bora., São Paulo, n. 132, p. 22-31, mar. 2002.

Revista Viver Mente e Cérebro. **Existe escolha? As múltiplas raízes da homossexualidade**. São Paulo, n. 165, reportagem de capa.

Revista Piauí. **Como mudar de sexo**. São Paulo, ano 4, n. 43. Abril de 2010. p. 37-42

Entrevistas:

1. Depoimento concedido por Sabrina em 03 de julho de 2011 na Rua dos Andradas.
2. Depoimento concedido por Soraya em 15 de março de 2011 em sua residência
3. Depoimento concedido por Sofia em 20 de julho de 2011 em sua residência.
4. Depoimento concedido por Thábata em 27 de julho de 2011 na Praça Tiradentes, na Avenida 7 de Setembro.
5. Depoimento concedido por Kyara em 28 de julho de 2011 em sua residência.
6. Depoimento concedido por Júlia em 31 de agosto de 2011 em sua residência.
7. Depoimento concedido por Tuany em 21 de setembro de 2011 na residência de uma amiga sua.

8. Depoimento concedido por Pauline em 03 de julho de 2011 na Rua Formosa.
9. Depoimento concedido por Roberta em 21 de junho de 2011 em sua residência.
10. Depoimento concedido por Tamara em 08 de junho de 2011 em sua residência.
11. Depoimento concedido por Eloah em 20 de julho de 2011 na Praça Tiradentes, na Avenida 7 de Setembro.
12. Depoimento concedido por Tatiana em 02 de março de 2011.
13. Depoimento concedido por Stéfany em 22 de julho de 2011 na Praça Tiradentes, na Avenida 7 de Setembro.
14. Depoimento concedido por Andressa em 01 de setembro de 2011 na Praça Tiradentes, na Avenida 7 de Setembro.
15. Depoimento concedido por Brenda em 16 de março de 2011 nas proximidades da Câmara Municipal.
16. Depoimento concedido por Beatriz de Castro em 12 de março de 2011 na Rua dos Andradas.

ANEXO 1 – Quadro 03: Características das entrevistadas

Tuany	31	E. M.	Família	CG - RJ	CG - RJ	Cabeleireira	Branca	-
Beatriz	19	6º ano E. F.	Família	CG - RJ	CG - RJ	P. S.	Branca	-
Eloah	16	7º ano E. F.	Família	CG - RJ	CG - RJ	P. S.	Negra	-
Pauline	25	E. F. completo	Família	CG - RJ	CG - RJ	P. S.	Branca	-
Júlia	25	2º ano E. M.	Família	CG - RJ	CG - RJ	P. S.	Negra	-
Sofia	23	E. M. completo	Família	CG - RJ	CG - RJ	Cabeleireira	Negra	-
Andressa	17	3º ano E. M. (cursando)	Sozinha	Resende - RJ	CG - RJ	P. S.	Parda	1 ano
Tatiana	23	1º ano E. M.	Sozinha	CG - RJ	CG - RJ	P. S.	Afro	-
Tamara	19	2º ano E. M.	Sozinha	Macaé - RJ	Itaiva - RJ	P. S.	Negra	-
Stéfany	30	8º ano E. F.	Família	CG - RJ	CG - RJ	Cabeleireira	Branca	-
Soraya	32	E. M. e Técnica em Enferm.	Sozinha	Astolfo Dutra - MG	CG - RJ	P. S.	Branca	+ de 10 anos
Brenda	27	1º ano do E. M.	Patrões	Mimoso do Sul - ES	CG - RJ	Doméstica	Parda	5 anos
Kyara	23	9º ano E. F.	Sozinha	Rio de Janeiro - RJ	CG - RJ	P. S.	Parda	11 anos
Sabrina	24	1º ano E. M.	Sozinha	Colatina - ES	CG - RJ	P. S.	Branca	4 anos
Thábata	16	6º ano E. F.	Família	CG - RJ	CG - RJ	-	Negra	-
Marcela	33	E. M. e Técn. em Enferm.	Família	CG - RJ	CG - RJ	Vendedora	Negra	-
	Idade:	Escolaridade:	Mora com:	Naturalidade:	Residência atual:	Profissão:	Raça/Etnia:	Tempo que reside em Campos:

*Dados produzidos à época das entrevistas, realizadas entre março de setembro de 2011. **P. S.** – Profissional do Sexo **CG** – Campos dos Goytacazes

ANEXO 2 – Imagens da *pista* de Campos dos Goytacazes

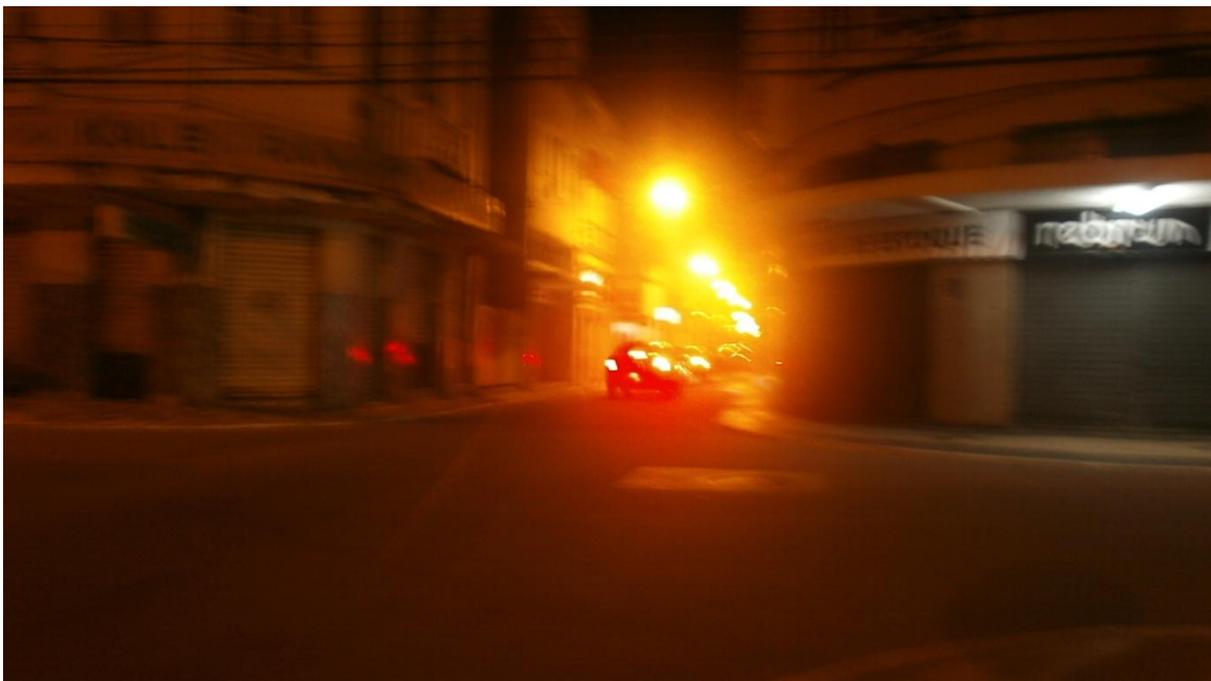
Júlia fazendo pose na Rua dos Andradas.

Foto: Rafael França G. dos Santos, 21 de setembro de 2011.



Uma rua, dois momentos: os carros e o comércio; e os passos de Júlia na Rua dos Andradas.

Foto: Rafael França G. dos Santos, 21 de setembro de 2011.



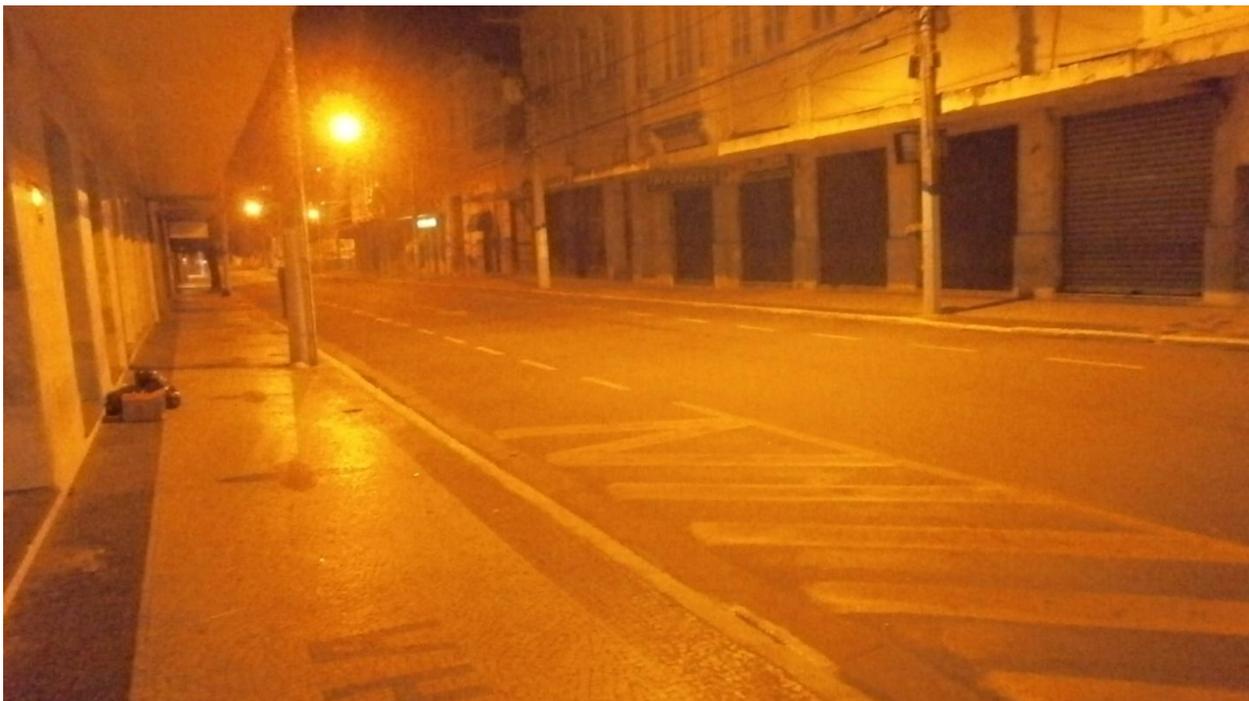
Rua dos Andradas sendo cortada pela Avenida 7 de Setembro.

Foto: Rafael França G. dos Santos, 26 de julho de 2011.



Avenida 7 de Setembro e Rua dos Andradas.

Foto: Rafael França G. dos Santos, 26 de julho de 2011.



Avenida 7 de Setembro: uma rua, duas realidades.

Foto: Rafael França G. dos Santos, 26 e 27 de julho de 2011.

ANEXO 3 – Roteiro da entrevista semiestruturada

Esta entrevista está sendo realizada na cidade de Campos dos Goytacazes, tendo início às _____ h e _____ min. Hoje, dia _____ de _____ de 20____, eu, Rafael França Gonçalves dos Santos, realizo esta entrevista com _____, que está ciente de que seu depoimento será utilizado no trabalho que realizo para o curso de mestrado na UENF; sendo respeitado o sigilo de sua identidade. Está (ão) presente no momento da gravação desta entrevista: _____, _____ e _____.

- Nome:
- Idade:
- Escolaridade:
- Profissão:
- Naturalidade:
- Cor (etnia):
- Há quanto tempo está em Campos dos Goytacazes?
- Como foi a relação com os familiares desde a infância?
- Quando e como começou a transformação do corpo? Esta transformação esteve ligada à sua entrada na prostituição?
- Fez alguma cirurgia ou aplicou silicone? Onde?
- Toma ou tomou hormônios? Quem indicou? Teve alguma reação ruim?
- O significado da prostituição para você: necessidade, prazer, dinheiro?
- Características femininas presentes em você.
- O que você tem de masculino?
- Quando seu corpo estará pronto?
- As principais características que um homem deve ter são: ...
- Qual a diferença entre clientes e namorados?
- Como são os clientes bofes? E as mariconas?
- Que tipo de cliente mais lhe agrada? Por quê?
- Como os clientes lhe tratam? (carinho, frieza etc.)
- Como é feito o contrato entre você e o cliente?
- O que é mais prazeroso na relação com o cliente?
- De que maneira você vivencia a travestilidade? Como um meio para a prostituição? Como uma etapa que pode anteceder a cirurgia de mudança de sexo? É para a vida toda?
- Exerce, ou já exerceu, outra atividade remunerada fora da prostituição? Qual? Se não, por que?
- O que há de positivo em ser homem? E em ser mulher?
- Para você, ser travesti é ...

ANEXO 4 – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na Pesquisa Trans-Corporalidades, que tem como objetivo investigar o processo de transformação corporal realizado por travestis.

Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o Pesquisador em seu acervo particular.”

Campos dos Goytacazes, ____ de _____ de 2011.

Participante: _____

Assinatura: _____

Endereço: _____

Documento: _____

Pesquisador: Rafael França Gonçalves dos Santos

Instituição: Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política